INSTITUTO MICHAEL - BRASIL

CORPUS HERMETICUM

De Hermes Trismegisto

Índice

CORPUS HERMETICUM 1
I - POIMANDRES 1
IIA - DE HERMES A TAT: DISCURSO UNIVERSAL 5
IIB - Título perdido 5
III - DISCURSO SAGRADO DE HERMES 7
IV - DE HERMES A TAT: A CRATERA OU A MÔNADA 8
V - DE HERMES A SEU FILHO TAT 9
VI - O BEM EXISTE APENAS EM DEUS E EM NENHUMA OUTRA PARTE. 11
VII - O MAIOR DOS MALES ENTRE OS HOMENS CONSTITUI IGNORANCIA RELATIVAMENTE A DEUS 12
VIII - NENHUM DOS SERES PERECE E É ERRONEAMENTE QUE SE CHAMAM AS MUTAÇOES DE DESTRUIÇÕES E MORTES 13
IX - SOBRE A INTELECÇÃO E A SENSAÇÃO 14
X - A CHAVE (DE HERMES TRISMEGISTOS) 17
XI - DE NOÚS A HERMES 21
XII - SOBRE O INTELECTO COMUM (HERMES A TAT) 24
XIII - DISCURSO SECRETO SOBRE A MONTANHA, RELATIVO À REGENERAÇÃO E A REGRA DO SILÊNCIO. 28
Hino Secreto; Discurso IV 30
XIV - DE DEUS CRIADOR (HERMES TRISMEGISTOS A ASCLÉPIOS) 31
XV 32
XVI - AS DEFINIÇOES; ASCLÉPIOS AO REI AMMON 32
XVII 35
XVIII -DOS ENTRAVES ACARRETADOS À ALMA PELO QUE SUCEDE AO CORPO 35
Acerca do louvor ao Ser supremo - Elogio do rei. 36
DISCURSO DA INICIAÇÃO OU ASCLEPIOS LIVRO SAGRADO DEDICADO A ASCLÉPIOS 38
Rota da Imortalidade 55
Invocação 55
TÁBUA DE ESMERALDA 58

I - POIMANDRES

1 Um dia, em que comecei a refletir acerca dos seres, e meu pensamento deixou-se planar nas alturas enquanto meus sentidos corporais estavam como que atados, como acontece àqueles atingidos por um sono pesado pelo excesso de alimentação ou de uma grande fatiga corporal, pareceu que se me delineava um ser de um talhe imenso, além de toda medida definível, que me chamou pelo meu nome e disse: "Que desejas ouvir e ver, e pelo pensamento aprender a conhecer?"

2 E eu lhe disse "Mas tu, quem és?". - "Eu", disse ele, "eu sou Poimandres, o Noús da Soberania absoluta. Eu sei o que queres e estou contigo em todo lugar".

3 E eu disse: "Quero ser instruído sobre os seres, compreender sua natureza, conhecer Deus. Oh! como desejo entender!" Respondeu-me ele por sua vez: "Mantém em teu intelecto tudo o que desejas aprender e eu te instruirei."

4 A essas palavras mudou de aspecto e, subitamente, tudo se abriu diante de mim num momento, e tive uma visão sem limites, tudo tornou-se luz, serena e alegre, e ao vê-la apaixonei-me por ela. E pouco depois surgiu uma obscuridade dirigindo-se para baixo, em sua natureza assustadora e sombria, enrolando-se em espirais tortuosas, como uma serpente, foi assim que a percebi. Depois esta obscuridade transformou-se numa espécie de natureza úmida, agitada de uma maneira indizível e exalando um vapor, como o que sai do fogo e produzindo uma espécie de som, um gemido indescritível. Depois lançando um grito de apelo, sem articulação, tal que o comparei a uma voz de fogo, e ainda que saindo da luz auto-existente; um Verbo santo veio cobrir a Natureza, e um fogo sem mistura exalta-se da natureza úmida em direção à região sublime, era leve, vivo e ativo ao mesmo tempo; e o ar, sendo leve, seguia ao sopro ígneo elevando-se ao fogo, a partir da terra e da água, de forma a parecer preso ao fogo; pela terra e pela água, permaneciam no mesmo lugar, se bem que não se percebesse a terra separada da água: estavam continuamente em movimento sob a ação do sopro do Verbo que colocara-se sobre elas, segundo percebia minha audição.

6 Então disse Poimandres: "Compreendeste o que esta visão significa?" E eu: "Eu o saberei". - "Esta luz" disse ele" sou eu, Noús, teu Deus, aquele que existe antes da natureza úmida que apareceu fora da obscuridade. Quanto ao Verbo luminoso saído do NOÚS, é o filho de Deus.” "Quem então?", disse eu. -"Conheça o que quero dizer através do que em ti vê e ouve (o teu íntimo), é o Verbo do Senhor, e teu Noús é o Deus Pai; não são separados um do outro, pois esta união é que é a vida." - "Eu te agradeço" - disse. - "Agora fixa teu espírito sobre a luz e conhece isto".

7 A essas palavras, olhou-me bem de frente um tempo bastante longo, se bem que eu tremesse pelo seu aspecto. Depois, como ele elevasse a cabeça, vi em meu Noús a luz consistente em um número incalculável de Potências, tornada um mundo sem limites, ainda que o fogo estivesse envolvido por uma força todo poderosa, e assim, solidamente contido, atingia seu equilíbrio: eis o que distingui pelo pensamento nesta visão, encorajado pela palavra de Poimandres.

8 Como eu estivesse ainda totalmente fora de mim, disse-me ele novamente: "Viste no Nods a forma arquetípica, o pré-princípio anterior ao começo sem fim." Assim me falou Poimandres. - "Ora, disse eu, de onde surgiram os elementos da natureza?" - Respondeu: "Da Vontade de Deus, que, tendo nela recebido o Verbo e tendo visto o belo mundo arquetípico, o imitou feita como foi em um mundo ordenado, segundo seus próprios elementos e seus próprios produtos, as almas.

9 "Ora o Noüs Deus, sendo macho e fêmea, existente como vida e luz, faz nascer de uma palavra um segundo Noôs demiurgo que, sendo deus do fogo e do sopro, criou Sete Governadores, os quais envolvem nos seus círculos o mundo sensível; e seu governo se chama o Destino.

10 Logo o Verbo de Deus lançou-se fora dos elementos postados embaixo para esta pura região da natureza que acabava de ser criada, e se uniu ao Noús demiurgo (pois era de mesma substância) e, por esta razão, os elementos inferiores da natureza foram entregues a si próprios desprovidos de razão, de forma a nada mais ser que simples matéria.

11 Porém o Noús demiurgo, conjuntamente com o Verbo, envolvendo os círculos e fazendo-os girar zumbindo, coloca desta forma em ação o movimento circular de suas criaturas, deixando-as fazer a sua revolução segundo um começo indeterminado até um término sem fim, pois começa onde se acaba. E esta rotação dos círculos, segundo a vontade do Noús, produziu, tirando-os dos elementos que se precipitavam para baixo, animais irracionais (pois não mantinham o Verbo próximo de si), o ar produziu os voláteis e a água, os nadadores. A água e a terra foram separadas uma da outra, segundo a vontade do Noús, e a terra fez sair de seu próprio seio os animais que em si mesma retinha - quadrúpedes e répteis, bestas selvagens e domésticas.

12 Ora o Noús, Pai de todos os seres, sendo vida e luz, criou um ser humano semelhante a ele, pelo qual sentiu tanto amor como por seu próprio filho. Pois o ser humano era muito belo, reproduzido a imagem de seu Pai: pois é verdadeiramente de sua própria forma que Deus tornou-se amoroso e legou-lhe todas as suas obras.

13 Ora, assim que percebeu a criação que o demiurgo fizera no fogo, o ser humano quis produzir, também, uma obra e o Pai deu-lhe permissão. Entrando então na esfera demiúrgica, onde deveria ter plenos poderes, percebeu as obras de seu irmão e os Governadores apaixonaram-se por ele e cada um deu-lhe parte de sua própria magistratura. Tendo então aprendido a conhecer sua essência e tendo recebido participação de sua natureza, quis atravessar a periferia dos círculos e conhecer a potência daquele que reina sobre o fogo.

14 Então o Homem, que tinha pleno poder sobre o mundo dos seres mortais e animais irracionais, lançou-se através da armadura das esferas e rompendo seu envoltório fez mostrar à Natureza de baixo, a bela forma de Deus. Quando ela o viu, o ser que possuía em si a beleza insuperável e toda a energia dos Governadores aliada à forma de Deus, a Natureza sorriu de amor, pois tinha visto os traços desta forma maravilhosamente bela do ser humano se refletir na água e sua sombra sobre a terra. Tendo ele percebido esta forma semelhante a ele próprio na Natureza, refletida na água, amou-a e quis aí habitar. Assim que o quis, foi feito e veio habitar a forma sem razão. Então a Natureza, tendo recebido nela seu amado, enlaçou-o totalmente e eles se uniram pois queimavam de amor.

15 E esta é a razão porque, de todos os seres que vivem sobre a terra, o ser humano é o único que é duplo, mortal pelo seu corpo, imortal pelo ser humano essencial. Ainda que seja imortal com efeito, e que tenha poder sobre todas as coisas, sofre a condição dos mortais, submetido como é ao Destino, por esta razão, assim que se colocou sob a armadura das esferas tornou-se escravo na mesma; macho e fêmea pois nascido de um pai macho e fêmea, isento de sono pois proveniente de um ser isento de sono, não era vencido nem pelo amor nem pelo sono.

16 (N.T. aqui há um truncamento no texto). "Oh! meu Noús. Pois eu também sinto amor pelo discurso." - Então. Poimandres: "O que vou te dizer é o mistério mantido oculto até este dia. A Natureza com efeito, tendo-se unido por amor ao Homem, causou um prodígio surpreendente. O ser humano tinha em si a natureza da conjunção, dos sete compostos, como te disse, de fogo e de sopro; a Natureza então, incapaz de esperar, procria na hora sete homens correspondentes à natureza dos Sete Governadores, machos e fêmeas, que elevam-se ao céu." E após isto: "Oh! Poimandres, verdadeiramente, atingi agora um desejo extremo e queimo de desejo de te entender. Não te afastes do assunto!" Mas, Poimandres: "Cala-te então! Não terminei ainda de te apresentar o primeiro ponto." - "Sim, calo-me". - respondi.

17 "Assim então, como eu dizia, a geração desses sete primeiros homens fez-se da seguinte maneira: feminina era a terra, a água elemento gerador; o fogo levava as coisas à maturidade, do éter a Natureza recebia o sopro vital e produziu os corpos segundo a forma Humana. Quanto ao Ser Humano, de vida e luz que era, transformou-se em alma e intelecto, a vida transformando-se em alma, a luz em intelecto. E todos os seres do mundo sensível permaneceram neste estado até o fim de um período e até o começo das espécies.

18 Escuta agora este ponto que queimas de impaciência por ouvir. Findo este período, o liame que unia todas as coisas foi rompido pela Vontade de Deus. Pois todos os animais que, até então, eram ao mesmo tempo machos e fêmeas foram separados em dois ao mesmo que os Seres Humanos, e tornaram-se uns machos e outros fêmeas. Logo Deus disse uma palavra santa: "Crescei e multiplicai-vos, vós todos, que fostes criados e feitos. E que aquele que possui o intelecto reconheça-se como imortal e que saiba que a causa da morte é o amor, e que conheça todos os seres."

19 Tendo Deus assim falado, a Providência, por meio do destino e da armadura de esferas, opera as uniões e estabelece as gerações e todos os seres se multiplicaram cada um segundo sua espécie e aquele que reconheceu a si mesmo é o bem eleito entre todos, enquanto que aquele que manteve o corpo repleto do erro do amor, permanece na Obscuridade, errante, sofrendo nos seus sentidos as coisas da morte".

20 "Que falta imensa", espantei-me, cometeram então aqueles que permanecem na ignorância, para serem privados da imortalidade?": "Tu tens o aspecto, de não ter refletido acerca do que ouviste. Não havia eu to recomendado seres atento?" - Presto atenção e me recordo, ao mesmo tempo rendo graças. " - "Se prestaste atenção, dize-me,- porque merecem morrer aqueles que estão na morte?" - "Porque a fonte de onde procede o corpo individual é a sombria Obscuridade, de onde vem a Natureza úmida, pela qual é constituído no mundo sensível o corpo, onde espreita a morte".

21 "Compreendeste bem, amigo. Mas por que razão "aquele que conhece a si mesmo vai para si" como o disse a palavra de Deus?" - "Porque", respondi, "é de luz e de vida que é constituído o Pai das coisas, de quem nasceu o Homem." -"Dizes bem: luz e vida, eis o que é o Deus e Pai, de quem nasceu o Homem. Se aprendes então a conhecer-te como sendo feito de luz e vida e que são esses os elementos que te constituem retornarás à vida." Eis o que me disse Poimandres. - "Mas dize-me ainda, como irei ter com a vida", perguntei, oh! meu Nous? Pois Deus declara: "que o ser humano que tem o intelecto reconheça a si mesmo."

22 "Todos os homens com efeito possuem intelecto?" - "Vela pela tua língua, meu amigo. Eu, Nous, mantenho-me próximo daqueles que são bons, puros e misericordiosos, próximo dos piedosos e minha presença torna-se um auxílio para aclaramento de todas as coisas, e tornam o Pai propício pela via do amor, rendem-lhe graças pelas bênçãos e pelos hinos, segundo foi ordenado pelo desejo de Deus, em filial afeição. E antes de abandonar seu corpo à morte que lhe é própria, detestam seus sentidos, pois conhecem suas operações. Ainda mais, eu, Nous, não permitirei que as premências do corpo que, porventura lhes assaltem, tenham força sobre eles. Pois, em minha qualidade de guardião das portas, fecharei a entrada para as ações más e vergonhosas, cortando rente as imaginações.

23 Quanto aos insensatos, aos maus, aos viciosos, aos invejosos, aos culpados, aos assassinos, aos ímpios, mantenho-me longe deles cedendo o lugar ao demônio vingador, que aplicando ao ser humano, inclemente, o aguilhão do fogo, e mergulhando nos seus sentidos prepara-o, além de tudo, para as ações ímpias a fim que um maior castigo lhe seja reservado. Também este ser humano não deixa de encaminhar seu desejo para apetites ilimitados, lutando nas trevas sem que nada o satisfaça; e é isto que o tortura e aumenta sempre a chama do seu tormento."

24 "Ensinaste-me bem todas as coisas, como eu o desejava, oh! Nous. Mas fala-me ainda da ascensão, tal como ela se produz." A isto Poimandres respondeu: "Agora, na dissolução do corpo material, deixas esse corpo entregue à alteração, e a forma que eras deixa de ser percebida, e abandonas ao demônio teu eu doravante inativo, e os sentidos corporais remontam a suas fontes respectivas, das quais tornam-se partes e são novamente misturados com as energias, enquanto que o irrascível e o concupiscente vão para a natureza sem razão.

25 E desta maneira o ser humano se eleva para o alto através da armadura das esferas e à primeira zona abandona a potência, de crescer e de decrescer, à segunda as tramas da malícia, engano além de tudo sem efeito; na terceira a ilusão do desejo, a partir de agora, torna-se sem efeito; na quarta a ostentação do comando é desprovida de seus objetivos ambiciosos; à Quinta,

abandona-se a audácia ímpia e a temeridade presunçosa; à sexta os apetites ilícitos que dá a riqueza, doravante sem efeito; na sétima zona desaparece a mentira que prepara siladas.

26 Então desnudo do que havia produzido a armadura das esferas, entra na natureza ogdoádica, possuindo apenas sua própria potência; e canta com os Seres hinos ao Pai, e toda a assistência se rejubila com ele pela sua vinda. E tornado semelhante a seus companheiros, ouve ainda certas Potências que assistem sobre a natureza ogdoádica, cantando, com uma voz doce, hinos a Deus. E então, em boa ordem, sobem para o Pai, abandonando-se às potências, e, tornando-se potências, entram em Deus. E, agora, porque tardas? Não vais agora que herdastes de mim toda a doutrina, fazer-te guia daqueles que são dignos, a fim de que, o gênero humano, graças a tua intervenção, seja salvo por Deus?"

27 Tendo assim falado, Poimandres, sob meus olhos, misturou-se com as Potências. E eu, quando dirigi ao Pai das coisas ações de graça e bênçãos, recebi de Poimandres permissão para partir depois de ter sido investido de potência e instruído sobre a natureza do Todo e sobre a visão suprema. E comecei a pregar aos homens a beleza da piedade e do conhecimento: "Oh! povos, homens nascidos da terra, vós que sois abandonados à embriaguez, ao sono e à ignorância de Deus, sede abstêmios, deixai de chafurdar como crápulas, enfeitiçados que sois por um sono de besta."

28 Eles então, quando compreenderam, juntaram-se unanimemente a mim. E eu lhes disse: "Por que, oh! homens nascidos da terra, deixai-vos à mercê da morte, se tendes a potência de participar da imortalidade? Vinde e arrependei-vos, vós que fazeis rota com o erro e tomastes como companhia a ignorância. Afastai-vos da luz tenebrosa, incorporai-vos à imortalidade, tendo deixado uma vez por todas a perdição."

29 Então, entre eles, alguns, após zombarem de mim, foram para o seu lado, pois estavam engajados na via da morte. Mas os outros, lançando-se aos meus pés suplicaram-me que os instruísse. Eu então, levantei-os e me fiz guia do gênero humano, ensinando-lhes a doutrina, como e por qual meio seriam salvos. E semeei entre eles as palavras da sabedoria e foram nutridos pela água de ambrósia. Chegando a tarde, quando a luz do sol começou a desaparecer totalmente, convidei-os a render graças a Deus. E quando completaram as ações de graças, cada um foi dormir no seu leito.

30 Em mim ficou gravada a benfeitoria de Poimandres, pois que me tinha preenchido com o que eu necessitava, e senti uma alegria imensa. Pois em mim o sono do corpo caía sobre a vigília da alma, a oclusão de meus olhos uma visão verossímil, meu silêncio uma gestação do bem, e a expressão da palavra uma linha de boas coisas. E tudo isso me sucedeu porque recebi de meu Noús, isto é, Poimandres, o Verbo da Soberania absoluta. E eis-me então repleto do sopro divino da verdade. Também é com toda minha alma e com todas minhas forças que ofereço a Deus este louvor.

31 "Santo é Deus, o Pai das coisas.

"Santo é Deus, cuja vontade suas próprias Potências cumpre.

"Santo é Deus que quer que o conheçamos e que é conhecido por aqueles que lhe pertencem.

"Tu és Santo, pois que, pelo Verbo, constituíste tudo o que é.

"Tu és Santo, pois de que toda a Natureza reproduziu a imagem.

Tu és Santo, pois que não fostes formado pela Natureza.

Tu és Santo, pois que és mais forte que toda potência.

"Tu és Santo, pois que és maior que toda excelência. "Tu és Santo, pois que estás acima de todo louvor.

"Recebas os puros sacrifícios em palavras que te oferece uma alma pura, um coração dirigido para ti, Inexprimível, Indizível, Tu que somente o silêncio nomeia. Eu Te suplico, que nenhuma cilada haja que este conhecimento pertencente à nossa essência não desfaça: atende-me esta prece e preenche-me de potência. Então iluminarei com esta graça os que permanecem na ignorância, meus irmãos, teus filhos. Sim eu tenho a fé e testemunho: eu vou para a vida e para

luz. Tu és bendito, Pai: aquele que Te pertence quer Te ajudar na obra de santificação, segundo o que Tu lhes transmitiste”.

IIA - DE HERMES A TAT: DISCURSO UNIVERSAL

Diálogo perdido

IIB - Título perdido

1 Todo móvel, Asclépios, não é movido em qualquer coisa e por qualquer coisa? - Seguramente. - E não é necessário que aquilo em que o móvel se move lhe seja maior? - É necessário. - O motor, que te parece, é mais forte que o móvel? - Mais forte, com efeito. - E isso no qual o móvel se move é necessariamente de uma natureza oposta àquela do móvel? - Sim, absolutamente.

2 Agora, é tão grande este mundo que nenhum corpo não lhe possa ser maior? - De acordo. J-- E ele é compacto? Pois está repleto de muitos outros grandes corpos, ou, para dizer melhor, de todos os corpos que existem. - É assim. - Ora, o mundo é precisamente um corpo? - É um corpo. - E um corpo que é movido?

3 - Seguramente. - Qual o tamanho que deve ter o lugar no qual o mundo se move e de que natureza? Não deve ser bem maior, para ter condições de conter o movimento contínuo do mundo e para que o móvel não seja comprimido pela estreiteza do lugar e não cesse assim seu movimento? -Ele deve ser qualquer coisa de imenso, oh! Trismegistos.

4 Mas de qual natureza será este lugar? Da natureza oposta, não é Asclépios? Ora a natureza oposta ao corpo é o incorpóreo. - Eu convenho. - O lugar será então incorpóreo. Mas o incorpóreo, é ou qualquer coisa de divino, isto é, não engendrado, ou bem é Deus.

5 Se então o incorpóreo é o não engendrado, é da natureza da essência e se é Deus é ocorrente mesmo sem essência. Por outro lado é inteligível da seguinte maneira. Deus é para nós o primeiro objeto do pensamento, ainda que ele não seja objeto de pensamento para si mesmo (pois o objeto de pensamento cai sob os sentidos daquele que o pensa. Portanto Deus não é objeto de pensamento para si mesmo: pois não é uma coisa diferente do pensado de sorte que ele pensa a si mesmo.

6 Para nós contrariamente, Deus é alguma coisa de diferente e eis porque é objeto de pensamento para nós.) Ora, se o lugar é objeto de pensamento, não o é enquanto Deus, mas enquanto lugar. E mesmo se o tomarmos como Deus, não é enquanto lugar, mas enquanto energia capaz de conter todas as coisas. Todo móvel é movido não em qualquer coisa que se move, mas em qualquer coisa em repouso: o motor também está em repouso, pois não pode ser movido com aquilo que move.

- Como então, oh! Trismegistos, as coisas cá de baixo são movidas com as coisas que as movem? Eu te ouvi dizer, com efeito, que as esferas dos planetas são movidas pelas esferas das fixas. - Não se trata, Asclépios de um movimento solidário, mas de um movimento oposto: pois essas esferas não são movidas por um movimento uniforme, mas por movimentos opostos uns aos outros e esta oposição implica um ponto de equilíbrio fixo para o movimento:

7 pois a resistência é parada do movimento. Assim então as esferas dos planetas sendo movidas em sentido contrário da esfera das fixas, encontram-se em oposição com a própria oposição, sendo movidas por ela como estacionária. E não poderia ser de outra forma. Deste modo estas duas Ursas que, como o vês, não possuem nem oriente nem ocidente, e que giram sempre em torno do' mesmo centro, pensas que estão em movimento ou repouso? - Movem-se, oh! Trismegistos. - Com qual movimento, Asclépios? - Com o movimento que consiste sempre em girar em torüo dos mesmos eixos. - Sim e o movimento circular não é nada mais que o movimento em torno de- um mesmo centro firmemente contido pela imobilidade. Com efeito o

movimento em torno de um mesmo centro exçlui a possibilidade de um movimento do eixo. De onde vem que o movimento em sentido contrário detém-se em um ponto fixo, pois tornou-se estaoionário pelo movimento oposto.

8 Eu vou to dar um exemplo na terra visível a olho nu. Veja os viventes perecíveis, o ser humano por exemplo, nadando. A água é arrastada pela sua corrente: mas a resistência dos pés e day mãos torna-se para o ser humano estabilidade, de modo que não éarrastado com a água. - Este exemplo é muito claro, oh! Trismegistos.

Todo movimento então é feito numa imobilidade e por uma imobilidade. Assim então, o movimento do mundo, bem como de todo vivente material deve provir não de causas exteriores ao corpo mas interiores, operando de dentro para fora, quer seja dos inteligíveis, quer seja a alma ou o sopro ou qualquer outro incorpóreo. Pois um corpo não pode mover um corpo animado nem, de uma maneira geral, nenhuma espécie de corpo, mesmo se este corpo movido é inanimado.

9 Como disseste aquilo, Trismegistos? As peças de madeira então, e as pedras e todas as outras coisas inanimadas, não são os corpos que os movem? - Não, Asclépios. Pois é o que se encontra dentro do corpo que é motor da coisa inanimada e não esse corpo mesmo, que move de uma só vez os dois corpos, o corpo daquele que porta e o corpo do que é portado: eis porque um inanimado não saberia movimentar um inanimado. Vês então a carga extrema da alma quando, sozinha, deve carregar dois corpos. Desta forma os objetos são movidos dentro de qualquer coisa e por qualquer coisa, é evidente.

10 É no vácuo que os objetos móveis devem ser movidos, oh! Trismegistos? - Contenha a língua, Asclépios. Absolutamente nenhum dos seres são vazios, em razão mesmo de sua realidade: pois um ser não poderá ser alguém, se não estiver repleto de realidade: ora o que é real nunca poderá tornar-se vazio. - Mas não existem certos objetos vazios, oh! Trismegistos, como um jarro, um pote, almofarizes e outros semelhantes? - Oh! Que erro imenso, Asclépios, o que é absolutamente cheio e repleto tome-o por vazio!

11 - Que dizes, oh! Trismegistos! - O ar não é um corpo? - De fato. - Esse corpo não penetra através de todos os seres e não preenche todos pela sua extensão? Todo corpo não é constituído pela mistura dos quatro elementos? Todas essas coisas que dizes vazias, são portanto repletas de ar; se estão repletas de ar, o são também dos quatro corpos elementares e eis-nos diante de teu engano: essas coisas que dizes plenas são vazias de ar, seu espaço se encontra reduzido por outros corpos de modo que não tem mais lugar para receber o ar. Essas coisas então que dizes vazias, devem antes ser chamadas de ocas, não vazias, pois do próprio fato de sua realidade estão cheias de ar e de sopro.

12 - Esta proposição é irrefutável, oh! Trismegistos. O lugar no qual então se move o universo, que dizemos que ele é? - Um incorpóreo, Asclépios. - Mas o que é incorpóreo? - Um intelecto, que contém inteiramente a si próprio, livre de todo corpo, infalível, impassível, intangível, imutável em sua própria estabilidade, contendo todos os seres e os conservando no ser, do qual são como os raios, o bem, a verdade, o arquétipo do espírito, o arquétipo da alma. - Mas Deus, então, o que é? - É aquele que não é nenhuma dessas coisas, mas que por outro lado é para essas coisas a causa de sua existência, para tudo e para cada um dos seres.

13 Pois ele não deixou lugar algum ao não ser; a todas as coisas que existem vêm e são a partir de coisas que existem, e não a partir de coisas inexistentes: pois não é da natureza das coisas inexistentes vir a ser, mas sua natureza é tal que elas não podem ser qualquer coisa, e em contrapartida as coisas que são não poderão vir a não ser, jamais.

14 Que queres dizer com "não ser jamais"? - Deus, então, não é intelecto, mas é a causa da existência do intelecto, e não é sopro, mas é a causa da existência do sopro e ele não é luz mas é a causa da existência da luz. De modo que é sob esses dois nomes que é preciso adorar a Deus, pois pertencem somente a ele e a nenhum outro. Pois nenhum dos outros seres chamados deuses, nem os humanos, nem os daimons podem em qualquer grau que seja, ser bons, salvo Deus somente. Ele apenas é isto e nenhum outro: todos os outros seres são incapazes de conter a natureza do Bem, pois são corpo e alma e não possuem lugar que possa conter o Bem.

15 A amplitude do Bem é tão grande quanto a realidade de todos os seres e dos corpos, bem como dos incorpóreos, dos sensíveis e dos inteligíveis. Eis o que é o Bem, eis o que é Deus. Não chame nenhuma outra coisa de boa pois isto é impiedade, ou dê a Deus qualquer outro nome que esse único nome de Bem, pois isto também é uma impiedade.

16 Certamente, todos pronunciam a palavra Bem, mas não percebem o que ela pode ser. Eis porque não percebem também o que é Deus, mas, por ignorância, chamam bons os deuses e certos homens, ainda que não o possam ser e nem se tornar: pois o Bem é o que menos se pode retirar de Deus, é inseparável de Deus, porque é o próprio Deus. Todos os outros deuses imortais são honrados com o nome de Deus. Mas, Deus é o Bem, não por uma denominação honorífica mas pela sua natureza. Pois a natureza de Deus é apenas uma coisa, o Bem, e os dois juntamente formam uma única e mesma espécie, da qual saem todas as outras espécies. Pois o ser bom é aquele que tudo dá e nada recebe. Ora, Deus tudo dá e nada recebe. Deus é portanto o Bem e o Bem é Deus.

17 A outra denominação de Deus é a de Pai, devido à virtude que possui de criar todas as coisas: pois é ao Pai que cabe o criar. Também a procriação das crianças é tida pelas pessoas sábias como a função mais importante da vida e a mais santa, e se vê o fato de um ser humano deixar a vida sem procriar como o maior infortúnio e o maior pecado, e um tal ser humano é punido depois da morte pelos daimons. Eis a pena a que é submetido: a alma do ser humano que morre sem filho é condenada a entrar em um corpo que não possui a natureza de homem, nem de mulher, o que é objeto de execração por parte do sol. Por esta razão, Aselépios, deves guardar-te de felicitar o ser humano que não possui filhos: contrariamente, apieda-te de sua infelicidade, sabendo qual o castigo que o espera. Mas isto basta, Asclépios, como conhecimento preliminar da natureza de todas as coisas.

III - DISCURSO SAGRADO DE HERMES

Glória das coisas é Deus e o divino, e a natureza divina. Princípio dos seres é Deus - e o intelecto, e a natureza, e a matéria, porque ele é a sabedoria para a revelação das coisas. Princípio é o divino e ele é natureza, energia, necessidade, fim, renovação.

Ora, existe uma obscuridade sem fim no abismo e água e um sopro inteligente e sutil, tudo isto existente no caos pela potência divina. Então surge uma luz santa, e se destacando da substância úmida, os elementos se condensam e os deuses separam os seres da natureza germinal.

2 Com efeito, quando as coisas estavam indefinidas e não formadas, os elementos leves separaram-se dos outros dirigindo-se para o alto e os elementos pesados repousaram sobre a areia úmida; todo o universo foi dividido em partes pela ação do fogo e mantido suspenso de forma a ser veiculado pelo sopro. E viu-se o céu em sete círculos e os deuses apareceram sob forma de astros com todas suas constelações; a natureza do alto foi ajustada segundo suas articulações com os deuses que continha em si. E o círculo envolvente movimenta-se circularmente no ar, veiculado no seu curso circular pelo sopro divino.

3 E cada deus, pelo seu próprio poder, produziu o que lhe foi designado; assim nasceram os animais quadrúpedes e os que se arrastam, os que vivem na água e aqueles que voam, toda semente germinal e a erva; o tenro oscilar de toda flor possui em si a semente da reprodução. E os deuses produziram as sementes que gerariam os humanos, para conhecer as obras divinas e prestar um testemunho ativo à natureza; para aumentar o número de humanos, para dominar o que existe sob o céu e reconhecer as coisas boas, para crescer e multiplicar-se, e toda alma na carne, pelo curso dos deuses cíclicos semeados, para contemplação do céu e do curso dos deuses celestes e das obras divinas e da atividade da natureza, para o conhecimento da potência divina, para conhecer as entranhas das coisas boas e más e descobrir toda a arte de fabricar coisas boas.

4 Desde então começou para eles a condução da vida humana e o adquirir da sabedoria segundo a sorte que lhe determina o curso dos deuses cíclicos e de se dissolver naquilo que

restará deles, depois de ter deixado na terra grandes monumentos de suas indústrias. Todo nascimento de carne animada ou da semente dos frutos e de toda obra da indústria, tudo que tiver sido diminuído será renovado, pela necessidade e pela renovação dos próprios deuses, pelo curso do círculo da natureza que regula o número.

Pois o divino é a inteira combinação cósmica renovada pela natureza, pois é no divino que a natureza tem seu lugar.

IV - DE HERMES A TAT: A CRATERA OU A MÔNADA

1 Desde a criação deste mundo pelo Demiurgo, não com as mãos, mas pela palavra, concebeu-o como presente e sempre existente e tendo tudo feito e sendo Um-Único, tendo formado os seres pela sua própria. Pois eis seu verdadeiro corpo, que não se pode tocar, nem ver, nem medir, que não possui dimensão, que não é semelhante a nenhum outro corpo. Pois não é fogo, nem água, nem ar, nem sopro, mas as coisas provém de si. Ora, como ele é bom, não quis dedicar essa oferenda a si somente, nem para si unicamente ornar a terra, mas enviou para cá, como ornamento desse corpo divino, o ser humano, vivente mortal, ornamento do vivente imortal. E se o mundo o situou sobre os vivos pela eternidade da vida, o ser humano situou-o acima do mundo pela razão e pelo intelecto.

O homem, com efeito, tornou-se o contemplador da obra de Deus e prostou-se maravilhado, aprendendo a conhecer o Criador.

3 A razão então, oh! Tat, Deus distribuiu-a em partilha a todos os humanos, mas não fez o mesmo quanto ao intelecto.

Não que ele tenha provado alguns pela inveja, pois a mesma não deriva do alto, mas é aqui embaixo que ela se forma nas almas dos humanos que não possuem intelecto. - Por que então, pai, Deus não estendeu a todos o intelecto? - É que ele pretendeu, meu filho, que o intelecto fosse dado às almas como um prêmio que quisessem conquistar.

4 E onde ele o colocou? - Encheu uma grande cratera que havia enviado à terra e ordenou a um arauto que proclamasse ao coração dos homens estas palavras: "Mergulha-te, tu que o podes, nesta cratera, tu que crês que subirás para Aquele que enviou à terra a cratera, tu que sabes porque vieste a ser."

Todos aqueles que atentaram à proclamação e que foram batizados neste batismo de intelecto, tomaram parte no conhecimento e tornaram-se seres humanos perfeitos porque receberam o intelecto. Aqueles que negligenciaram a escuta da proclamação, aqueles são os "logikoi" porque não adquiriram o intelecto e ignoram porque nasceram e quais os autores disto.

5 As sensações desses homens são todas vizinhas daquelas dos animais sem razão e, como seu temperamento permanece num estado de paixão e de cólera não admiram as coisas dignas de contemplação, fixam-se apenas nas volúpias e apetites corporais e crêem que é para estas coisas que o ser humano veio a ser. Contrariamente todos aqueles que tiveram parte no dom vindo de Deus, aqueles, oh! Tat, quando se comparam as suas obras com as da outra classe, são imortais e não mais mortais, pois atingiram a todas as coisas pelo seu próprio intelecto, as da terra, as do céu e o que se pode encontrar ainda acima do céu. Tendo-se elevado a uma tal altura, viram o Bem e tendo-o visto, consideraram a permanência cá embaixo como uma infelicidade. Então, tendo desprezado todos os seres corporais e incorpóreos, desejam o UM-Único.

6 Tal é, oh! Tat, a ciência do intelecto, possessão em abundância das coisas divinas e a compreensão de Deus, pois a cratera é divina. - Eu também quero ser batizado, ó pai. - Se não desprezas o teu corpo, meu filho, não podes amar a ti mesmo. Mas se amas a ti mesmo possuirás o intelecto, e possuindo o intelecto terás também parte na ciência. - Como dizes isto, ó pai? - impossível, meu filho, prender-se ao mesmo tempo a essas duas coisas, às coisas mortais e às coisas divinas. Pois como há duas espécies de seres, o corpóreo e o incorpóreo, e que essas duas categorias dividem o mortal e o divino, resta apenas escolher uma ou outra, caso se queira

escolher: pois não é possível tomar ao mesmo tempo a uma e a outra; e quando só resta escolher, o defeito de uma mostra a potência ativa da outra.

7 Portanto, a escolha do melhor não somente mostra sua existência para aquele que a fez, a mais gloriosa, mas ela diviniza o ser humano, e manifesta ainda a piedade para Deus. Ao contrário a escolha do pior acarretou a perda do ser humano e por outro lado, se não foi, de resto, uma ofensa a Deus, recaiu pelo menos nisto: como as procissões avançam no meio da turbamulta sem serem capazes de produzir coisa alguma por si mesmas, mas não sem oprimir a marcha dos outros, estes seres humanos verossimilhantemente a elas nada mais fazem que procissionar no mundo, arrastados que são pelas volúpias corporais.

8 Já que é assim, ó Tat, nós tivemos e teremos sempre à nossa disposição o que vem de Deus: mas que aquilo que vem de nós lhe corresponda e não seja falto, pois Deus, não é responsável, nós é que somos responsáveis pelos nossos males naquilo em que os preferimos aos bens. Vês, meu filho, quantos corpos nos é necessário atravessar, quantos coros demoníacos, e que sucessão contínua e quais cursos de astros para nos lançarmos ao Um-Único? Pois o Bem é intransponível, sem limite e sem fim e relativamente a si próprio, sem princípio também, ainda que para nós pareça ter um quando o conhecemos. Apossemo-nos portanto desse começo e percorramo-lo. com todo desejo: pois é uma via tortuosa abandonar os objetos familiares e presentes para arrepiar caminho para as coisas antigas e primordiais. Com efeito, isto que aparece aos olhos faz nossas delícias enquanto que o inaparente desperta a nossa dúvida. Ora, as coisas más são mais aparentes aos olhos, o Bem, contrariamente, é invisível aos olhos visíveis. Não possui efetivamente nem forma, nem figura. É por isso que é semelhante a si mesmo e é dissemelhante de tudo o mais, pois é impossível que um incorporal torne-se aparente a um corpo.

10 Tal é a diferença entre o semelhante e o dissemelhante e a deficiência que afeta o dissemelhante considera particularmente o semelhante. Ora, a mônada, sendo princípio de todas coisas, existe em todas as coisas, enquanto raiz e princípio. Ora nada existe sem princípio. Quanto ao próprio princípio, não sai de nada, a não ser de si mesmo, pois é com efeito o princípio de tudo o mais. Sendo então princípio, a mônada compreende todo número, sem ser compreendida em nenhum deles. E engendra todo número sem ser engendrada por nenhum outro número.

11 Efetivamente tudo o que é engendrado é imperfeito e divisível, extensível e redutível, ora, nada disso afeta o perfeito. E se o que é extensível deriva sua extensão da mônada, sucumbe por outro lado à sua própria fraqueza quando não é mais capaz de conter a mônada.

Tal é portanto, ó Tat, a imagem de Deus, que desenhei para ti com o melhor de minhas forças: se a contemplas como é, e a representas com os olhos do coração, creia-me, criança, encontrarás o caminho que leva às coisas do alto. Ou, antes, é a própria imagem que te mostrará a rota. Pois a contemplação possui uma virtude própria: àqueles que uma vez já a contemplaram, toma em sua posse e os atrai a si como, diz-se, o ímã atrai o ferro.

V - DE HERMES A SEU FILHO TAT

Que Deus é ao mesmo tempo inaparente e o mais aparente.

1 - Eis ainda uma doutrina, ó Tat, que eu quero expor totalmente, a fim de que não permaneças não iniciado nos mistérios d'Aquele que é muito grande por ser chamado Deus. Perceba como o ser que parece à maioria inaparente vai tornar-se para ti o mais aparente. Com efeito, ele não poderia existir sempre se não fosse inaparente; pois tudo o que é aparente foi engendrado, pois apareceu um dia. Contrariamente o inaparente existe sempre pois não tem necessidade de aparecer: é eterno, com efeito, e é ele que faz aparecer todas as outras coisas sendo ele mesmo inaparente pois existe sempre. Fez aparecer todas as coisas, mas não aparece, engendra, mas não é engendrado, não nos oferece uma imagem sensível, mas dá uma imagem sensível às coisas. Pois não há apresentação em imagem sensível além daquela dos seres engendrados: efetivamente vir a ser é aparecer aos sentidos. É portanto evidente que o único não

engendrado é ao mesmo tempo não suscetível de se apresentar numa imagem sensível e inaparente, mas que, como ele dá uma imagem sensível às coisas, aparece através de todas e em todas e aparece sobretudo àqueles aos quais quis aparecer. Portanto, ó meu filho Tat, ora ao Senhor, Pai e Único, e que não é o Um mas fonte do Um, para que se mostre propício, a fim de que possas alcançar pelo pensamento esse Deus que é tão grande, para que ele faça luzir nem que seja apenas um de seus raios sobre a tua inteligência. Somente, com efeito, o pensamento vê o inaparente, pois é também inaparente. Se o podes, ele aparecerá então aos olhos de teu intelecto, ó Tat, pois o Senhor se manifesta em plena liberdade através do mundo inteiro. Podes ver teu pensamento, alcançá-lo com tuas próprias mãos e contemplar a imagem de Deus? Mas se mesmo o que está em ti, te é inaparente, como Deus se manifestará a ti através de teus olhos carnais?

3 Se desejas ver a Deus, considera o sol, considera o curso da lua, considera a ordem dos astros. Quem é que os mantém em ordem? Toda ordem supõe, de fato, uma delimitação quanto ao número e ao lugar. O sol, deus supremo entre os deuses do céu, a quem todos os deuses celestes cedem passagem como a seu rei e dinasta, sim, o sol com seu talhe imenso, ele que é maior que a terra e o mar, suporta ter acima de si cumprindo suas revoluções os astros menores que ele. A que reverencia ou teme, meu filho? Todos esses astros que estão no céu não cumprem, cada um deles, um curso semelhante ou equivalente? O que determinou para cada um deles o modo e a amplitude do curso?

4 Veja a Ursa, que gira ao redor de si mesma, arrastando na sua revolução o céu inteiro: que é que possui este instrumento? Que é que encerrou o mar em seus limites? Que estabeleceu a terra em seus fundamentos? Pois existe alguém, ó Tat, que é o criador e o mestre das coisas. Não poderia efetivamente o lugar, ou o número, ou a medida serem observados com cuidado se não existisse alguém que os tivesse criado. Toda boa ordem com efeito supõe um criador, somente a ausência de lugar e de medida não o supõe. Mas esta ausência mesmo, possui mestre, meu filho. E com efeito, se o desordenado é deficiente, não obedece menos ao mestre que não impôs ainda a boa ordem à ausência de lugar e de ordem.

5 Apraz aos céus que te fosse dado asas e o voar, e colocado ao meio da terra e do céu, ver a massa sólida da terra, as ondas imensas do mar, os cursos fluentes dos rios, os movimentos livres do ar, a penetração do fogo, o curso dos astros, a rapidez do céu, seu circuito em redor dos mesmos pontos! Ah que esta vista é a mais feliz, criança, quando se contemplam de uma só vez todas essas maravilhas, o imóvel posto em movimento, o inaparente tornando-se aparente através das obras que criou.

Tal é o ordenamento deste mundo e tal a bela ordem deste ordenamento.

6 Se quiseres contemplar a Deus através dos seres mortais, desses que vivem sobre a terra e desses que vivem no abismo, considera, meu filho, como o ser humano é gerado no ventre materno, examina com cuidado a técnica dessa produção e aprenda que esta que produz esta bela imagem, esta divina imagem que é o homem. Quem traçou o círculo dos olhos? Quem fez o buraco das narinas e das orelhas? Quem fez a abertura da boca? Quem esticou os músculos e os prendeu? Quem conduziu os canais das veias? Quem solidificou os ossos? Quem recobriu toda a carne de pele? Quem separou os dedos? Quem alargou a planta dos pés? Quem perfurou os cóndutos? Quem fez o coração em forma de pirâmide? Quem conjuntou os nervos? Quem ampliou o fígado? Quem fez as cavidades do pulmão? Quem construiu este amplo receptáculo do baixo ventre? Quem fez as partes nobres bem em evidência e escondeu as reservadas?

7 Veja, quantas técnicas diferentes aplicadas a uma matéria, quantas obras de arte reunidas em uma única figura, e todas admiravelmente belas, todas exatamente medidas, todas diferentes umas das outras. Quem criou todas essas coisas? Qual mãe, qual pai senão o Deus, o Deus invisível que pela sua própria vontade tudo fabricou? Ninguém afirma que uma estátua ou uma pintura possam existir sem escultor ou pintor e esta Criação existiria sem Criador? Oh! cúmulo de cegueira, cúmulo de impiedade, oh! cúmulo de irreflexão! Não separa jamais, meu filho Tat, as obras criadas de seu Criador... Antes, ele é ainda maior que o que implica o nome de Deus: tal é a grandeza do pai de todas as coisas; pois em verdade, ele é o único que é pai e isso constitui sua função própria: ser pai.

9 E mesmo, se me forças a dizer qualquer coisa ainda mais ousada, sua essência, é criar e produzir as coisas e pelo fato de que sem produtor nada pode vir a ser, da mesma forma Deus não poderia existir sempre, se não criasse sempre todas as coisas, no céu, no ar, na terra, no abismo, em toda região do mundo, no todo do Todo, no ser e no nada. Pois, nesse mundo inteiro, nada existe que não seja ele próprio. Ele é ao mesmo tempo as coisas que são e as coisas que não são. Pois as coisas que são ele as faz aparecer e as que não são contém em si mesmo. Ele é um Deus muito grande por ter um nome, é inaparente e muito aparente; ele que contempla o intelecto, que vê os olhos; é incorporal, multiforme, e mais claramente omniforme. Nada existe que não seja Ele também: pois tudo que é, é Ele. E portanto tem todos os nomes porque todas as coisas nascem desse único pai; e portanto também daí advém o fato de não possuir nenhum nome, porque é o pai de todas as coisas.

Quem então poderá te bendizer, falando de ti ou dirigindo-se a ti? Para onde dirigir o meu olhar quando quero te bendizer, para cima, para baixo, para dentro, para fora? Nenhuma via, nenhum lugar ao meu redor, nem absolutamente nenhum ser: tudo está em ti, tudo vem de ti. Tudo dás e nada recebes: pois tu possuis todas as coisas e nada existe que não possuas.

11 - Quando eu to cantarei? Pois não posso conceber nem estação nem tempo que te sejam concernentes. E por que cantaria? Pelas coisas que criaste ou pelas coisas que não criastes? Pelas coisas que fizeste aparecer ou que escondeste? Por qual razão eu te cantarei? Como pertencente a mim mesmo, como tendo qualquer coisa de próprio, como sendo outro que tu? Pois tu és tudo o que sou, tu és tudo o que eu faço, tu és tudo o que eu digo. Pois és tudo e nada existe além de ti, e até o que não existe é igual a Ti. És tudo que veio a ser e tudo que não veio a ser, tu és pensamento enquanto pensando, pai, fazendo o mundo, Deus, como energia em ato, bom, pois criou todas as coisas.

VI - O BEM EXISTE APENAS EM DEUS E EM NENHUMA OUTRA PARTE.

1 - O Bem não existe, Asclépios, em nada além de Deus ou melhor, o Bem é eternamente o próprio Deus. Assim sendo, o Bem deve ser a Substância de onde procede todo movimento e toda geração (não existe nenhum ser que seja desprovido dela) e que possui, concentrada sobre si mesma uma energia que mantém em repouso, sem deficiência e sem excesso, plena, soberana, poderosa, na origem de todas as coisas. Pois quando digo que este que tudo pode é bom entendo que é absoluta e eternamente bom.

Ora, esta qualidade não pertence a nenhum outro ser senão Deus. Pois não há nada que lhe falte, de modo que nenhum desejo de posse pode torná-lo mau e não há nada entre os seres que possa perder e cuja perda possa amargurá-lo (pois o desgosto é parte do mal) e nada existe que seja mais forte que ele e que possa tratá-lo como inimigo (pois não é coerente à sua natureza receber qualquer ultraje), nem nada que seja mais belo e possa inspirar-lhe amor, nem nada que lhe recuse obediência e contra quem tenha de se irritar, nem nada que possa ser mais sábio e despertar o seu ciúme.

2 Então se nenhuma dessas paixões pertence à Substância, que lhe resta senão o Bem somente? Ora, da mesma forma que nenhum daqueles atributos podem ser encontrados numa substância assim constituída, nenhum dos outros seres possuirá o Bem. Com efeito, todos os outros atributos encontram-se em todos os seres, nos pequenos e nos grandes, em cada um dos seres isoladamente e nesse Vivente que é maior e mais potente de todos: pois tudo que é engendrado está repleto de paixões pois a própria geração implica uma afecção. Ora, onde há sofrimento, não existe lugar para o Bem e onde está o Bem nenhum lugar há para a paixão. Onde está o dia, não há lugar para a noite e onde está a noite não há lugar para o dia. É esta a razão porque o Bem não tem lugar no que veio a ser, mas somente no não engendrado. Todavia como a matéria recebeu por dom a participação em todos arquétipos, recebeu também a participação do Bem. É desta maneira que o mundo é bom, pois produz todas as coisas, de modo que, tendo em

vista a sua função de produzir, é bom. Mas para tudo o mais, não é bom: e com efeito, é passível e móvel e produtor de seres passíveis.

3 Quanto ao ser humano, o bem se mede nele por comparação com o mal. Pois o mal que não é grande, é aqui embaixo o bem e o bem daqui embaixo é a menor porção do mal. É impossível portanto, que o bem daqui seja inteiramente desprovido de toda malícia: cá embaixo, de fato, o bem foi tornado mal; ora tendo sido tornado mal, não pode permanecer sendo bom e se não é bom, torna-se mal. Portanto, o Bem só existe em Deus, ou melhor, Deus é o próprio Bem. Entre os homens então, ó Asclépios, do Bem só se encontra o nome, mas na realidade não se o vê em parte alguma. É efetivamente impossível. Pois não há lugar para ele num corpo material que é tocado pelo mal, pelas penas e sofrimentos, pelas concupiscências e as cóleras, as ilusões e as opiniões insensatas. E o pior de tudo ó Asclépios, é que se confia em cada uma das coisas que acabo de dizer como se fora o maior bem, ainda que seja antes de mais nada o mal insuperável. A glutoneria é a fautora de todos os males... O engano é aqui a ausência do bem.

4 Por mim, rendo graças a Deus do que pôs em meu intelecto, entre outras coisas, isto ainda relativamente ao conhecimento do Bem, que é impossível que o bem exista no mundo. Pois o mundo é a totalidade do mal, como Deus é a totalidade do Bem ou o Bem a totalidade de Deus. . . Pois se se encontram sem dúvida as excelências das belas coisas na vizinhança da essência divina, aquelas que constituem o próprio Deus parecem por assim dizer mais puras ainda e mais autênticas. É preciso ousar dizer, Asclépios, a essência de Deus, se pelo menos possui ele uma essência, é o belo e é impossível aprender o belo-e-bom em nenhum dos seres que estão no mundo. Com efeito, todas as coisas que caem sob o sentido da visão são simplesmente imagens ilusórias e, de algum modo, silhuetas, mas as coisas que não caem sob esse sentido, e sobretudo a essência do belo e do bem e, da mesma forma que o olho não pode ver a Deus, também não pode ver o belo e o bem. Pois estas são partes de Deus, inteiras e perfeitas, propriedades d'Ele somente, particulares a Ele, inseparáveis de sua essência, soberanamente amoráveis e das quais é preciso dizer que delas é o amor de Deus, ou que elas são amantes de Deus.

5 Se podes conceber Deus, conceberás também o belo-e-bom, o soberanamente luminoso, o soberanamente iluminado por Deus; pois aquela beleza é incomparável e aquela bondade é inimitável, totalmente o próprio-Deus. Portanto, a idéia que fazes de Deus, deves fazer do belo-e-bom, pois, são inseparáveis de Deus, essas coisas são incomunicáveis aos outros viventes que não Deus. Quando pesquisas a Deus, é também à procura do belo que vais. Pois não existe mais que um caminho daqui até o belo, a piedade acompanhada de conhecimento. Logo, aqueles que não possuem conhecimento e que não seguiram a rota da piedade, têm a audácia de dizer que o ser humano é belo e bom, ele que jamais viu, mesmo em sonho, o que pode existir de bom, mas que foi substituído por toda espécie de mal, e que foi levado até a tomar o mal por bem e também emprega o mal sem se satisfazer jamais, temendo ser dele privado, e lutando com todas as suas forças não somente para dele ter possessão como para mais ainda acrescê-lo. Tais são as coisas boas e belas no julgamento dos humanos, ó Asclépios. E não podemos delas fugir nem odiá-las: pois o mais penoso é que temos necessidade delas e viver sem elas, ser-nos-ia impossível.

VII - O MAIOR DOS MALES ENTRE OS HOMENS CONSTITUI IGNORANCIA RELATIVAMENTE A DEUS

1 "Corai, ó humanos, ébrios que sois, tendo bebido até a última gota do vinho sem mistura da doutrina da ignorância, que não mais podeis conter, mas que já estais prestes a vomitar. Deixai a embriaguez, parai!

"0lhai para o alto com os olhos do coração. E se não o podeis todos, pelo menos os que o podem. Pois o mal da ignorância inunda toda a terra, corrompe a alma aprisionada no corpo, sem permitir-lhe lançar a âncora no porto de salvação. Não vos deixeis arrastar pela violência da onda, mas, aproveitando-vos da contra-corrente, vós que podeis aportar ao porto de salvação,

lançai a âncora e buscai um guia que vos mostre a rota até as portas do conhecimento, onde a luz flamejante brilha, livre de toda obscuridade, onde ninguém está embriagado, mas todos permanecem sóbrios, elevando o olhar do coração para Aquele que quer ser visto. Pois não se deixa ouvir nem descrever e não é visível para os olhos corporais, mas somente ao intelecto e ao coração.

2 “Mas, agora, é necessário que laceres pouco a pouco a túnica que te reveste, o tecido da corrupção, o suporte da malícia, a cadeia da corrupção, a prisão tenebrosa, a morte vivente, o cadáver sensível, a tumba que levas para todos os lados contigo, o assaltante que habita em tua casa, o companheiro que pelas coisas que ama te odeia e pelas coisas que odeia, tem ciúme de ti.

3 "Tal é o inimigo que revestiste como uma túnica, que te estrangula e atira sob si, de modo que, tendo elevado os olhos e contemplado a beleza da verdade e o bem que nela reside, venhas a odiar a malícia do inimigo, tendo compreendido todas as ciladas que preparou contra ti, tornando insensíveis os órgãos dos sentidos que não aparecem e não são tidos por tal, tendo-os obstruído pela massa da matéria e preenchido de uma voluptuosidade odiosa, a fim de que não possuas ouvidos para as coisas que deves ouvir, nem visão para as coisas que precisas ver"

VIII - NENHUM DOS SERES PERECE E É ERRONEAMENTE QUE SE CHAMAM AS MUTAÇOES DE DESTRUIÇÕES E MORTES

1 Relativamente à alma e ao corpo, meu filho, é necessário dizer de que maneira a alma é imortal e de que espécie é a força que causa a coesão do corpo e sua dissolução. Pois a morte nada tem a ver com nenhuma dessas coisas, mas é algo forjado sob a denominação de imortal, seja pura ficção, seja por privação da primeira letra, utilizando a palavra thánatos em lugar de athánatos. Pois a morte pertence à categoria da transformação em nada: ora nada do que existe nesse mundo é destruído. Com efeito, se o mundo é segundo deus e um vivente imortal, não se pode conceber que uma parte qualquer desse vivente imortal venha a perecer; pois tudo que existe no mundo é parte do mundo e sobretudo o ser humano, o animal possuidor do Logos.

2 Sobre todos os seres, realmente, está Deus, eterno, iningendrado, criador do Universo; em segundo lugar o que foi feito pelo Primeiro à sua imagem e que por ele é conservado, nutrido e dotado de imortalidade, pois é feito de um pai imortal, eterno. Deus não foi, com efeito, engendrado por um outro: mesmo que se o suponha, o foi por ele mesmo. Mas, de fato, jamais foi engendrado, ele se engendra eternamente. Como o deus é o deus que é tudo, o Pai, sendo nascido de si mesmo, é eterno, o mundo, sendo proveniente do Pai é nascido de um deus e imortal, e tudo o que ele possui de matéria e que lhe foi reservado pela sua vontade, esse todo, o Pai o fez em forma de corpo e, tendo-lhe dado volume, o fez de forma esférica, tendo-lhe atribuído esta mesma qualidade, sendo a matéria eterna a sua materialidade eterna. Além do mais, após haver disseminado as qualidades das formas específicas no interior da esfera, o Pai encerrou-as aí como num antro, para ornar de toda qualidade o ser assim qualificado graças a seus cuidados e envolveu-o de imortalidade a fim de que, mesmo que ela quisesse separar-se do conjunto desse corpo, a matéria não pudesse se dissolver na desordem que lhe é própria. Pois, assim que a matéria não esteja integrando a constituição de um corpo, meu filho, está em desordem e mesmo, aqui embaixo, conserva um movimento circular relativamente aos pequenos corpos dotados de qualidades em geral, e a capacidade de se aumentar, e a faculdade de diminuir o que os humanos chamam morte.

4 Esta desordem produz-se exclusivamente nos viventes terrestres. Pois, para os viventes celestes, seus corpos possuem uma ordem única, aquela que lhes foi assignada pelo Pai desde o princípio; e esta ordem foi conservada indissoluvelmente pelo retorno de cada um a seu lugar de origem. Quanto ao retorno dos corpos terrestres a seu lugar primeiro, é a dissolução do conglomerado, e esta dissolução consiste em um retorno aos corpos indissolúveis, quer dizer aos corpos imortais: e desta forma produz-se uma perda de consciência mas não uma destruição dos corpos.

5 O terceiro vivente é o homem, que foi feito à imagem do mundo e que diferentemente dos outros animais terrestres, possui o intelecto segundo a vontade do Pai, e não somente está unido ao segundo deus por um liame de simpatia, mas ainda toma inteligência do primeiro Deus. Aquele é percebido pela sensação, como corpo; este é apreendido pela inteligência como incorporal e intelecto, o Bem. - Este vivente não é destruído? - Cala-te, meu filho, e percebe o que é Deus, o que é o mundo, o que é um vivente imortal, o que é um vivente indissolúvel e compreende que o mundo foi feito por Deus e que permanece em Deus, e que o humano foi feito pelo mundo e que permanece no mundo e que é Deus que causa, envolve e mantém unidas as coisas.

IX - SOBRE A INTELECÇÃO E A SENSAÇÃO

(O BELO-E-BOM RESIDE APENAS EM DEUS E EM NENHUMA OUTRA PARTE.)

1 Ontem, Asclépios, fiz conhecer o meu "Discurso Perfeito". Hoje, é necessário que eu dê seqüência àquele discurso, expondo a doutrina da sensação. Segundo a opinião comum, sensação e intelecção diferem nisto: uma é de natureza material, e outra de natureza essencial; segundo minha opinião, ao contrário, as duas perfazem apenas uma e não comportam distinção, isto é, entre os humanos, pois se entre os outros animais a sensação se une à natureza, entre os humanos una-se, por outro lado, à intelecção. (O intelecto difere da intelecção da mesma forma que Deus da atividade divina. Com efeito, a atividade divina é produzida por Deus e a intelecção é produzida pelo intelecto, sendo irmã de logos. Ou melhor, a intelecção e o logo são instrumentos um do outro: pois nem o discurso (logos) é enunciado sem intelecção, nem a intelecção é manifestada sem o concurso do logos.)

A sensação e a intelecção presentificam-se no ser humano conjuntamente, quase enlaçadas uma à outra. Pois nem o conhecimento intelectual é possível sem a sensação, nem a percepção sensível sem a intelecção. - Mas poder-se-ia conceber uma intelecção sem sensação, como a representação das visões imaginárias durante os sonhos? - Parece-me, quanto a mim, que essas duas faculdades desapareceram na visão dos sonhos, enquanto que na vigília, a intelecção sempre está unida à sensação. Pelo menos a sensação se encontra dividida entre o corpo e alma, e quando essas duas partes da sensação se reúnem em comum acordo, então a intelecção é enunciada pela palavra, uma vez que foi gerada pelo intelecto.

3 Com efeito, o intelecto gera todos os conceitos, conceitos bons quando recebe as sementes de Deus, conceitos contrários quando de um dos seres demoníacos, pois não existe um lugar do mundo que não seja habitado por um daimon, o qual vindo se insinuar no intelecto, semeia a essência de sua energia própria. E o intelecto gera então o que foi semeado: adultérios, assassínios, sevícia nos pais, sacrilégios, atos de impiedade, suicídios por enforcamento ou atirando-se nos precipícios, e coisas semelhantes, são obras do daimons.

4 Quanto às sementes de Deus, são pouco numerosas, mas grandes, belas e boas: a virtude, a temperança e a piedade. A piedade é o conhecimento de Deus e aquele que aprendeu a conhecer a Deus, repleto que está de seus bens, tem intelecção de Deus e elas não são semelhantes à da massa. Por esta razão, aqueles que permanecem no conhecimento não agradam à massa e esta também não o agrada. Parecem tomados pela demência e são expostos à chacota pública, são odiados e desprezados e pode-se até matá-los. Pois, eu já o disse, o mal deve necessariamente habitar cá embaixo, aqui está seu domínio próprio: seu domínio com efeito é a Terra, não o mundo como muitos dirão com um propósito blasfematório. Todavia o humano temente a Deus saberá tudo suportar porque tomou consciência do conhecimento. Para um tal humano as coisas são boas, mesmo aquelas que são más para os outros. Quando lhe preparam emboscadas e armadilhas, relaciona tudo com o conhecimento e é o único de todos os humanos que torna os males em bens.

5 Retomo novamente a teoria da sensação. É própria do humano portanto a reunião, em, si, íntima da sensação e da intelecção. Mas como já disse mais acima, nem todo humano possui a intelecção. Pois há dois tipos de seres humanos: o material e o essencial. Um, o material, associado ao mal, recebe, como já disse, dos demônios a semente da intelecção, os outros são associados ao bem essencialmente. Deus os mantém a salvo. Deus, o construtor do universo, quando fez todos os seres, fê-los semelhantes, mas aqueles, após terem sido criados bons, diferiram pela maneira como usaram sua atividade. Pois o movimento do mundo, por sua fricção dá às gerações tal ou qual qualidade, empesteando alguns pela malícia, purificando os outros pelo bem. Pois o mundo, ó Asclépios, tem também sua sensação e sua inteligência próprias, não semelhantes àquelas do ser humano, nem sob a relação da variedade, mas em geral mais forte e mais simples.

Única é, com efeito, a sensação e a intelecção do mundo, fazer as coisas e desfazê-las, como instrumento da vontade de Deus que o criou realmente em forma de instrumento a fim de que conservando em seu seio todas as sementes que recebeu de Deus, produza em si mesmo todos os seres eficazmente, pois, dissolvendo-os, renova-os e que na seqüência, tendo esses seres sido assim. dissolvidos, como um bom semeador de vida, pelas mutações que acarreta seu próprio movimento, fornece a todos renovação. Nada existe que não tenha sido engendrado pelo mundo; pelo seu próprio movimento vivifica todos os seres e é, ao mesmo tempo, o lugar e o criador da vida.

Todos os corpos são feitos de matéria, mas de uma maneira diversa, uns da terra, outros da água, ou de ar, ou de fogo. Todos são corpos compostos, segundo uma fórmula mais complexa ou mais simples: os mais complexos são os corpos mais pesados, os mais simples os corpos mais leves. É a rapidez do movimento do mundo que causa a diversidade qualitativa das gerações. Pois o sopro do mundo, sucedendo-se sem interrupção, oferece continuamente aos corpos qualidades novas, e existe apenas um todo, o todo da vida.

8 Assim então Deus é o pai do mundo, e o mundo é o pai dos seres que existem no mundo; o mundo é o filho de Deus e os seres que estão no mundo são provenientes do mundo. É correto, portanto, que o mundo tenha sido chamado uma ordem (kosmos): pois do conjunto dos seres, compõe-se uma ordem pela diversidade da geração, e pela continuidade da vida, e pela infatigável constância de sua operação pelo movimento rápido da necessidade e pela combinação dos elementos e pela boa ordem de tudo o que vem a ser. Portanto, é por uma espécie de necessidade e com uma inteira conveniência que o mundo pode ser chamado kosmos. Assim, entre todos os viventes a sensação e a intelecção se introduzem de fora, como uma brisa surgindo da atmosfera; mas o Mundo, este as recebeu de uma vez por todas no instante em que veio a ser, e é de Deus quem as recebeu e é ele que as mantém.

Quanto a Deus, ele não é desprovido de sensação e de intelecção, como alguns o pensarão - é por um excesso de reverência que eles blasfemam. Pois os seres que existem, Asclépios, estão em Deus, sendo produzidos por Deus e dependendo de seus filhos, enquanto recebe a compulsão do bem pelo canal do sol. Pois é o Bem que é o princípio eficiente: esta qualidade não pode aparecer em nenhum outro que não ele mesmo, que jamais recebe coisas, mas que quer a existência das coisas. Eu não direi, ó Tat, "quem faz os seres"; pois aquele que faz pode ser deficiente durante longos intervalos enquanto faz e não faz; pode ser deficiente relativamente à qualidade e à quantidade, pois faz tais qualidades e tais quantidades e ao mesmo tempo seus contrários. Mas Deus é o Pai e o Bem naquilo em que as coisas existem. 4 - Assim é quanto cabe aquele que pode "ver". Pois disso também, Deus, quer a existência, e disso mesmo sobretudo é que é a causa. Verdadeiramente, todo o resto existe só para isso: pois a marca própria do Bem, é que o Bem seja conhecido, ó Tat. - Tornaste-nos repletos, ó pai, da boa e completamente bela visão, e pouco é preciso para que o olho de meu intelecto renda homenagem sob a influência de uma tal vista. - Sem dúvida, pois não é da visão do Bem como do raio solar, que pela sua natureza ígnea deslumbra os olhos pela sua luz, e os força a se fechar; contrariamente esta visão ilumina, e isso tanto mais quanto mais se é capaz de receber o influxo do esplendor inteligível. Mais agudo que o raio solar para nos penetrar, é por outro lado, inofensiva e repleta de toda

imortalidade, tão bem que aqueles que aí podem se abeberar desta visão freqüentemente caindo no sono e se destacando do corpo, chegam à visão mais bela tal como ocorreu a Uranus e Cronos, nossos ancestrais. Possa-nos também assim suceder, ó meu pai! - Apraz a Deus, meu filho. Mas agora, ainda somos muito fracos para chegar a essa visão; ainda não temos força suficiente para abrir os olhos de nosso intelecto e contemplar a beleza daquele Bem, sua beleza imperecível, incompreensível. Quanto nada mais puderes dizer, é somente então que vê-la-ás. Pois o conhecimento que se toma é silêncio divino, inibição de nossos sentidos. E aquele que a percebeu uma vez não pode perceber nenhuma outra, o que a contemplou uma vez nenhuma outra pode contemplar e não pode ouvir falar de nada além e, em suma, não pode mesmo mover o corpo: pois, perdendo a consciência de toda sensação, de todo movimento corporal, permanece em repouso; e esta beleza tendo banhado com sua luz todo intelecto, é a alma toda que também ilumina e que atrai através do corpo, assim transformando o ser humano inteiro na Essência. Pois é impossível, meu filho, que a alma que contemplou e beleza do Bem seja divinizada enquanto permanecer num corpo humano.

Que queres dizer por "ser divinizada", ó pai? - Toda alma separada, meu filho, sofre metamorfoses. - Mas então, que queres dizer por "separada"? - "Não escutaste nas Lições Gerais que é de uma só Alma, a Alma do Todo, que surgiram todas essas almas que turbilhonam no mundo como distribuídas em suas partes? Dessas almas então, numerosas são as metamorfoses de uma para uma sorte mais feliz, de outras para uma sorte contrária: pois as almas inferiores passam para animais aquáticos, as almas aquáticas em animais terrestres, as almas terrestres em voláteis, as almas aéreas em humanos, enfim as almas humanas fazem sua entrada na imortalidade transformando-se em 'daimons', e depois neste estado passando no coração dos deuses (há dois corações de deuses - o dos astros errantes e dos fixos). E tal é a glória mais perfeita da alma. Todavia, a alma que entra num corpo humano e permanece no vício, não experimenta a imortalidade, não toma parte no Bem, mas é levada para trás e percorre inversamente a rota seguida, a que conduz até aos répteis: tal é a sentença de condenação da alma viciosa."

Ora, o vício da alma é a ignorância. Realmente quando uma alma não adquiriu nenhum conhecimento dos seres, nem de sua natureza, nem do Bem, quando é cega, sofre os embates violentos das paixões corporais. Então a infeliz, para ignorar-se a si mesma, torna-se escrava de corpo monstruoso e perverso, carrega seu corpo como um fardo, não comanda, sendo comandada. Tal é o vício da alma.

9 Ao contrário, a virtude da alma é o conhecimento: pois aquele que conhece é bom e piedoso, já divino. - Que espécie de humano é esse, ó pai? - É o humano que fala pouco e pouco escuta. Pois aquele que perde seu tempo a disputar e a ouvir as novas golpeia o ar, filho. De fato, Deus, o Pai e o Bem, não se deve ensinar pela palavra nem aprender pela audição. Nestas condições, se todos os seres possuem os órgãos dos sentidos por não poderem viver sem eles, o conhecimento difere muitíssimo da sensação. A sensação só se produz na dependência do objeto que nos impressiona, ao passo que o conhecimento é a perfeição da ciência, que por si só é um dom de Deus. Pois toda ciência é incorpórea, e então o instrumento do qual ela se serve é o próprio intelecto que, a seu turno se serve do corpo. Ambos os objetos inteligíveis e os materiais entram no corpo. Pois tudo deve resultar da oposição e da contrariedade; é impossível ser de outra forma, quer exerçam sua atividade por meio dos corpos quer se movam por meio de uma substância psíquica, que sejam vivificados por meio de um sopro ou ainda mesmo que nelas recebam tudo o que é morto: e isso é razoável. Ou mais ainda, declaro que ele não os contém, mas para dizer a verdade, diria que ele é todos os seres, não os adiciona a si mesmo a partir do exterior, é ele que os dá de si mesmo e os produz para o exterior. Esta pois é a sensação e a intelecção de Deus: sempre mover todos os seres e jamais haverá um tempo no qual; seja lá o que for daquilo que existe será abandonado; na verdade, quando digo "daquilo que existe", quero dizer "de Deus"; pois Deus contém nele mesmo tudo o existe, e nada está fora dele e ele de nada está fora.

10 Tais coisas, Asclépios, se possuísses a inteligência, te pareceriam verazes, mas se não tens o conhecimento, ser-te-ão incríveis. Pois ter tido fé, é ter feito um ato de inteligência e ter faltado à fé, é ter faltado à inteligência. Pois o logos não consegue progredir até a verdade. Mas o intelecto, sendo poderoso, e após ter sido guiado até o ponto da rota pelo logos, pode progredir até a verdade. Então, tendo abarcado com uma mesma visão todos os seres, descobrindo que tudo está de acordo com o que foi explicado pelo discurso, acredita e encontra seu repouso nesta nobre crença. Para aqueles então que compreenderam, graças ao Dom de Deus, essas palavras, são então críveis, mas para aqueles que não as compreenderam, permanecem incríveis. Eis quanto basta no que tange a intelecção e a sensação.

X - A CHAVE (DE HERMES TRISMEGISTOS)

1 - Foi a ti ó Asclépios, que dediquei o discurso de ontem. O de hoje, deve ser por justiça, dedicado a Tat, pois este discurso é apenas um resumo das Lições Gerais que desenvolvi para ele. Deus todavia, o Pai, ó Tat, tem a mesma natureza; ou melhor, a mesma atividade que o Bem. Pois o termo natureza se aplica ao fato de impelir a crescer, o que se verifica apenas nas coisas mutáveis e móveis, enquanto que o termo atividade alcança as coisas imóveis também, isto é, alcança as coisas divinas e humanas, e por si mesmo transforma a energia, como mostramos anteriormente relativamente às coisas divinas e humanas, ensinamentos que ser-te-ão necessários manter na mente quanto a este assunto.

2 - Ora, a atividade de Deus, é sua vontade e sua essência é de querer a existência das coisas. Que é efetivamente Deus, o Pai, o Bem, senão o ser das coisas, ainda que atualmente não sejam, como digo, a própria realidade de tudo o que é? Eis o que é Deus, eis o que é o Pai, eis o que é o Bem, ao qual não se dá nenhuma outra qualificação. Pois se o mundo, tanto quanto o Sol, é pai dos seres que são por participação, todavia não é para os viventes, na mesma medida que Deus, a causa do Bem, e não mais ainda, da vida, e se for a sua causa, é unicamente sob coerção do bem-querer, sem o qual nada pode existir nem vir a Ser.

3 - O pai só é o autor da geração e da subsistência de seus filhos, enquanto recebe a compulsão do bem pelo canal do sol. Pois é o Bem que é o princípio eficiente: esta qualidade não pode aparecer em nenhum outro que não ele mesmo, que jamais recebe coisas, mas que quer a existência das coisas. Eu não direi, ó Tat, "quem faz os seres", pois aquele que faz pode ser deficiente durante longos intervalos enquanto faz e não faz; pode ser deficiente relativamente à qualidade e à quantidade, pois faz tais qualidades e tais quantidades e ao mesmo tempo seus contrários. Mas Deus é o Pai e o Bem naquilo em que as coisas existem.

4 - Assim é quanto cabe aquele que pode "ver". Pois disso também, Deus, quer a existência, e disso mesmo sobretudo é que é a causa. Verdadeiramente, todo o resto existe só para isso: pois a marca própria do Bem, é que o Bem seja conhecido, ó Tat.

- Tornaste-nos repletos, ó pai, da boa e completamente bela visão, e pouco é preciso para que o olho de meu intelecto renda homenagem sob a influência de uma tal visão. - Sem dúvida, pois não é da visão do Bem como do raio soltar, que pela sua natureza ígnea deslumbra os olhos pela sua luz, e os força a se fechar; contrariamente esta visão ilumina, e isso tanto mais quanto mais se é capaz de receber o influxo do esplendor inteligível. Mais agudo que o raio solar para nos penetrar, é por outro lado, inofensiva e repleta de toda imortalidade, tão bem que aqueles que aí podem se abeberar desta visão freqüentemente caindo no sonho e se destacando do corpo, chegam à visão mais bela tal como ocorreu a Uranus e Cronos, nossos ancestrais. - Possa-nos também assim suceder, ó meu pai! - Apraz a Deus, meu filho. Mas agora, ainda somos muito fracos para chegar a essa visão; ainda não temos força suficiente para abrir os olhos de nosso intelecto e contemplar a beleza daquele Bem, sua beleza imperecível, incompreensível. Quando nada mais puderes dizer, é somente então que vê-la-ás. Pois o conhecimento que se toma é silêncio divino, inibição de nossos sentidos.

6 E aquele que a percebeu uma vez não pode perceber nenhuma outra, o que a contemplou uma vez nenhuma outra pode contemplar e não pode ouvir falar de nada além e, em suma, não pode mesmo mover o corpo: pois, perdendo a consciência de toda sensação, de todo movimento corporal, permanece em repouso; e esta beleza tendo banhado com sua luz todo intelecto, é a alma toda que também ilumina e que atrai através do corpo, assim transformando o ser humano inteiro na Essência. Pois é impossível, meu filho, que a alma que contemplou a beleza do Bem seja divinizada enquanto permanecer num corpo humano.

Que queres dizer por "ser divinizada", ó pai? - Toda alma separada, meu filho, sofre metamorfoses. - Mas então, que queres dizer por "separada"? - "Não escutaste nas Lições Gerais que é de uma só Alma, a Alma do Todo, que surgiram todas essas almas que turbilhonam no mundo como distribuídas em suas partes? Dessas almas então, numerosas são as metamorfoses de uma para uma sorte mais feliz, de outras para uma sorte contrária: pois as almas inferiores passam para animais aquáticos, as almas aquáticas em animais terrestres, as almas terrestres em voláteis, as almas aéreas em homens, enfim as almas humanas fázem sua entrada na imortalidade transformando-se em `daimons', e depois neste estado passando no coração dos deuses (há dois corações de deuses - o dos astros errantes e dos fixos).

8 E tal é a glória mais perfeitá da alma. Todavia, a alma que entra num corpo humano e permanece no vício, não experimenta a imortalidade, não toma parte no Bem, mas levada para trás percorre inversamente a rota seguida, e que conduz até aos répteis: tal é a sentença de condenação da alma viciosa.

Ora, o vício da alma é a ignorância. Realmente quando uma alma não adquiriu nenhum conhecimento dos seres, nem de sua natureza, nem do Bem, quando é cega, sofre os embates violentos das paixões corporais. Então a infeUz, para ignorar-se a si mesma, torna-se escrava de corpo monstruoso e perverso, carrega seu corpo como um fardo, não comanda, sendo comandada. Tal é o vício da alma.

9 Ao contrário, a virtude da alma é o conhecimento: pois aquele que conhece é bom e piedoso, já divino. - Que espécie de ser humano é essa, ó pai? - É o ser humano que fala pouco a pouco escuta. Pois aquele que perde seu tempo a disputar e a ouvir as nov s golpeia o ar, filho. De fato, Deus, o Pai e o Bem, não se dei~a en~inar pela palavra nem aprender pela audição. Nestas condições, se todos os seres possuem os órgãos dos sentidos por não poderem viver sem eles, o conhecimento difere muitíssimo da sensação. A sensação só se produz na dependência do objeto que nos impressiona, ao passo que o conhecimento é a perfeição da ciência, que por si só é um dom de Deus.

10 Pois toda ciência é incorpórea, -- então o instrumento do qual ela se serve é o próprio intelecto que, e seu turno se serve do corpo. Ambos os objetos inteligíveis e os materiais entram no corpo. Pois tudo deve resultar da oposição e da contrariedade; é impossível ser de outra forma.

- Qual é então esse deus material? - É o mundo, que ébelo, mas que não é bom. É feito de matéria e é facilmente afetado; o primeiro dentre todos os passivos, é só o segundo na série dos seres sendo isoladamente incompleto; tendo ele mesmo começado a ser, não obstante subsistindo sempre, subsiste no devir; e assim sempre no devir, o é das qualidades e das quantidades: pois é movimento e todo movimento da matéria é o vir a ser.

11 A imobilidade inteligível detém o movimento da matéria da seguinte maneira. Sendo o mundo uma esfera, quer dizer, uma cabeça, e como acima da cabeça nada há de material assim como sob os pés nada há de inteligivel sendo tudo material, e como o intelecto é a cabeça, cabeça movida por um movimento circular, ou seja do movimento próprio à cabeça - as coisas que então ligadas à membrana dessa cabeça onde se acha a alma são por natureza imortais: e como o corpo foi feito por assim dizer na alma, elas têm também mais alma do que corpo-Tudo o que está distanciado da membrana é mortal, por ter mais corpo do que alma. Assim todó o vivente como o próprio universo é composto de material e de inteligível.

O mundo é então o primeiro. Quanto ao homem, segundo vivente depois do mundo, mas o primeiro dos mortais, possui em comum com os outros viventes o princípio de animação; por

outro lado não é simplesmente não-bom, mas, mau enquanto mortal. O mundo é não-bom pois é móvel, mas é não-mau enquanto imortal. O homem, contrariamente, é duplamente malvado, pois é móvel e mortal. A alma do ser humano é veiculada da seguinte maneira. O intelecto está contido na razão discursiva (logos), a razão (logos) na alma, a alma no sopro: enfim o sopro passando através das veias, das artérias e do sangue coloca em movimento o vivente e pode-se dizer, até certo ponto, que o porta.

Esta é a razão de alguns pensarem que a alma é o sangue, mas enganam-se quanto à sua natureza: não sabem que é preciso que o sopro tenha se retirado e permanecido na alma, depois que o sangue tenha se coagulado e que então, as veias e as artérias tendo se esvaziado, façam perecer o vivente. Nisto consiste a morte do corpo.

Todo o universo depende de um único Princípio, e esse Princípio depende do UM-Único. O Princípio está em movimento a fim de tornar-se princípio, enquanto que o Um, somente, permanece imóvel e estável. Existem então estes três seres, Deus, o Pai e o Bem, o mundo e o ser humano. O mundo está contido em Deus, o ser humano no mundo. O mundo é filho de Deus e o ser humano filho do mundo, por assim dizer: neto de Deus.

Deus não ignora o homem, pelo contrário conhece-o bem e quer por este ser conhecido. Somente isto é salutar para o ser humano, o conhecimento de Deus. Esta é a via para o Olimpo. Somente por ele a alma torna-se boa. Mas não permanece boa para sempre, torna-se má: necessariamente. - Como dizes, ó Trismegistos? - Considera a alma de uma criança, meu filho: enquanto ela não foi separada de seu verdadeiro ser e que o corpo ao qual pertence tem apenas um pequeno volume, não atingiu seu pleno desenvolvimento, como é bela então, nesta hora em que não foi tocada pelas paixões do corpo e que está ainda quase presa à Alma do Mundo! Mas quando o corpo atingiu o seu volume e atirou, arrastou a alma para baixo rumo ao peso corporal, a alma tendo sido separada de seu verdadeiro ser, gera o esquecimento: nada mais tem a haver com o belo-e-bom e é o esquecimento que a torna má.

A mesma coisa acontece àqueles que saem do corpo. A alma tendo retornado a seu verdadeiro ser, o sopro se contrai no sangue, a alma no sopro e o intelecto após ter se purificado de seus envoltórios, pois é divino por natureza, e após ter recebido um corpo de fogo (de daimon), percorre, todo o espaço, abandonando a alma ao julgamento e veredito que merece. - Como dizes, ó pai? Pretendes que o intelecto se separe da alma e a alma do sopro, quando dizes que a alma é o envoltório do intelecto e o sopro o envoltório da alma?

Aquele que escuta, meu filho, deve manter uma mesma inteligência e sopro que aquele que fala, deve ter um ouvido mais pronto do que a voz daquele que fala. A conjunção desses envoltórios, minha criança, produz-se num corpo de terra. Pois é impossível para o intelecto instalar-se nu, como é na sua essência, em um corpo de terra: pois nem o corpo de terra é capaz de portar uma imortalidade tão grande, nem uma virtude tão possante permitir que se lhe prenda, pouco a pouco, um corpo passivo. O intelecto tomou então a alma como envoltório, e a alma que também é de algum modo divina, utilizou por sua vez o sopro como servidor, enquanto que o sopro governa o vivente. Quando o intelecto se separa do corpo de terra, reveste-se rapidamente da túnica que lhe é própria, a túnica de fogo, que não pode usar quando veio se estabelecer no corpo terrestre (pois a terra não pode conter o fogo: basta uma pequena faísca para fazê-la arder e eis porque a água se expande em torno da terra, como barreira e muro de defesa contra o fogo flamígero.). O intelecto então sendo o mais penetrante dos conceitos divinos, possui como corpo o mais penetrante de todos os elementos, o fogo. E como o intelecto é o fautor de todos os seres, é o fogo que toma como instrumento para esta fabricação. O intelecto do Todo é o fautor de todos os seres, o intelecto do ser humano faz, tão-somente, os da terra. Pois, desprovido de sua 'vestimenta ignea, o intelecto que habita nos homens é incapaz de perfazer os seres divinos pois sua habitação lhe impõe a condição humana. Quanto à alma humana, não toda alma para dizer a verdade, mas a piedosa, é de alguma forma daimoníaca (de daimon) e divina. Essa alma, então quando se separa do corpo após ter percorrido o curso da piedade (N.T. - esse curso consiste em conhecer o divino e não fazer mal a nenhum dos seres humanos), torna-se totalmente intelecto. Contrariamente a alma ímpia permanece no nível de sua própria natureza, torturando a si própria

e procurando um novo corpo de terra no qual possa penetrar, mas um corpo humano: pois nenhum outro corpo saberia conter uma alma humana e a ordem divina interdita à alma humana o cair num corpo de animal sem razão. É com efeito uma lei de Deus que a alma humana seja protegida de um tão grande ultraje.

Mas então, ó pai, como a alma humana é punida? - Existe maior tortura para a alma humana, criança, que a impiedade? Que fogo tem uma chama tão grande quanto a impiedade? Que besta é tão devoradora, para mutilar um corpo, tanto quanto a impiedade mutila a alma? Não percebes os suplícios de uma alma ímpia que grita por socorro; e se lamenta: "Eu queimo, estou em chamas: que dizer, que fazer, eu não sei. Sou devorada, infeliz, pelos males que me possuem. Não vejo mais, nem ouço." Não são estes os gritos de uma alma que se pune? Ou vais, minha criança, segundo a opinião vulgar, acreditar, que a alma ao sair do corpo é transformada em besta, o que é um sério engano?

21 Eis com efeito qual é o castigo da alma. É ordem estabelecida que o intelecto assim que se torne daimon, receba um corpo de fogo para ser colocado ao serviço de Deus que sendo introduzido numa alma muito ímpia, flagela-a com os açoites reservados aos pecadores, sob os golpes dos quais a alma ímpia precipita-se nos assassinos, ultrajes, calúnias e violência de toda sorte, instrumentos das injustiças humanas. Quando, contrariamente, o intelecto ingressa numa alma piedosa, guia-a para a luz do conhecimento e a alma assim favorecida nunca deixa de cantar a Deus e de estender suas bênçãos para todos os homens por benefícios em palavras e obras, à imitação de seu pai.

22 Também, ó criança, quando rendes graças a Deus, deves pedir a obtenção de um bom `intelecto'. A alma também pode passar a um corpo superior, mas é impossível que passe a um corpo inferior. Existe uma comunhão entre as almas: as almas dos deuses entram em comunhão com as dos homens, as almas dos homens com as dos seres sem razão. - Os seres superiores cuidam dos seres inferiores, os deuses dos seres humanos, os seres humanos dos animais sem razão, Deus de todos: pois é superior a todos e todos lhe são inferiores. O mundo é submisso a Deus, o ser humano ao mundo, os seres sem razão ao homem; Deus, está acima de todos os seres a vela por todos. As energias são como os raios de Deus, as forças da natureza como raios do mundo, as artes e as ciências como os raios do homem. As energias agem através do mundo e atingem o ser humano pelo canal dos raios físicos do mundo; as forças da natureza agem por meio dos elementos e os homens por intermédio das artes e das ciências.

23 E tal é o governo do Todo, governo dependente da natureza do Um e que penetra por toda parte por intermédio único do intelecto. Nada há de mais divino e mais ativo que o intelecto, nada de mais apto para unir os homens aos deuses e os deuses aos homens. O intelecto é o Bom Daimon.

Feliz a alma que está plena deste intelecto, infortunada e que está totalmente desprovida dele.

- Que queres dizer com isto, ó pai? - Crês, minha criança, que toda a alma possui intelecto, quero dizer, o bom? Pois é deste que falamos e não o intelecto servidor, do qual falamos mais acima, que é enviado para cá pela Justiça.

Sem intelecto, realmente, a alma "não pode nada dizer nem nada fazer." Freqüentemente, na verdade, acontece que o intelecto se afasta da alma e, nestas horas, a alma não vê, nem escuta, mas assemelha-se a um animal, tão grande é a potência do intelecto! Por outro lado o intelecto não pode suportar uma alma torpe, mas abandona esta alma presa ao corpo e sufocada por ele cá embaixo. Essa alma, meu filho, não possui intelecto nem se deve chamar de "ser humano" um tal ser. Pois o ser humano é um vivente divino, que não deve ser comparado ao resto dos viventes mortais, mas àqueles do alto, no céu, que se chamam deuses. Ou melhor, é preciso ousar dizer a verdade, é ainda acima desses deuses que está estabelecido o ser humano realmente humano ou, pelo menos, existe completa igualdade de poder entre uns outros.

25 Realmente nenhum dos deuses celestes deixará a fronteira do céu e descerá sobre a terra, o ser humano contrariamente se eleva até ao céu e o mede, e sabe o que está em cima no céu, o que está embaixo, e aprende todo o resto com exatidão e, maravilha suprema, não precisa

deixar a terra para se estabelecer no alto, tão longe se estende seu poder! É preciso então ousar dize-lo, o ser humano terrestre é um deus mortal, o deus celeste um ser humano imortal. É também por intermédio dessa dupla, o mundo e o ser humano que as coisas existem, mas foram produzidas pelo Um.

XI - DE NOÚS A HERMES

Retenha bem meu discurso, Hermes Trismegistos, e mantenha na memória o que te digo. Quanto a mim, não hesitarei a declarar o que me vai no espírito. - Falou-se bem e muito relativamente ao Todo, a Deus e estes assuntos são contraditórios, tanto que não consegui, no que me concerne, apreender a verdade: esclareça-me sobre o assunto, Senhor. Pois é a ti e a ti somente que me será possível crer, se desejas desvelar-me a questão.

Escuta então, o que concerne a Deus e ao Todo.

Deus, a eternidade, o mundo, o tempo, o futuro.

Deus fez a Eternidade, a Eternidade fez o mundo, o mundo fez o tempo, o tempo fez o futuro. De Deus, a essência por assim dizer é (o bem, o belo, a beatitude) a sabedoria; da eternidade é a identidade; do mundo é a boa ordem; do tempo é a mudança; do futuro é a vida e a morte. Deus tem por energia o intelecto e a alma; a Eternidade a duração e a imortalidade; o mundo o apocatastasis e o apocatastásis oposto; o tempo o crescimento e o decrescimento; o futuro e qualidade e a quantidade. Assim a Eternidade está em Deus; o mundo na Eternidade, o tempo no mundo, o futuro no tempo. E enquanto a Eternidade se mantém imóvel em Deus, o mundo está em movimento na Eternidade o tempo se cumpre no mundo e o futuro se desenrola no tempo

3 Deus é portanto a fonte das coisas, a Eternidade lhes é essência e o mundo a matéria. A Eternidade é a Potência de Deus, e a obra da Eternidade é o mundo, que não tem começo, mas que é continuamente no futuro pela ação da Eternidade. Eis porque tudo o que está nesse mundo não perecerá jamais (pois a Eternidade é imperecívell nem será destruído, porque o mundo está totalmente envolvido pela Eternidade. - Mas o que é a Sabedoria de Deus? - É o bem e o belo e a beatitude e a virtude total da Eternidade. A Eternidade faz do mundo uma ordem, introduzindo a imortalidade e a duração na matéria.

4 Com efeito, o devir da matéria depende da Eternidade, como a Eternidade depende de Deus. O devir e o tempo se encontram no céu e na terra, mas possuem duas naturezas diferentes: no céu não se transformam e são imperecíveis, na terra são mutáveis e perecíveis. E da Eternidade Deus é a alma, do mundo é a Eternidade, da terra é o céu. Deus está no intelecto, o intelecto na alma, a alma na matéria: e todas essas coisas subsistem, através da Eternidade. Todo esse grande corpo no qual se acham contidos os corpos, uma alma plena de intelecto e de Deus o completa no interior e o envolve no exterior, vivificando o Todo no exterior desse vasto e perfeito vivente que é o mundo, no interior de todos os viventes e no alto, no céu dura sem mudar, idêntica a si mesma, embora embaixo, na terra, produza as variações do devir.

5 É a Eternidade que mantém coeso todo esse mundo, por meio da necessidade, ou da providência, ou da natureza, ou de seja lá o que for que se possa pensar hoje ou depois. E tudo que produz pela sua atividade, é Deus, e a energia de Deus, força insuperável, e à qual não se podem comparar as coisas humanas ou divinas. Por esta razão, ó Hermes, nunca vá pensar que alguma das coisas daqui de baixo ou de cima são semelhantes a Deus, pois te afastarás da verdade: efetivamente nada há de semelhante ao Dissemelhante, Só e único. E não pense também que ele dá parte de sua potência seja lá a quem for. Existe depois dele algum outro criador da vida, da imortalidade, da transformação? E ele que poderá fazer além de criar? Pois Deus não é inativo, de outra forma o Universo também seria inativo: pois tudo é pleno de Deus. Mas, de fato, não se verifica inatividade em parte alguma, nem no mundo, nem em qualquer outro ser que seja. Inatividade é uma palavra vazia, relativamente àquele que criou e àquele que vem a ser.

6 Ora é necessário que tudo venha a ser, e sempre, segundo a influência própria a cada lugar. Pois aquele que cria está em todos os seres, não permanece fixado em um deles e não criou um apenas, mas todos: pois sendo uma força sempre atuante não tira sua suficiência dos seres criados mas são os seres criados que lhe são submissos.

Contempla, por mim o mundo que se oferece à tua visão e considera atentamente sua bondade: esse corpo sem mácula que nada ultrapassa em antigüidade, eternamente na força da idade e jovem, e sempre mais florescente!

7 Vê também a hierarquia dos sete céus formados em boa ordem segundo uma disposição eterna, preenchendo cada um por um curso diferente a eternidade. Vê todas as coisas repletas de luz sem que haja fogo em parte alguma: pois a amizade e combinação dos contrários e dos dissemelhantes tornou-se luz, repleta embaixo pela energia do deus que é gerador de todo bem, chefe e condutor de toda a boa ordem dos sete céus. Veja a lua que corre à frente de todos esses céus, instrumento da vida física, transformando a matéria daqui de baixo. Veja a terra, estabelecida no meio do Todo, bem estabelecida como fundamento deste mundo tão belo, nutriz dos seres terrestres. Considera ainda quão grande é a multiplicidade dos viventes imortais, imensa aquela dos mortais e veja, mediatriz entre mortais e imortais, a lua que prossegue sua ronda.

8 Tudo está cheio de alma, todos os seres estão em movimento, uns no céu, outros na terra e nem os que devem estar à esquerda seguem à direita e nem aqueles que devem estar à direita seguem à esquerda, nem os que devem estar no alto estão embaixo, nem os que devem estar embaixo estão no alto. Que todos esses seres foram produzidos, caríssimo Hermes, não precisas ouvir de minha boca: esses são com efeito os corpos, possuem uma alma, e são movidos. Ora todos esses corpos não podem convergir para um único ser sem alguém que os reúna. É preciso portanto que esse alguém exista e seja absolutamente único.

9 Pois, como os movimentos são diversos e múltiplos e como os corpos são dissemelhantes, como, portanto, a velocidade total imposta a esses corpos é única, não podem existir dois ou mais criadores: realmente, quando se é múltiplo não se mantém a unidade da ordem e não se pode ser múltiplo sem que resulte ciúme relativamente ao mais possante. E eu te direi, suponha que haja um segundo criador para os viventes mutáveis e mortais, seria tomado então do desejo de criar também os imortais e da mesma forma o criador dos imortais quereria criar os mortais. E mais ainda, suponha que existam dois enquanto que a matéria é uma e a alma uma, a qual dos dois pertencerá o cuidado de efetuar a criação? E se o cuidado pertence a ambos, qual dos dois tomará maior parte nele?

10 Pensa que todo corpo vivente é composto de matéria e de alma, tanto o imortal quanto o mortal, tanto o racional quanto o irracional. Pois todos os corpos viventes são animados e os não viventes são simplesmente a matéria que subsiste à parte nela mesma, deposta que está entre as mãos do criador e é então o criador dos imortais que é o autor da vida: como não criaria também os outros viventes que não imortais?

11 Que existe alguém que criou estas coisas é evidente. E agora está absolutamente manifesta a sua unicidade: na verdade a alma é uma, a vida é uma, a matéria é uma. Qual é então esse criador? Quem pode ser ele senão o único Deus? A quem seria conveniente criar viventes providos de alma, se não a Deus somente? Deus é portanto único. É coisa evidentemente visível! Reconheceste que o mundo é sempre um, o sol um, a lua uma, a atividade divina uma, e queres que Deüs seja membro de uma série?

12 É Deus, portanto, que sozinho criou as coisas. E o que há de maravilhoso no fato de Deus ter criado ao mesmo tempo: a vida, a imortalidade, as transformações, se fazes, também, tantas coisas diversas? Pois vês, falas, escutas, cheiras, tocas, andas, pensas, respiras, e não é um outro que fala, que escuta, um outro que cheira, um outro que anda, um outro que pensa e um outro que respira, mas é um único ser que faz tudo isto. E as atividades divinas também não podem ser separadas de Deus. Pois se paras de fazer estes atos, não és mais um vivente e o mesmo se dá com Deus, pois se cessa de o fazer, coisa ímpia de se dizer, não é mais Deus.

13 Pois se demonstraste que não podes existir sem alguma atividade, quanto mais Deus! Com efeito, se existe alguma coisa que não crie, Deus, coisa ímpia de se dizer, é imperfeito; e se Deus não é inativo, mas contrariamente perfeito, é porque criou todas as coisas.

Se quiseres, ó Hermes, prestar-me um pouco de atenção, conceberás que Deus possui apenas uma obra, é fazer com que as coisas venham a ser, o que vem, o que veio há um momento, o que virá no futuro. É isto, caríssimo, que é a vida, que é o belo, que é o bem, é isto que é Deus.

14 E se quiseres compreendê-lo pela tua própria experiência, percebe o que se passa em ti quando queres engendrar. Verdadeiramente quando se trata de Deus, o ato de engendrar não é nem um pouco semelhante: Deus seguramente não encontra prazer sensível e não possui nenhum colaborador. Com efeito, como opera sozinho, sempre é imanente à sua obra, sendo ele mesmo o que ele produz. Pois se suas criaturas fossem separadas dele, dobrar-se-iam e pereceriam necessariamente, não mais possuindo vida. Mas, como tudo é vivente e como a vida também é uma, Deus é certamente único. Por outro lado, já que tudo é vivo, os seres do céu e os da terra, e como a vida é única em todos, é produzida por Deus e é ela que é Deus, é portanto pela ação de Deus que todas as coisas vêm a ser e a vida é a união do intelecto e da alma. Quanto à morte, ela não é a destruição dos elementos reunidos, mas ruptura da união.

15 Assim como a Eternidade é a imagem de Deus, o mundo imagem da Eternidade, o Sol imagem do mundo, o ser humano é a imagem do Sol. Quanto à transformação, é chamada morte porque o corpo se dissolve enquanto a vida se dissipa no invisível. Ora os seres que se dissolvem desta maneira, meu caríssimo Hermes, e o mundo, declaro que se transformam pelo fato de que, a cada dia, uma parte do mundo vai para o invisível, mas não que se dissolvam. E eis o que são as paixões do mundo: rotações e desaparições. Ora a rotação é revolução, e desaparição é renovação.

16 Destarte o mundo é omniforme, não que possua as formas abrigadas em si, é em si mesmo que ele se transforma. E sendo então o mundo omniforme, o que pode ser aquele que o criou? Não digamos que seja sem forma! Por outro lado, se também é omniforme, é semelhante ao mundo. Mas e se ele possui apenas uma forma? Será sob este ponto de vista inferior ao mundo. Que diremos que ele é para não deixar o discurso sem término? Pois nada é inconcluso na nossa concepção de Deus. Deus possui apenas uma figura - se alguma figura é própria a Deus - que não se oferece aos olhos corporais - incorpórea, e desvela todas as formas por meio do corpo.

17 E não te espantes que possa existir uma figura incorpórea, ela existe efetivamente, como a figura da palavra. E da mesma forma, nas pinturas, vêem-se cimos de montanhas se elevando muito acima, quando na verdade são chatas e lisas. Examina ainda o que acabo de te dizer de um ponto de vista mais ousado, mas também mais verdadeiro. Da mesma forma que o ser humano não pode existir sem a vida, Deus também não o pode sem produzir o bem. É isto precisamente que é a vida e movimento de Deus, o fato de mover todos os seres e de lhes dar a vida.

18 Certos termos devem ser tomados em uma acepção particular, considera por exemplo o seguinte argumento. Todos os seres estão em Deus, mas não estão colocados como em um lugar, (na verdade o lugar é um corpo, e um corpo imóvel, e o que está no lugar não possui movimento): mas é de uma outra maneira que estão colocados na faculdade incorpórea de representação. Concebe então aquele que contém todos os seres e compreende que não há nada que possa circunscrever o incorpóreo, nem que seja mais rápido e possante que ele, de fato é o incorpóreo que é incircunscritível, mais rápido e possante que todos os seres.

19 Julga-o também da maneira seguinte, segundo os teus critérios. Ordena à tua alma que esteja na Índia e eis que, mais rápida que tua ordem lá estará, não por ter viajado de um local e outro, mas como se já estivesse lá. Ordena que voe para o céu, e não necessitará a mesma de asas: nada pode impedi-la, nem o fogo do sol, nem o éter, nem a revolução do céu, nem os corpos dos outros astros: mas, cortando todos os espaços, subirá em seu vôo até ao último dos corpos.

E se quiseres passar a abóbada do universo e contemplar o que existe além dela (se é que algo existe depois dela): tu o podes.

20 Vês que potência, que velocidade possuis! E se podes tudo isto, Deus não o poderia? É desta maneira então que deves conceber Deus: tudo que é contido nele como pensamentos, o mundo, ele mesmo, o Todo. Se não te fazes igual a Deus, não podes compreender a Deus: pois o semelhante só é inteligível ao semelhante. Faça-te crescer até corresponder à grandeza sem medida, por um salto que te libere de todo corpo; eleva-te acima de todo tempo, torna-te o Aíòn: então compreenderás Deus. Sabendo que não é impossível para ti, estima-o imortal e capaz de tudo compreender, toda arte, toda ciência, o caráter de todo ser vivente. Sobe acima de toda altura, desce mais que toda profundidade, reúna em ti as sensações de todo o criado, do fogo e da água, do seco e do úmido, imaginando que estás ao mesmo tempo na terra, no mar, no céu e que ainda não nasceste e que estás no ventre materno, que és adolescente, ancião, que estás morto e que estás além da morte. Se alcanças com o pensamento essas coisas ao mesmo tempo: tempo, lugar, substância, qualidade, quantidade, podes compreender Deus.

21 Mas se mantens tua alma aprisionada no corpo, se a abaixas e dizes: "Eu não concebo nada, eu não posso, tenho medo do mar, não posso subir ao céu; não sei o que sou, não sei o que serei" que queres com Deus? Pois não podes alcançar com o pensamento nenhuma das coisas belas e boas, tanto amas teu corpo e és malvado. O vício supremo, indubitavelmente, é não conhecer o divino. Contrariamente, ser capaz de conhecer, e ter tido a vontade e a firme esperança, é a via direta que conduz ao Bem e uma via fácil. Durante tua marcha, ele virá em toda parte e teu encontro, em todo lugar se oferecerá à tua vista, mesmo no lugar e na hora em que não o esperas, estejas em vigília ou em repouso, navegues ou caminhes, de noite ou de dia, falando ou calando-te: pois nada existe que ele não seja.

22 Dirás agora: "Deus é invisível?" Não fala assim, o que é mais manifesto que Deus? Ele criou tudo para que o vejas através de todos os seres. Eis o bem de Deus, o poder miraculoso de Deus de se manifestar através de todos os seres. Pois nada há de invisível mesmo entre os incorpóreos. O intelecto se torna visível no ato de pensar, Deus no ato de criar.

Minhas revelações cessam neste ponto, ó Trismegistos. Para o resto siga o mesmo método e não serás decepcionado.

XII - SOBRE O INTELECTO COMUM (HERMES A TAT)

1 - O intelecto, ó Tat, é tirado da própria substância de Deus, quanto a saber de que natureza é a essência, Deus é o único a conhecê-la exatamente. O intelecto, então, não é tirado da substancialidade de Deus mas advém a partir desta fonte, como a luz advém a partir do Sol. Nos homens este, intelecto é Deus: também alguns entre os homens são deuses e sua humanidade é muito próxima da divindade e com efeito o Bom Gênio (Agatodemon) nomeou os deuses como "homens imortais" e os homens "deuses mortais"; nos animais sem razão o intelecto é o instinto natural.

2 Onde há alma existe intelecto da mesma forma que onde há vida, há também alma. Mas nos animais irracionais, a alma é simplesmente vida pura, sem intelecto. Pois o intelecto presta seus benefícios somente às almas dos seres humanos: os faz em vista do bem. Nos animais sem razão, coopera com o instinto natural presente em cada um deles, enquanto na alma dos humanos age de encontro ao bem. Pois toda alma assim que entra num corpo é pervertida rapidamente pela pena e pelo prazer: pois a pena e o prazer são como os humores do corpo composto e que borbulham dentro de si e nos quais a alma afunda se macula.

3 Quando as almas se deixam comandar pelo intelecto, este faz aparecer a sua luz e se opõe às suas prevenções. Da mesma forma que um bom médico faz sofrer o corpo que encontra atingido pela moléstia queimando ou cortando a parte doente, também o intelecto faz sofrer a alma retirando-a do prazer, que é o princípio de onde deriva toda moléstia da alma. Ora a grande moléstia da alma é a negação de Deus, depois a opinião errônea de onde decorrem todos os

males mas nada de bom. Assim o intelecto lutando contra esta moléstia confere o bem à alma como o médico dá ao corpo a saúde.

4 Por outro lado, quando as almas humanas não obtêm o intelecto por guia, sofrem a mesma condição que as almas dos seres sem razão. O intelecto coopera com elas, deixa livre curso às concupiscências, e as almas deixam-se levar pela violência de seus apetites para essas concupiscências que tendem ao irracional, e, como os animais sem razão, não deixam de se abandonar aos movimentos irracionais da cólera e da concupiscência e jamais encontram saciedade nos seus vícios: pois os movimentos irracionais da cólera e da concupiscência são os vícios maiores. E é a essas almas que Deus impôs o governo da lei para puni-las e convencê-las do pecado.

5 - Então, ó pai, a doutrina da fatalidade, que me expusestes recentemente, corre o risco de ser invertida. Pois se foi fixado absolutamente pelo destino que um tal ou qual seja adúltero ou sacrílego, ou cometa qualquer outro crime, será castigado ainda que tenha cometido o ato estritamente sob coerção da fatalidade? - Tudo é obra da fatalidade meu filho, e sem ela, nada pode acontecer no que se refere às coisas do corpo, nada de bom nem de mau. É a fatalidade que decretou também, que aquele que fez o bem sofra as conseqüências e por esta razão, agiu com o objetivo de provar, o que ele prova é porque agiu.

6 Mas eis o suficiente e até demasiado para o momento; este não é o instante de discorrer sobre o vício e a fatalidade. Nós falamos dele noutro momento, agora é sobre o intelecto que discorremos: qual é a potência do intelecto, quais diferenças que contém em si, nos humanos de uma forma, nos animais irracionais de outra forma, e de novo, que, se nos outros viventes não produz seus bons efeitos, mas é dissemelhante em todos segundo seja irascível ou concupiscente (e entre esses viventes é preciso tomar uns por humanos em possessão do verbo e outros por humanos privados do verbo), todos os humanos por outro lado são submetidos à fatalidade, ao nascimento e à mudança: eis o princípio e o fim da fatalidade.

7 Todos os humanos, portanto, sofrem as coisas fixadas pelo destino, mas os humanos em possessão do verbo, dos quais dizemos que neles o intelecto comanda, não as sofrem da mesma maneira que os outros: como são livres do mal, não é enquanto malvados que sofrem seu destino.

- Que queres dizer com isto, ó pai? O adúltero não é mau, o assassino não é mau, e da mesma forma todos os outros? - O ser humano em possessão do verbo, meu filho, não sofrerá por ter cometido adultério, mas sofrerá como se o tivesse cometido; não é por ter matado, mas como se tivesse matado. Pois, se não é possível escapar à condição da transformação, menos ainda à do nascimento; ao vício, contrariamente, quem possui o intelecto, pode se furtar. 8 É porque, meu filho, sempre ouvi o Bom Gênio dizer - e se ele o tivesse escrito e publicado, teria prestado um grande serviço ao gênero humano; pois somente ele, meu filho, enquanto Deus primogênito, contemplou verdadeiramente todo o conjunto dos seres e por esta razão proferiu palavras divinas: eu o ouvi dizer um dia que "tudo é um, e sobretudo os seres inteligíveis; que nós vivemos pela potência, pela energia e pelo Aiòn e que o intelecto deste, que é também seu eu, é bom. Nessas condições; não possui dimensão entre os inteligíveis; conseqüentemente então, se manda nas coisas e é o eu de Deus, o intelecto possui a potência de fazer tudo o que quer:

9 reflete e aplica esta doutrina à questão que me havias proposto, isto é, sobre a fatalidade e o intelecto.

Se afastas todos os argumentos capciosos encontrarás, meu filho, o intelecto dominando as coisas, isto é, o eu de Deus, sobre a fatalidade, sobre a lei, e todo o resto; e que nada lhe é impossível, nem mesmo o estabelecimento da alma humana acima da fatalidade, nem, se esta é negligente o submetê-la ao julgo da fatalidade. Eis bem relatadas as proposições do Bom Gênio.
- Estas são palavras divinas, verdadeiras e úteis, ó pai.

10 Mas esclarece-me ainda sobre este ponto. Disseste que nos animais irracionais, o intelecto age à maneira do instinto, pois coopera com seus impulsos. Ora os impulsos dos animais irracionais são, pelo menos o suponho, paixões. Se o intelecto coopera com os impulsos e se esses impulsos são paixões, o intelecto também é uma paixão pois tem contato com as paixões?

- Bem exposto, meu filho. Eis uma excelente questão e é justo que eu a responda.

11 Todos os incorpóreos alojados em um corpo são passíveis, meu filho, e a bem dizer, são paixões. Efetivamente todo motor é incorpóreo, todo móvel é corpo; ora os incorpóreos também estão em movimento, movidos pelo intelecto e o movimento é uma paixão; de modo que um e outro são sujeitos, o motor e o móvel, pois um comanda, o outro, por ser comandado. Mas quando o intelecto é separado do corpo, separa-se também da paixão. Talvez seja melhor dizer que nada é impassível, mas que o inverso é que se verifica. A paixão difere do passível. Com efeito, uma é ativa, e outra passiva. Ora os corpos também são ativos por si mesmo. Ou são imóveis ou movidos. Num caso ou no outro existe a paixão. Quanto aos incorpóreos, sempre sofrem a ação e por isso são passíveis. Não te enganes com essas designações: ação e paixão, tudo é um. Mas não existe mal algum em se servir do termo mais favorável.

12 - Explicastes da maneira mais clara, ó pai. - Considera ainda isto, meu filho, Deus gratificou o ser humano, único entre os animais mortais, com esses dois dons: o intelecto e o verbo, que têm o mesmo valor que a imortalidade (O ser humano possui também o verbo proferido). Ora se o ser humano emprega esses dons para os fins que convém, não diferirá em nada dos imortais; uma vez liberto do corpo, será guiado por um e pelo outro para o coro dos deuses e dos bem-aventurados.

13 Os outros animais, ó pai, não se utilizam da palavra? - Não, criança, possuem apenas a voz. Ora, a palavra difere absolutamente da voz. A palavra é comum à todos os humanos, ao passo que cada espécie de animal tem sua própria voz. - Mas entre os humanos também, ó pai, a palavra não difere segundo cada raça? - Difere indubitavelmente, meu filho, mas a humanidade é apenas uma: desta forma a palavra também é uma, traduz-se de língua, e descobre-se que é a mesma no Egito, na Pérsia bem como na Grécia.

Parece-me que desconheces toda a virtude e grandeza do verbo. O Bom Gênio, deus bem-aventurado, disse: "A alma está no corpo, o intelecto na alma, o verbo no intelecto, Deus é portanto o pai de todos."

14 O verbo é portanto a imagem e o intelecto de Deus (o corpo é a imagem da idéia, a idéia e imagem da alma). O que há de mais sutil na matéria é o ar, no ar a alma, na alma o intelecto, no intelecto-Deus. Deus envolve e penetra tudo, o intelecto envolve a alma, a alma envolve o ar, o ar envolve a matéria.

A necessidade, a providência e a natureza são os instrumentos da ordem e do belo ordenamento da matéria. Entre os inteligíveis, cada um é uma essência, a sua essência é a identidade; contrariamente, entre os corpos do Todo, cada um deles é pluraridade: de fato, como os corpos compostos possuem sua identidade na transformação de um em outro, conservam indestrutível a identidade: 15 Do outro ponto de vista, em todos os corpos compostos em geral, existe um número próprio a cada um deles. Pois, sem número, é impossível a produção de combinação; composição e dissolução: essas são as unidades que engendram o número, que o aumentam e que de novo, quando se dissolve, o recebem nelas mesmas, embora a matéria permaneça única. Ora este mundo inteiro, esse grande deus, imagem do maior deus, unido a ele e conservando com ele a ordem e a vontade do Pai, é a totalidade da vida: não há nada nele através de toda eterna duração do giro cíclico desejado pelo Pai, nem em sua universidade nem em suas partes, que não esteja viva. Nunca existiram coisas mortas, não existem, nem virão a existir no mundo. É vivo que o Pai quis fosse, o mundo, tanto tempo faz que guarda a coesão: logo, o mundo é necessariamente deus.

16 Como poderia então, meu filho, nesse que é deus, nesse que é a imagem de Todo, nesse que é o pleroma da vida, existir coisa morta? Pois a morte é corrupção e a corrupção é destruição. Como supor que se corrompe uma parte desse que é incorruptível ou que seja destruída qualquer coisa de Deus?

- Os viventes que estão no mundo não morrem, meu pai, ainda que sejam partes do mundo? - Cala-te, minha criança, pois te deixas induzir em erro pela denominação do fenômeno. Pois os viventes não morrem, meu filho, mas, sendo corpos compostos se dissolvem: ora esta dissolução não é morte, mas dissolução de uma mistura. E se eles se dissolvem, não é para serem

destruídos, mas para serem renovados. Qual é com efeito a energia da vida? Não é o movimento? O que existe no mundo que seja imóvel meu filho? Nada, meu filho.

17 - Mas a terra não te parece imóvel, ó pai? - Não, filho; contrariamente, de todos os seres, ela é a única sujeita a uma série de movimentos e ao mesmo tempo estável. Como não seria ridículo supor imóvel a esta nutriz de todos os seres, aquela que faz nascer e gera as coisas? Sem movimento é impossível àquele que faz nascer, fazer nascer seja lá o que for. É realmente ridículo perguntar, como fazes, se a quarta parte do mundo pode ser inerte, pois ser imóvel para um corpo não abriga outro sentido que ser inerte.

18 Saiba então, criança, que tudo o que está no mundo, tudo sem exceção, está em movimento, seja por diminuir, seja por creseer. Ora o que está em movimento também está em vida, mas não há necessidade que todo ser vivente conserve sua identidade. Pois sem dúvida, considerado na totalidade de seu conjunto o mundo é imutável, minha criança, mas as partes desse mundo são todas mutáveis, sem que nada por isso pereça ou seja destruído: são esses termos apenas que turbam os nossos espíritos. Pois não é o fato de nascer que é a vida, mas a consciência, e a transformação não é a morte, mas esquecimento. Se é desta forma, então todos esses elementos são imortais, a matéria, a vida, o sopro, o intelecto, de que se compõe cada vivente.

19 Todo vivente é portanto imortal pelo intelecto. Mas o mais imortal de todos é o ser humano, pois é capaz de receber Deus e de entrar em união com Deus. É com este único vivente que Deus se comunica, durante a noite em meio aos sonhos, durante o dia através de presságios, e lhe prediz o futuro por toda uma variedade de meios, pelos pássaros, pelas entranhas das vítimas, pela inspiração, pelo carvalho. De modo que o ser humano também se esforça em conhecer o passado, o presente e o futuro.

20 E veja isto, ainda, criança, que cada um dos animais freqüenta apenas uma parte do universo, os animais aquáticos, a água; os animais terrestres, a terra; os voláteis, o ar; o ser humano contrariamente tem relação com todas as partes igualmente, a terra, a água, o ar, o fogo e mesmo o céu, ele o vê e entra em contato com o mesmo através da sensação. Deus envolve a tudo e penetra em tudo porque é energia e potência. E não existe nada de difícil em conceber Deus, meu filho.

21 E se queres contemplá-lo, vê o belo arranjo do mundo e a bela ordem desse arranjo. Vê a necessidade de tudo o que se oferece à nossa vista e a providência que regula as coisas do passado e as que se produzem hoje. Vê como a matéria é plena de vida. Vê esse deus imenso em movimento com todos os seres que contém, bons e belos, os deuses, os daimons, os humanos. - Mas tudo isto, ó pai, é energia. - Admitamos que existam apenas energias, criança, por quem estas energias são colocadas em ato? Por um outro deus? Não vês que como são partes do mundo o céu, a água, a terra e o ar, da mesma forma são membros de Deus a vida, a imortalidade, a necessidade, a providência, a natureza, a alma, e o intelecto, e que é a permanência de todas essas coisas que se chama Bem? E que não existe absolutamente nada, nem nas coisas atuais, nem passadas, onde Deus não esteja presente?

22 - Deus é na matéria, ó pai? - Supõe meu filho que a matéria exista separada de Deus, que lugar vais destinar-lhe, ó meu filho? E que acreditas que ela seja além de uma massa confusa, enquanto não é utilizada? E se é utilizada, por quem o é? Pois as energias que operam, nós o dissemos, são partes de Deus. Por quem então são vivificados todos os seres viventes? Por quem são imortalizados os seres imortais? Quem produz as mudanças nos seres mutáveis? Quando falas da matéria, ou do corpo, ou da substância, sabes que essas são energias de Deus, energia da matéria, a materialidade; energia dos corpos, a corporalidade; energia da substância, a substancialidade; e Deus é isto, o Todo. 23 No Todo nada há que Deus não seja. Logo nenhum destes predicados pode ser atribuído a Deus: grandeza, lugar, qualidade, forma, tempo; pois Deus é tudo; e o Todo penetra as coisas e as envolve. Adora esse Verbo e presta-lhe culto. E só existe um modo de cultuar a Deus: não ser mau.

XIII - DISCURSO SECRETO SOBRE A MONTANHA, RELATIVO À REGENERAÇÃO E A REGRA DO SILÊNCIO.

(HERMES TRISMEGISTOS A SEU FILHO TAT)

1 - Nas Lições Gerais, ó pai, falastes apenas através de enigmas e sem encher de luz a minha compreensão quando trataste da atividade divina, não me deste a desvelação, sob o pretexto de que ninguém poderia ser salvo antes da regeneração. Mas como eu to suplicasse durante a descida da montanha, após tua conversação comigo, como eu to interrogasse acerca da doutrina da regeneração a fim de apreendê-la, visto que é o único ponto da doutrina que ignoro, prometeste-me transmiti-la "quando eu estivesse próximo a tornar-me estranho ao mundo". Eis-me pronto, fortifiquei meu espírito contra a ilusão do mundo. Suprime então, ó pai, as minhas faltas transmitindo-me, como prometeste, o processo da regeneração, fazendo-o conhecido de viva voz ou por meio secreto. Eu ignoro, ó Trismegistos, de qual matriz nasceu o Homem, e de qual semente.

2 - Meu filho, é a Sabedoria inteligente no Silêncio e a semente o verdadeiro Bem. - Mas quem semeia, ó pai? pois estou completamente perplexo. - É a Vontade de Deus, meu filho. - E de que forma é o engendrado, ó pai? pois não pode participar em nada da minha substância. - O engendrado será diferente, será deus filho de Deus, O Todo no Todo, composto de todas as Potências. - Propões-me um enigma, pai, e não falas como um pai a seu filho. - Este tipo de coisa não se ensina, meu filho, mas, quando quer, Deus proporciona-lhe a reminiscência.

3 - Tu me dás, ó pai, explicações impossíveis e forçadas, é esta a razão pela qual farei uma justa réplica: "Nasci como um filho estrangeiro à raça de meu pai." Não me recuse ciumentamente tua ciência, pai, sou teu filho legítimo: expõe-me completamente o modo de regeneração. - Que direi, meu filho? nada mais posso dizer que isto: em mim mesmo uma visão imaterial, produzida pela misericórdia de Deus, sai de mim mesmo para entrar em um corpo imortal e não sou mais agora do que era mas fui engendrado no Intelecto. Esta coisa não pode ser ensinada e não pode ser vista com este elemento formado de matéria, formado para que através do mesmo possa se ver aqui embaixo. Eis também por que não me preocupo desta primeira forma composta que foi a minha. Não percebo mais as cores, nem o sentido do tato, nem medida no espaço, tudo isto me é estranho. Agora me vês, meu filho, com os olhos, mas o que sou não podes compreender olhando-me com os olhos do corpo e pela visão sensível, não são com estes olhos que posso ser visto agora, meu filho.

4 - Atiraste-me numa loucura furiosa e num aturdimento espiritual, ó pai: pois não me vejo neste momento. - Apraz aos céus, criança, que tu também, saias de ti mesmo, como acontece àqueles que sonham mas, no teu caso, sem dormir. - Diga-me isto ainda: quem é o operador na obra da regeneração? - O filho de Deus - um ser humano como os outros - pelo querer de Deus.

5 - Agora, com um golpe seguro, atiraste-me num estupor que me tira a palavra. Tendo perdido meus espíritos - pois te vejo sempre com a mesma estatura, ó pai, com a mesma forma exterior. - E é nisto que te enganas, pois a forma mortal muda diariamente, evolui com o tempo por crescer ou diminuir, como coisa mentirosa.

6 - Que existe então que seja verdadeiro, ó Trismegistos? - O impoluto, o que não possui limite, nem cor, nem forma, o que é imutável, nu, brilhante, o que não pode ser apreendido por outra coisa que si mesmo, o Bem inalterável, o Incorpóreo. - Eis-me realmente louco, pai, pensei que me tivesses tornado sábio, e eis que se obstruiu a percepção que tinha de meu pensamento. - E isto está certo meu filho, o que se coloca no alto como o fogo; embaixo, como a terra; o que é líquido como a água, isso que sopra pelo universo todo como o ar. . . mas como poderias perceber por meio dos sentidos, o que não é rígido, nem líquido, o que não pode ser fechado, nem inserido, e que não é apreendido a não ser pelos efeitos de sua potência e de sua energia, isto que exige alguém capaz de conceber o nascimento de Deus?

7 E disto sou incapaz, ó pai? - Que não seja assim, meu filho. Toma-o a ti e ele virá; quere-o e se produzirá; detém a atividade dos sentidos corporais e então se produzirá o nascimento da divindade; purifica-te das punições irracionais da matéria. - Possuo então manchas em mim, ó pai? - E não em pequeno número, criança, mas terríveis e numerosas. - Eu as desconheço, ó pai.

- Esta ignorância, minha criança, é a primeira das punições; a segunda é a tristeza; a terceira é a incontinência; a quarta, a concupiscência; a quinta, a injustiça; a sexta, a cupidez; a sétima, o engano; a oitava, a inveja; a nona, a fraude; a décima, a cólera; a décima primeira, a precipitação; a décima segunda, a maldade. Estas punições são doze em número; mas sob elas, outras mais numerosas, por intermédio do corpo, forçam o ser humano interior a sofrer por meio dos sentidos. Contrariamente se afastam do ser humano do qual Deus teve misericórdia, não se afastam maciçamente, é verdade, mas nisto é que consiste a regeneração.

8 Agora, não fala mais, meu filho, e guarda um religioso silêncio: como recompensa a misericórdia não deixará de descer de Deus sobre nós. Rejubila-te agora, meu filho, eis que te purificam profundamente as potências de Deus pela conjunção dos membros do Verbo. Veio até nós o conhecimento de Deus - e pela sua vinda a ignorância foi caçada.

Veio até nós o conhecimento da alegria: pela sua chegada a tristeza fugirá para aqueles que tem lugar para recebê-la. 9 Oh! potência deliciosa! façamos-Ihe, meu filho, a acolhida mais amável: vê como pela sua chegada expulsou a incontinência. Em quarto lugar, agora, eu chamo o endurecimento, esta potência que se opõe à concupiscência. Os degraus que vês, meu filho, são a sede da justiça: vê que, sem processo caçou a injustiça. Tornamo-nos justos, criança, agora que não mais temos injustiça. Chamo a nós como sexta potência e que luta contra a cupidez, a bondade que divide. É a cupidez parte. Já se apresenta a verdade e o engano parte e a verdade vem a nós. Veja como o bem atingiu a plenitude, meu filho, com a chegada da verdade. Pois a inveja se afasta bem de nós e depois da verdade, o bem chegou, acompanhado da vida e da luz, e não fomos assolados por mais nenhuma punição das trevas, mas estas é que voaram, vencidas, com um grande rumor de asas.

10 Conheces agora o modo da regeneração, meu filho. Pela vinda da Década, meu filho, a geração espiritual foi feita em nós e ela caça a Dodécada e fomos divinizados por este nascimento. Aquele que foi gratificado, segundo a misericórdia, por este nascimento segundo Deus, tendo abandonado a sensação corporal, conhece a si mesmo como sendo constituído pelas Potências divinas e se rejubila em seu coração.

11 Tornado inquebrantável por Deus, ó pai, represento-me as coisas, não pela visão dos olhos, mas pela energia espiritual que recebo das Potências. Estou no céu, na terra, na água, no ar, estou nos animais, nas plantas, no ventre, antes do ventre, depois do ventre, em todo lugar. Mas diga-me ainda, como as punições das trevas, que são doze em número, são repelidas por dez Potências? Como isso se dá, ó Trismegistos? 12 Esta rede, meu filho, fora da qual saímos, foi constituída pelo círculo zodiacal, que por sua vez é composto de doze elementos de mesma natureza e que pode tomar todas as formas para estupor dos homens. Entre essas punições existem duplas, meu filho, que estão unidas na sua ação (na verdade, a precipitação é inseparável da cólera) e é mesmo impossível distingüi-las. É natural portanto, pela justa razão, que essas punições retirem-se quando são caçadas pelas dez Potências, isto é a Década. Pois a Década é a geradora da alma. Vida e Luz estão unidas, e então nasce o número da Unidade, do Espírito. Portanto, pela razão, a Unidade contém a Década e a Década, a Unidade.

13 - Pai, vejo o Todo e me vejo no Intelecto. - Eis precisamente a regeneração, meu filho: não mais formar suas representações sob a figura do corpo tridimensional - regeneração feita graças a este discurso sobre a regeneração que escrevi somente para ti, a fim de que não divulguemos o Todo aos habitantes do pântano de papiros, mas somente àqueles que Deu escolheu.

14 - Diga-me, ó pai, esse novo corpo composto de Potências, sofrerá um dia a dissolução? - Silêncio! não digas coisas impossíveis, pois isto seria um pecado e o olho de teu intelecto seria afetado por uma sujidade. O corpo sensível da natureza está bem afastado da

geração substancial, pois um é dissolúvel, o outro indissolúvel, um mortal, o outro imortal. Não sabes que nasceste deus e filho do Um, o que sou também?

15 - Pai, quero este louvor em forma de hino que escutaste cantar às Potências quando atingiste a Ogdoada. - Segundo a Ogdoada desvelada por Poimandres, eu aprovo, criança, a tua vontade de quebrar a rede, pois agora, és inteiramente puro. Poimandres, o Intelecto da Soberania, nada mais me revelou do que está escrito, sabendo que eu seria capaz de tudo compreender e ouvir o que quisesse e tudo ver, prescreveu-me fazer o que fosse belo. Também cantam, em todas coisas, as Potências que estão em mim.

16 - Pai, quero ouvir, quero conhecer tudo isto! - Silêncio então, meu filho, escuta agora a bênção bem adaptada, o hino da regeneração: manifestá-lo-ia, segundo meu pensamento, somente a ti, desta forma sem reservas, ao fim de tudo. Também este hino não é objeto de ensino, mas permanece encerrado no meio do silêncio. Então, meu filho, coloca-te em um lugar a céu aberto, e face ao vento do sul, no momento do pôr do sol, adora; e da mesma forma ao nascer do sol, voltando-to para o vento do este. Silêncio então, criança.

Hino Secreto; Discurso IV

17 "- Que toda natureza no mundo ouça o som deste hino. Abre-te terra; que se abram à minha voz os fechos da chuva: não vos agiteis mais, árvores! Eu vou cantar ao Senhor da Criação e o Todo e o Um. Abri-vos céus, ventos, detende vossos sopros, que o círculo imortal de Deus ouça meu verbo. Eu vou cantar Aquele que criou o universo, que fixou a terra e suspendeu o céu, que ordenou à água doce o sair do oceano e estender-se sobre a terra habitada e desabitada, para a subsistência a criação de todos os humanos, que ordenou ao fogo que aparecesse para qualquer uso que dele quisessem fazer os deuses e os homens. Todos juntos elogiemos àquele que plana acima de todos os céus, ao Criador de Toda a natureza. É ele que é o olho do intelecto, que receba então o elogio de minhas Potências.

18 Potências que sois em mim, cantai o Um e o Todo: cantai em uníssono com minha vontade, vós todas, Potências que sois em mim. Santo conhecimento, iluminado por ti, é graças a ti que celebro e luz inteligível - me rejubilo na alegria do intelecto. Vós todas, Potências, cantai o hino comigo. E tu também, canta por mim, continência! minha justiça, canta o Justo por mim; minha bondade liberal, canta o Todo por mim; canta, verdade, a Verdade; canta o Bem, tu, o bem; Vida e Luz, é de vós que advém a bênção e é a vós que retorna. Rendo-to graças, Pai, energia das Potências; rendo-to graças, Deus, potência de minhas energias. Teu Verbo, por mim, a ti canta; por mim, recebe o Todo em palavra, como sacrifício espiritual. 19 Eis o que giram as potências que estão em mim: cantam o Todo, cumprem a tua vontade. Tua vontade vem de ti e a ti retorna, o Todo. Recebe de todos, o sacrifício espiritual. O Todo que está em nós, salva-o, Vida; ilumina-o, Luz, Espírito, Deus! Pois de teu Verbo, é Noús que é o pastor. O portador do espírito, Demiurgo, és tu que és Deus. 20 Eis o que clama o ser humano que a ti pertence, através do fogo, através do ar, através da terra, através da água, através do sopro, através de tuas criaturas. Obtive de ti a bênção de Aiòn e segundo meu desejo, pela tua vontade alcancei o repouso. Vi pela tua vontade esta bênção pronunciada."

21 - Ó pai, coloquei-o também em meu mundo. - Dize "no mundo inteligível", criança. - No mundo inteligível, pai. Tenho potência, pela virtude de teu hino e de tua bênção, meu intelecto está totalmente iluminado. Mais ainda, eu quero oferecer "de profundis" um louvor a Deus. - Não o faças levianamente, ó meu filho. - O que contemplo no Intelecto, ó pai, o digo: "A ti, primeiro autor da obra da geração, eu Tat, a meu Deus, ofereço sacrifícios espirituais. Deus, Pai, Senhor, Intelecto, recebe de mim os sacrifícios espirituais que queiram. Pois, é pela tua vontade que tudo se cumpre". Ofereces, meu filho, um sacrifício agradável a Deus, Pai de todos os seres. Mas acrescenta, criança, "pelo Verbo".

22 - Agradeço-te, pai os conselhos que me destes na minha prece. - Eu me rejubilo, criança, dos bons frutos que tirastes da Verdade, uma colheita imortal. Agora que aprendeste isto

de mim, promete-me o silêncio relativamente a esse poder miraculoso, não revelando a ninguém, criança, o modo de transmissão da regeneração a fim de que não sejamos contados entre os divulgadores. Eis o bastante, ambos estivemos muito ocupados: eu em falar, tui em me escutares. Agora, conheces a ti mesmo, conheceste na luz do Intelecto e a nosso Pai comum.

XIV - DE DEUS CRIADOR (HERMES TRISMEGISTOS A ASCLÉPIOS)

1 Como meu filho Tat, na tua ausência, quis ser instruído acerca da natureza do universo e como não me permitiu postergar esta instrução, como é natural, pois é meu filho a um neófito no conhecimento das coisas particulares, fui forçado a tratá-las mais longamente, a fim de que a doutrina lhe fosse mais fácil de seguir. Mas para ti, quis, do que foi dito, escolher a enviar sob forma de epístola os assuntos mais importantes, exprimindo-os de maneira mais secreta tendo em vista tua idade mais avançada e a ciência que adquiriste da natureza das coisas.

2 Se as coisas que aparecem aos sentidos vieram a ser e vêm a ser, e se as coisas vindas a ser, vêm a ser não por elas mesmas mas por um outro e se muitas coisas vieram a ser, ou melhor, se vêm a ser as coisas que aparecem aos sentidos e as coisas diferentes e dissemelhantes e se as coisas vindas a ser, vêm a ser por um outro, existe alguém que criou as coisas e este alguém não veio a ser, se se deseja que seja anterior às coisas vindas a ser. Pois as coisas vindas a ser, como eu o declaro, vem a ser por uma outra: ora nada pode existir antes do conjunto das coisas que vieram a ser, senão o único que não veio a ser.

3 Este é o mais possante e único, e é o único realmente sábio nas coisas, pois nada há que lhe seja anterior: pois é o Primeiro na ordem do número e na ordem da grandeza e pela diferença que existe entre ele e os seres criados pela continuidade de sua criação. Por outra parte, os seres criados são visíveis, mas ele é invisível: é justamente por isto que cria, para tornar-se visível. Cria todo o tempo: conseqüentemente é visível.

4 Eis como é necessário pensar, e logo, admirar, e isto posto, considerar-se bem-aventurado pois conheceu-se o Pai. O que há de mais doce que um verdadeiro pai? Que é ele e como conhecê-lo? É acertado atribuir-lhe, e somente, o nome de Deus, ou aquele de Criador, ou de Pai, ou ainda os três? Deus devido à sua potência, Criador pela sua atividade, Pai pelo Bem? Pois é potência, sendo diferente das coisas vindas a ser e é atividade pela qual as coisas vêm a ser.

Detendo toda vaga de palavras e os discursos vãos, é necessário apegar-se a esses dois conceitos: o que é criado e o que criou, pois entre esses dois nada existe, nem mesmo um terceiro termo. 5 Em Tudo o que concebes, em tudo que ouves dizer, lembra-te desses dois e convence-te que tudo se resume neles, sem dúvida, nem acerca das coisas do alto, nem das coisas de baixo, nem das coisas divinas, nem das coisas mutáveis, ou das coisas das profundezas; pois tudo que existe se resume em duas coisas: o que foi criado e o que criou, impossível é separar um do outro; pois o que cria não pode ser separado do que é criado, cada um dos dois está submetido a isto e nada mais, é por esta razão que nenhum pode ser separado do outro e mais ainda de. si mesmo.

6 Se o criador nada mais é que a função criadora única, simples, incomposta, esta função deve necessariamente criar a si mesma, pois o criar daquilo que é criado é produção do ser e tudo o que é produzido não pode existir como produzido por si mesmo, é produzido necessariamente por um outro, sem o criador portanto, o que vem a ser, nem vem a ser nem existe. Uma vez separado do outro, cada um desses termos perdeu sua própria natureza, privado que foi de seu complemento. Se se reconhece então que a realidade se resume em dois termos, o que foi criado e o que criou, esses dois formam uma unidade em virtude de sua unidade, um à frente o outro seguindo: o que marcha à frente é Deus criador, o que segue, e coisa criada; qualquer que seja.

7 E não te ressabies pela diversidade das coisas criadas, no medo de degradar a Deus e acarretar-lhe uma falta de glória: para ele é uma glória criar todos os seres e é isto que é conforme ao corpo de Deus, o fato de criar. Mas o criador nada possui que seja feio ou mau: pois

esses são acidentes inseparavelmente ligados à geração como a oxidação ao bronze ou a banha ao corpo. Ora não foi o operador que produziu a oxidação, nem os pais que fizeram a banha, nem Deus que criou o mal. Mas é a duração das coisas criadas que produz esta forma de pestilência maléfica e eis a razão de ter feito, Deus, a transformação como uma purificação das coisas criadas.

8 Bem, se ao pintor é permitido fazer o céu e os deuses, a terra e o mar, os humanos e todos os animais e os objetos inanimados, Deus não poderia criar tudo aquilo? Que loucura, como és falto de conhecimento relativamente a Deus! Aqueles que falam desta maneira fazem a mais estranha das experiências: ao mesmo tempo que pretendem afirmar a sua piedade relativamente a Deus e dar-lhe graças, recusando atribuir-lhe a criação de todos os seres, não somente ignoram Deus, mas, além desta ignorância, cometem a mais negra das impiedades atribuindo-lhe como qualidades o desdém ou a impotência. Pois se Deus não é o criador de todos os seres, é porque ou desdenha criá-los ou não o pode; ora é ímpio pensar nisto.

9 Pois Deus possui apenas uma qualidade, o Bem, e o ser bom não é nem desdenhoso nem impotente. Sim, eis o que é Deus, o Bem, e a potência de tudo criar, e todo o criado vem a ser por Deus, isto é, por aquele que é bom e tem a potência de criar tudo.

Agora, se queres saber como Deus criou e como as coisas criadas vieram a ser, tu o podes: eis uma comparação bela e verossímil.

10 Veja o trabalhador lançando a semente à terra, aqui o frumento, ali a cevada, mais adiante alguma outra espécie de semente. Veja-o ainda plantado aqui uma parreira, ali uma macieira, e todas as outras espécies de árvores. É desta forma que Deus semeia no céu a imortalidade, na terra a mudança, no Todo a vida e o movimento. Esses princípios não são numerosos, mas em pequeno número e fáceis de contar: pois são quatro ao todo, mais o próprio Deus e a natureza criada, que constituem tudo quanto existe.

XV

Este tratado foi perdido. Existem alguns fragmentos dispersos em citações, mas cujo sentido é tão pouco interessante que não vale o trabalho de coletá-los.

XVI - AS DEFINIÇOES; ASCLÉPIOS AO REI AMMON

Acerca de Deus, da matéria, sobre o mal, a fatalidade, o sol, a substância inteligivel, sobre a essência divina, sobre o ser humano, a disposição do pleroma, os sete astros e sobre o ser humano segundo a imagem.

1 Eu te envio, ó rei, um importante discurso que é como o coroamento e o complemento de todos os outros, não foi concebido conforme as idéias da massa, contrariamente as refuta em mais de um ponto. Perceberás nele mesmo algumas discordâncias relativas aos meus próprios discursos. Hermes então, meu mestre, nos freqüentes diálogos que tinha como que em sua casa, privadamente; quer em presença de seu filho Tat, tinha o costume de me dizer que aqueles que lerão meus livros acharão a composição simples e clara, enquanto que, obscuro e oculto o significado das palavras e que será ainda mais obscuro quando os Gregos, mais tarde, traduzirem-nos de nossa língua para a sua, o que conduzirá a uma completa distorção do texto e a uma total obscuridade.

2 - Por outro lado, expresso em nossa língua original, esse discurso conserva com toda clareza o sentido das palavras: e na verdade a particularidade mesmo do som e da entonação dos vocábulos egípcios retém neles mesmos a energia das coisas que se dizem.

Enquanto esteja sob teu poder, ó rei - e tudo podes - preserva bem este discurso de toda tradução a fim de que tão grandes mistérios não cheguem aos Gregos e que a orgulhosa elocução dos mesmos, com a sua falta de sensibilidade e com o que se poderia dizer falsas graças, faça

empalidecer e desaparecer a gravidade, a solidez, a virtude eficaz dos vocábulos de nossa língua. Pois os Gregos, ó rei, possuem apenas discursos vazios, bons para o efeito de demonstrações: e é isto que é toda a filosofia dos Gregos, um rumor de palavras. Quanto a nós, não nos servimos de simples palavras, mas de sons repletos de eficácias.

3 Começarei dest'arte meu discurso, por uma invocação à Deus, o mestre, criador, pai e envoltório do universo inteiro, aquele que sendo o Um é tudo e que sendo tudo é Um. Pois o pleroma de todos os seres é um e está no Um, não que o Um se desdobre, mas os dois conjuntamente perfazem apenas a unidade. Guarda este modo de pensar, ó rei, durante todo o decurso de minha exposição. Pois se alguém tenta separar do Um, tomando a palavra, tudo, no sentido de uma pluraridade e não de uma totalidade, o que parece ser tudo e um e mesmo, acaba, coisa impossível, por ter separado o Todo do Um, por destruir o Todo. É necessário, verdadeiramente que tudo seja um, se pelo menos existe um Um - ora existe e jamais deixa de ser um - para que o pleroma não seja dissolvido.

4 Eis então, que na terra, nas suas partes mais centrais, jorram muitas fontes d'água e de fogo e que desta forma podemos ver juntas no mesmo lugar as três naturezas do fogo, da água e da terra, dependentes de uma mesma raiz. O que leva a acreditar que existe um mesmo depósito que, de um lado, provê ao fornecimento de matéria e por outro recebe de volta a substância que vem do alto. 5 É desta forma que o demiurgo, quero dizer, o Sol, conjunta o céu e a terra, enviando para baixo a substância e elevando a matéria, levando para perto de si e para si as coisas e fazendo sair de si e dando tudo a todos e espargindo sobre todos, liberalmente, a luz: pois ele é aquele cujas boas energias penetram não somente no céu e no ar, mas também na terra, até o golfo mais profundo e no abismo.

6 Por outro lado, se existe também alguma substância inteligível, ela é o volume do Sol e a luz do Sol poderia ser dita o receptáculo dessa substância. Agora, do que se compõe ou de onde é proveniente esta substância, apenas o próprio Sol o sabe e para sabê-lo seria necessário ser-lhe próximo ou do lugar ou da natureza.

7 Quanto à visão do Sol, esta não é objeto de conjectura, mas o raio solar envolve com seu próprio brilho mais rutilante o mundo inteiro e a parte que está embaixo é a parte que está em cima: pois o Sol está estabelecido no meio do mundo, portando o mundo como uma coroa e como um bom conduto assegurou o equilíbrio do carro do mundo, subiu, e ele com medo que este fosse colocado em um curso desordenado. As renas são a vida, a alma, o sopro, a imortalidade e a geração. Deixou de tanto sofrear as renas para que o mundo pudesse conduzir seu curso não longe dele, mas para dizer a verdade, com ele, 8 e é desta maneira que as coisas são continuamente criadas, dando aos seres imortais a duração eterna e alimentando com a parte de sua luz que se dirige para o alto, isto é, com os raios projetados pela sua face voltada para o céu, as partes imortais do mundo, enquanto que, com a luz que está aprisionada no mundo e que banha com seu brilho, inteiramente, a concavidade da água, da terra e do ar, vivifica e põe em movimento, pelos nascimentos e metamorfoses, os seres viventes que subsistem nestas partes do mundo, remodelando-os e transformando-os uns nos outros como numa espiral - a mudança de uns nos outros operando uma troca contínua de gênero a gênero e de espécie - logo, exercendo sobre esta parte do mundo a mesma atividade criadora que sobre os grandes corpos. Pois de todo corpo a duração é mudança: do corpo imortal uma mudança sem dissolução, do corpo mortal uma mudança acompanhada de dissolução. E esta é precisamente a diferença do imortal relativamente ao mortal e do mortal com o imortal.

10 Da mesma forma que o Sol expande sem cessar sua luz, também continua indefinidamente a criar a vida sem jamais interromper o seu trabalho, nem quanto ao lugar, nem quanto à produção. E efetivamente, o Sol tem ao seu redor numerosos coros de daimons, semelhantes a grupos armados de forma diversa, que convivem com os mortais sem perder a imortalidade e que após terem recebido como sua parte a região dos homens, velam sobre seus negócios. E executam o que lhes é ordenado pelos deuses, por meio de tempestades, de ciclones, de maremotos, de vicissitudes no elemento ígneo, terremotos e fome e guerra, castigando a impiedade. 11 Este é realmente o maior pecado dos homens contra os deuses: pois aos deuses

pertence fazer o bem, aos humanos serem pios, e aos daimons ajudar aos deuses. Todos os outros pecados que os humanos ousam cometer por estupidez, temeridade ou pela coerção que se chama Destino, ou ainda por ignorância, todos esses pecados não são levados em conta pelos deuses: somente a impiedade cai sob os golpes do julgamento.

12 O Sol é, portanto, o conservador e a nutriz de toda espécie de seres e da mesma forma que o mundo inteligível envolvendo o mundo sensível, preenche este de todas as formas com a infinita diversidade de suas figuras, o Sol envolvendo tudo o que está no mundo, dá seu volume a todos os seres que nascem e os fortifica, ainda que os absorva em si mesmo quando estes morrem.

13 Ora, sob as ordens do Sol, foi posto o coro de daimons, ou melhor, os coros: pois são numerosos e diversos, colocados sob os comandos dos quadrados dos astros. Dispostos desta forma servem próximos a cada um dos astros, bons ou maus quanto à sua natureza, isto é, quanto às suas atividades - pois a essência de um daimon é a atividade - existem alguns entre eles que são uma mistura de bem e de mal.

14 Todos esses demônios receberam pleno poder sobre os sucederes da terra e sobre as desordens que aí se produzem e provocam toda espécie de problemas, em geral para as cidades e povos e particularmente para cada indivíduo. Pois buscam remodelar nossas almas segundo seu interesse a excitá-las, instalado em nossos músculos e medula, em nossas veias e artérias, em nosso cérebro e penetrando até nas nossas entranhas.

15 Pois, tendo cada um de nós nascido e sido animado, foi tomado a cargo dos daimons que estavam de serviço sob as ordens de cada um dos astros. Pois os daimons se substituem de instante em instante: os mesmos não permanecem em função mas em rodízio. Esses daimons após terem penetrado no corpo nas duas partes da alma, atormentam-na, cada um no sentido de sua própria atividade. Somente a parte racional da alma escapando à soberania dos daimons, permanece estável, pronta a tornar-se receptáculo de Deus.

16 Se então, na parte racional de sua alma, um ser humano recebe a luz do raio divino através do Sol (esses humanos são poucos entre todos) os daimons ficam reduzidos à impotência, pois nenhum dos demônios, nem dos deuses possui poder contra um único raio de Deus. Quanto aos outros humanos são levados a torto e a direito, corpos e almas, pelos daimons e amam, acariciam essas atividades dos daimons neles. É a razão, não o amor que é ao mesmo tempo a vítima e a causa do dissabor. Desta forma o governo de nossa vida terrestre está inteiramente no poder dos daimons, pelo intermédio de nosso corpo: é a este governo que Hermes chamou Destino.

17 Bem, o mundo inteligível depende de Deus, o mundo sensível do inteligível e o Sol através do mundo inteligível e do mundo sensível recebe de Deus, por sua providência, o influxo do Bem, isto é, a ação criadora. Por outro lado, em torno do Sol gravitam as oito esferas, dependendo do Sol, e dos astros fixos, as seis esferas dos planetas e a esfera única que envolve a terra. É dessas esferas que dependem os daimons, e dos daimons, os homens: e desta maneira tudo e todos estão na dependência de Deus.

18 É por isto que Deus é o Pai, das coisas, o Sol é o criador e o mundo o instrumento desta ação criadora. O céu é governado pela substância inteligível, governa por sua vez os deuses e os daimons colocados sob as ordens dos deuses, governam os humanos: é desta maneira que está disposta e armada dos deuses e dos daimons. 19 Deus criou as coisas por si só, por seu intermédio e as coisas são partes de Deus: ora se são partes de Deus, Deus é seguramente tudo. Criando então as coisas Deus criou a si mesmo e é impossível que cesse de criar pois não pode deixar de ser.

E do mesmo modo que Deus não tem fim, também sua atividade criadora não tem começo nem fim.

XVII

Este fragmento, embora ligado ao manuscrito do capítulo precedente, constitui segundo a edição de Flussas (1574), o capítulo XVII.

"Se refletes, ó rei, verás que entre os corpos também existem incorpóreos." "Quais?" diz o rei. - "Os corpos que aparecem nos espelhos não te parecem incorporais?" -.- "Exato, ó Tat, divinamente pensado", diz o rei. "Mas existem ainda outros incorpóreos: por exemplo, não crês que existem, ainda que incorporais, essas formas que aparecem nos corpos dos seres animados e no dos inanimados?" "Bem o dizes, ó Tat." - Por tanto os incorpóreos refletem-se nos corpos e os corpos nos incorpóreos, isto é, o mundo sensível reflete-se no inteligível e o mundo inteligível no sensível. É esta razão de se adorarem estátuas, pois estas contêm também formas do mundo inteligível."

Nesse momento o rei se levanta e diz: "É tempo, ó profeta, de ocupar-me de meus hóspedes. Mas amanhã continuaremos a teologizar este assunto, em sua seqüência".

XVIII - DOS ENTRAVES ACARRETADOS À ALMA PELO QUE SUCEDE AO CORPO

1 Para os músicos que prometem a harmonia de um canto que oferece todas as variedades de música, se, durante o concerto, a desarmonia dos instrumentos entrava-lhes o ardor, eis sua empreitada tornada ridícula. Pois assim que seus instrumentos mostram-se fracos para o que querem fazer, os músicos são necessariamente apupados pelos espectadores.

Indubitavelmente produziram a sua obra com inquebrantável boa vontade, mas acusa-se a fraqueza dos instrumentos. Aquele que efetivamente é músico por natureza, e que não somente produz a harmonia dos cantos, mas ainda envia o ritmo da melodia apropriada até cada instrumento em particular, e é infatigável, é Deus, pois que não é de Deus fatigar-se.

2 Se um artista deseja dar um grande concerto musical, quando os trombeteiros expressaram o seu talento, os flautistas exprimiram as finezas da melodia, a lira e os arcos acompanharam o canto, não se acusa a inspiração do músico, atribui-se-lhe a estima que merece a sua obra; mas lamenta-se o instrumento cujo desafinamento perturbou a melodia e impediu aos ouvintes o degustar de sua pureza.

3 No que nos concerne é preciso que nenhum dos espectadores venha acusar de maneira ímpia, pela fraqueza de nosso corpo, nossa raça, mas deve saber que Deus é um Sopro infatigável, sempre nas mesmas relações relativamente à ciência que lhe é própria, saboreando felicidades contínuas, sempre em condições de usar seus benefícios que permanecem os mesmos.

4 Se, em particular, a matéria da qual Fidias, o escultor, se utilizou não lhe tivesse obedecido para conduzir a obra de arte à sua perfeita complexidade e se o cantor cumpriu a sua parte com o melhor de suas forças, não é a ele que devemos considerar, mas é a corda que falhou, ou por falta ou por excesso de tensão, dando uma nota mais grave ou mais aguda, fazendo desaparecer o ritmo do belo canto.

5 Ora, não se pode culpar o músico pelo acidente sucedido ao instrumento, mas, quanto mais os espectadores conhecerem o instrumento, mais glorificaram o músico, ainda que, freqüentemente, a corda tendo desferido o tom certo... e os ouvintes são então apenas mais apaixonados pelo músico e apesar de tudo, não lhe guardam rancor. Dest'arte, Mui Honoráveis Príncipes, afinai por vossa vez, para o Divino Músico, vossa lira interior.

6 Ora, vejo que ele chega mais freqüentemente que um artista, mesmo sem o auxílio da lira, se deseja executar um dia qualquer nobre tema, tendo tomado a si mesmo de alguma forma como instrumento e promovendo por meios secretos o movimento da corda, de forma a tornar seu expediente objeto de glória pela estupefação dos espectadores. Diz-se de um citarista que tornara-se propício ao deus que preside à música, que um dia em ele tocava cítara num concurso,

a ruptura de uma corda impedia-o de continuar a contenda, o favor do Ser supremo substituiu a corda e deu-lhe a graça do sucesso: para substituir a corda, pela providência da Divindade, uma cigarra veio a colocar-se sobre a cítara a fim de completar o acorde, ocupando o lugar da corda, e assim o citarista, consolado de sua pena pelo remédio à falta de corda, alcançou a honra da vitória.

7 E foi isto que senti ocorrer comigo, Mui Honoráveis Príncipes. Recentemente, parecia-me que padecia de fraqueza, e sentia-me doente, e todavia, socorro proveniente do céu completou meu canto ao rei. Tenho a impressão de cantar pela potência do Ser supremo. Desde então, a conclusão de meu serviço será a glória dos reis e são os seus troféus que inflamam o zelo de meu discurso. Adiante: este é o voto do músico. Apressemo-nos: tal é o desejo do músico e é por isto que plange sua lira. E seu canto será tanto mais melodioso, sua execução tanto mais agradável quanto o sujeito a ser tratado requeira um canto melhor.

8 Para os reis sobretudo o músico plangeu sua lira, tomou o tom dos panegíricos e deu-lhes por fito o elogio dos reis, mas anima-se agora a cantar o mais alto Rei do universo, o Deus bom, e tendo assim preludiado seu canto pelo céu, desce para saudar em segundo lugar àqueles que detêm o cetro à imagem do Deus supremo, pois isto é uma coisa que agrada aos próprios reis, que o canto advenha do céu para descer em seguida degrau por degrau e que seja do lugar mesmo de onde a vitória lhe foi dada que derivem, em justa sucessão, nossas esperanças.

9 Que da mesma forma que o músico se volta para o Rei supremo do universo, Deus, que é imortal, que, eterno, possui seu império por toda eternidade, primeiro glorioso vencedor de quem derivam todas as vitórias posteriores daqueles que receberam de si, em sucessão, a Vitória.

10 É para elogiá-los que volta meu discurso e se coloca entre os reis, árbitros da segurança e da paz universais, que Deus supremo, há já longo tempo, conduziu ao poder absoluto, a quem a vitória foi dada proveniente da direita de Deus, para quem os prêmios da luta foram preparados antes mesmo que fossem ganhos pela sua superioridade nas guerras, de que os troféus são a parte da disputa; aqueles que foram destinados a ser reis e prevalecer em tudo, aqueles que expandem o terror entre os Bárbaros antes mesmo de cclocar em marcha sua armada.

Acerca do louvor ao Ser supremo - Elogio do rei.

11 Todavia meu discurso anseia acabar seu curso como começou, a concluir pelo louvor ao Ser supremo, depois aos reis divinos, soberanos árbitros, que nos dão a paz de que gozamos. Pois da mesma forma como começamos pelo Ser supremo e a Potência do alto, também nossa conclusão, refletindo o começo, será voltada para o Ser supremo. E da mesma forma que o sol, que alimenta os germes das plantas, é o primeiro a recolher desde que se levanta as primícias, usando para essa colheita os seus raios como mãos imensas - pois são mãos para eles esses raios que colhem em primeiro lugar os mais suaves perfumes das plantas? - da mesma forma devemos, nós originários do Ser supremo, que recebemos o eflúvio de sua sabedoria, que lhe consumimos toda a substância por essas plantas supra-celestes que são nossas almas, dirigir nossos louvores a Ele, que por seu lado, encherá de rócio nosso caminho.

12 A esse Deus perfeitamente isento de mistura e que é o pai de nossas almas, é conveniente que miríades e miríades de bocas e de vozes louvem, mesmo que não seja possível louvá-lo segundo seus méritos, pois nossos discursos não possuem força para igualá-los. Pois estes recém-nascidos não podem louvar seu pai condignamente, mas por fazê-lo como o podem recebem toda a indulgência. E isto é uma glória para Deus, que seja maior que seus próprios filhos, e que o prelúdio, o início, o meio e o final de nossos louvores sejam o confessar a infinita potência e a ilimitação de nosso Pai.

13 Que seja assim também para um Rei. Pois se nos pertence por natureza o louvar a Deus, pois somos como partes saídas dele, é necessário pedir também sua indulgência, mesmo que a maior parte das vezes esta indulgência nos seja concedida pelo pai antes que a peçamos.

Pois, como um pai não pode descuidar-se de seus filhos recém-nascidos devido à sua impotência, mas contrariamente rejubilar-se de ser reconhecido por eles, também o conhecimento do Todo, conhecimento que dá a todos a vida e este louvor a Deus que Deus mesmo nos fez presente, ainda que sendo indignos de Deus, ele nos estima pois somos suas crianças. 14 Deus, que é sempre bom e brilhante, que encontra só em si mesmo o limite de sua eterna excelência, que é imortal e envolve em si mesmo o domínio sem fim que lhe pertence, nesta aspersão inesgotável de energia celeste no mundo cá de baixo, nos oferece sua mensagem por um louvor salvador. . . Lá não existe discórdia entre uns a outros. Não há também inconstância, mas todos têm um único pensamento, uma única previsão, pois possuem apenas um espírito, o Pai, uma mesma faculdade de sensação que, opera neles e o filtro que os une, é um mesmo amor que produz neles a única harmonia do conjunto.

15 Portanto, louvemos a Deus. Mas também desçamos em seguida, para aqueles que, de Deus, receberam o cetro. É necessário depois de ter começado pelos reis, aplicando-nos a louvá-lo, colocarmo-nos em forma para os panegíricos, cantar a piedade relativa ao Ser supremo, em seguida, ofertando a Deus a primeira parte de nossos louvores, ensaiar nossas forças, depois exercê-las por Ele, a fim de exercermos de uma única vez, a piedade para Deus e os louvores para os reis.

16 Pois é justo que paguemos esta dádiva, a eles que nos deram a abundância de uma tão grande paz. A virtude do rei, que digo eu, somente o nome do rei confere a Paz. Pois o rei (basileus) recebe este nome porque se apóia em um leve pé (basiléia) sobre o poder supremo e porque é o mestre da palavra que faz a paz e porque nasceu para ostentá-la sobre a realeza dos bárbaros, de sorte que somente o nome do rei é símbolo de paz.

É por esta razão que somente o nome do rei é de natureza a fazer recuar o inimigo, imediatamente. Além do que, as próprias imagens do rei são portos de paz para os homens frente às mais fortes tempestades: e somente pela aparição da imagem real foi produzida a vitória e afastado todo o temor e ferimento dos que se encontravam próximos a ela.

DISCURSO DA INICIAÇÃO OU ASCLEPIOS LIVRO SAGRADO DEDICADO A ASCLÉPIOS

por Hermes Trismegistos

1 "É Deus, sim, Deus, ó Asclépios, que te guiou até nós para que tomasses parte num colóquio divino, tanto que, e bem dizer, de todos que tivemos até agora, ou dos que nos inspiraram a potência do alto, parecerá pela sua escrupulosa piedade, o mais divino. Se te mostras capaz de compreendê-lo, teu espírito será cumulado de todos os bens, se é que existem muitos bens e não apenas um que os contenha a todos. Pois discerne-se entre um e outro termo uma relação recíproca - tudo depende de um único e esse Um é o Todo: estão tão estreitamente ligados que não se saberia separar um do outro. Mas isto, meu próprio discurso vai te ensinar se o escutas com diligente atenção. Todavia, ó Asclépios, o percurso não é longo, vá chamar Tat, para que seja um dos nossos.

Assim que entrou, Asclépios propôs a admissão de Hammon. - Não somos tão ciosos, disse Trismegistos, a ponto de afastar Hammon de nosso grupo; pois eu me recordo, muitos de meus escritos lhe foram dedicados, bem como a Tat, meu filho amantíssimo e caríssimo, muitos de meus tratados de física e uma pluralidade de obras exotéricas.

É teu nome, portanto, que eu quero colocar na abertura desse tratado. Não chama mais ninguém além de Hammon: um discurso tão religioso acerca de um tão grande objeto não deve ser profanado pela presença de um numeroso auditório. É uma impiedade divulgar à massa um ensino repleto da completa majestade divina.

Quando Hammon entrou no santuário e o fervor dos quatro homens e a presença de Deus preencheram esse santo lugar, assim que, no silêncio conveniente, todos os espíritos e todos os corações estavam presos com veneração aos lábios de Hermes, o divino Cupido começou nestes termos:

2 "Ó Asclépios; toda alma humana é imortal, mas não são todas do mesmo modo: diferem segundo o modo e o tempo.

- Não é, então, verdadeiro, ó Trismegistos, que todas as almas sejam da mesma qualidade?

- Deixaste rapidamente de seguir, ó Asclépios, a verdadeira seqüência do raciocínio! Não disse eu que tudo é um e que o Um é o Todo, porque as coisas existiram no Criador antes que as criasse? E não foi sem razão que o chamaram Todo, e ele de quem as coisas são membros. Tenha cuidado de lembrar-te, ao longo de todo esse discurso, daquele que sozinho é tudo ou que é o criador de tudo.

Tudo desce do céu sobre a terra, na água e no ar. Do fogo, somente o que tende de baixo para o alto é vivificante; o que tende para baixo é subordinado ao que sobe. Mas tudo o que desce do alto é gerador; tudo o que se exala para o alto é nutridor. A terra que é a única que permanece em repouso em seu lugar, é o receptáculo das coisas, recebe em si todos os gêneros e, de novo, faz com que apareçam. Aí está o todo que, como te recordas, contém tudo e é tudo. A alma e a matéria, são abraçadas pela natureza e são postas em movimento por ela, com uma tal diversidade no aspecto multiforme de tudo o que toma forma que aí se reconhece um número infinito de espécies que, embora distintas pela diferença de suas qualidades, são todavia unidas de uma tal maneira que o Todo parece um e que do Um tudo parece ter saído.

3 Ora, os elementos graças aos quais a matéria inteira tomou forma, são em número de quatro: fogo, água, terra, ar; um mundo, uma alma, um deus.

Agora, atem-te inteiramente ao que vou dizer, com toda a força da tua inteligência, toda a fineza de teu espírito. Pois a doutrina da divindade, que exige para ser conhecida uma aplicação do intelecto que só pode provir de Deus, parece bastante com um rio torrencial que se precipita do alto com uma violenta impetuosidade, que exige a atenção, não somente daquele que escuta, mas também daquele que fala.

O céu, deus perceptível aos sentidos, governa os corpos, cujo crescimento e declínio estão a cargo do sol e da lua. O céu por sua vez, a alma, e todos os seres do mundo, são regidos

por aquele que os criou, Deus. Ora, desses corpos celestes, todos igualmente regidos por Deus, expandem-se contínuos eflúvios através do mundo e através da alma de todos os gêneros e dos indivíduos, de um lado e outro da natureza. Todavia a matéria foi preparada por Deus para ser o receptáculo das formas sensíveis de toda aparência e a natureza imprimindo as formas sensíveis na matéria por meio dos quatro elementos, prolonga até ao céu e série de seres para que agradem aos olhares divinos.

4 Ora, todos os seres dependentes dos corpos do alto, distribuem-se em formas sensíveis da forma que vou dizer. Os indivíduos de cada gênero seguem a forma de seu gênero, de forma que o gênero seja o todo, um indivíduo uma parte do gênero.

Desta forma, o gênero dos deuses produzirá os indivíduos deuses.

O gênero dos daimons e similarmente os dos humanos, bem como o dos pássaros e de todos os seres contidos pelo mundo, engendram indivíduos que lhe são semelhantes. Existe um outro gênero de viventes, sem alma, para dizer a verdade, mas não sem faculdades sensitivas, de modo que os bons tratos os fazem crescer e os maus decrescer e perecer; entendo por isso todos os seres que tomam vida na terra pelo bom estado das raízes e do caule, desse gênero de seres, os indivíduos estão dispersos por toda a terra. Quanto ao céu, está pleno de Deus. Os gêneros de seres que acabo de mencionar ocupam todo o espaço até os lugares próprios dos gêneros dos quais os indivíduos, todos sem exceção, são imortais. Pois o indivíduo é uma parte do gênero - o ser humano é parte da humanidade - e necessariamente segue a qualidade de seu gênero. E, se bem que todos os gêneros sejam imortais, os indivíduos não são todos imortais.

No caso da divindade, o gênero e os indivíduos são imortais; nas outras raças de viventes, o gênero é imortal e os indivíduos mortais, mas nem por isso cessa a eternidade do gênero que desenvolve sua duração pela fecundidade reprodutora. Destarte, os indivíduos são mortais, os gêneros não o são: o ser humano é mortal, a humanidade imortal.

5 Todavia os indivíduos de cada gênero comunicam-se com todos os outros gêneros - tenham sido, estes indivíduos, produzidos anteriormente, tenham nascido daqueles que foram produzidos. Portanto, todos os seres que são produzidos ou pelos deuses, ou pelos daimons, ou pelos homens, são indivíduos inteiramente semelhantes e seus gêneros respectivos: pois os corpos não podem receber suas formas sem a vontade divina, os indivíduos sua figura sem o concurso dos daimons e os seres inanimados não podem ser plantados e criados sem a mão do homem. Aqueles que entre os daimons saem de seu gênero para atingir um outro gênero são levados a entrar em contato com um indivíduo do gênero divino, são tidos, graças a essa vizinhança e a esse intercâmbio, por semelhantes aos deuses.

Por outro lado, aqueles daimons que perseveram na qualidade de seu gênero são chamados daimons amigos dos humanos. O mesmo sucede relativamente aos humanos: esses cobrem na verdade um campo maior. Pois os indivíduos humanos são diversos e de mais de um caráter: provenientes do alto, do lugar onde tiveram comércio com o gênero de que se falou, contraíram muitas ligações com todos os outros gêneros e com o maior número deles por necessidade. Este ser humano se aproxima dos deuses que graças ao espírito que o aparenta aos deuses, uniu-se a eles por uma religião inspirada do céu; este outro se aproxima dos daimons por ter se unido a eles; aqueles permanecem simplesmente humanos, contentes que estão com a posição intermediária de seu gênero; e todos os seres do gênero humano assemelhar-se-ão ao gênero do qual tenham freqüentado os indivíduos. 6 Assim é uma grande maravilha o ser humano, um vivente digno de adoração e honra. Pois passa a possuir a natureza de um deus como se fosse um deus, possui familiaridade com o gênero dos daimons sabendo que possuem a mesma origem; despreza esta parte de sua natureza que é apenas humana pois depositou sua esperança na divindade da outra parte. Oh! de que mistura privilegiada é feita a natureza humana! Unido aos deuses - pelo que possui de divino e que o aparenta a eles; a parte de seu ser que o faz terrestre despreza-a em si mesmo; todos os outros viventes aos quais se sabe ligado em virtude do plano celeste, prende-se-lhes por um laço de amor e eleva seus olhares para o céu. Tal é então a sua posição privilegiada de intermediário que ama os seres que lhe são inferiores, como é amado por aqueles que o dominam. Cuida da terra, mistura-se aos elementos pela velocidade

de seus pensamentos, pela ponte do espírito atira-se no abismo do mar. Tudo lhe é acessível; o céu não lhe parece muito alto, pois mede-o como próximo graças à sua engenhosidade. O olhar que seu espírito dirige, nenhuma miragem ofusca; a terra nunca é tão compacta que consiga impedir seu trabalho; a imensidão das profundidades marinhas não obscurecem a sua visão que mergulha. É ao mesmo tempo as coisas e está em toda parte.

Entre todos esses gêneros de seres, aqueles que são providos de uma alma tem raízes que os atingem do alto para baixo; por outro lado os seres desprovidos de alma possuem raízes que vêm de baixo para o alto. Certos seres se alimentam de alimentos de duas espécies, outros, de alimentos de uma só espécie. Existem dois tipos de alimentos, os da alma e os do corpo, as duas partes componentes do vivente. A alma é alimentada pelo movimento sempre mantido do céu. Os corpos devem seu crescimento à água e à terra, alimentos do mundo inferior, o sopro que preenche o universo, espalha-se em todos os seres animados e lhes dá vida, enquanto que o ser humano, além do entendimento, recebe o intelecto, quinta parte, única proveniente do éter, dada ao ser humano como um dom. Mas de todos os seres que possuem vida, somente o ser humano possui intelecto, e este o eleva, exalta, de forma que possa atingir o conhecimento do plano divino. Por outra parte, como fui levado a falar do intelecto, voltarei a falar acerca de sua doutrina: pois é uma doutrina muito alta e santa, não menos alta que aquela que trata da própria divindade. Mas terminemos nosso assunto.

7 Falei desde o início desta união com os deuses, da qual são seres humanos os únicos a fruir pelo favor dos mesmos, referi-me a esses dentre os humanos que obtiveram a felicidade suprema de adquirir esta faculdade divina da intelecção, este intelecto mais divino que existe somente em Deus e no entendimento humano. - Então, ó Trismegistos, o intelecto não é de mesma qualidade em todos os homens?

- Não, ó Asclépios, nem todos atingiram o verdadeiro conhecimento, mas, em seu cego impulso, sem nada ter visto da verdadeira natureza das coisas, deixam-se arrastar por uma ilusão que cria a malícia nas almas e faz cair o melhor dos viventes até à natureza da besta e à condição dos brutos. Mas o que se refere ao intelecto e sujeitos conexos, será tratado completamente quando vos falarei do sopro.

Unico entre os viventes, o ser humano é duplo, e uma das partes que o compõem é simples, aquela que os Gregos chamam de essencial, e nós, formada à semelhança de Deus'. A outra parte é quádrupla, aquela que os Gregos chamam `material' e nós, `terrestre'. É dela que foi feito nosso corpo, que serve de envoltório e esta parte do ser humano que nós acabamos de dizer que é divina, porque neste abrigo, a divindade do espírito puro, repousa apenas com eles, como que dividida, atrás do muro do corpo.

- Por que foi necessário, ó Trismegistos, que o ser humano fosse estabelecido na matéria em lugar de viver na felicidade suprema na região onde Deus habita?

- Eis uma boa questão, Asclépios, e peço a Deus que me dê os meios de respondê-la. Pois se tudo depende de sua vontade, essas discussões sobre o Todo supremo, esse Todo que faz o objeto de nossa pesquisa atual, sobretudo.

8 Escuta então, ó Asclépios. Quando o Senhor e o Criador das coisas, que chamamos com justiça Deus, faz, segundo após ele, o deus visível e sensível, esse segundo deus, se o digo sensível, não é que queira dizer que seja ele mesmo dotado de sensação (se ele o é ou não, o discutiremos em um outro momento), mas porque cai sob o sentido visual - quando Deus então produziu este ser, o primeiro que tirou de si mesmo, mas o segundo depois dele, e que este lhe pareceu belo, pois estava cumulado da bondade de todos seres, amou-o como fruto de sua divindade. Então em Deus todo-poderoso e bom, quis que existisse um outro ser que pudesse contemplar aquilo que havia tirado de si mesmo e prontamente criou o ser humano, cuja razão e cuidado com as coisas devem ser à imitação dos de Deus. Pois a vontade, em Deus, é o cumprimento mesmo do ato, pois querer e fazer são coisas realizadas por ele no mesmo instante. Ora, após haver criado o ser humano essencial, como visse que esse ser humano não poderia cuidar das coisas se não o cobrisse com um envoltório material, deu-lhe um corpo por domicílio e prescreveu que todos os seres humanos fossem tais, compondo de uma e outra natureza, uma

fusão e uma mistura únicas na proporção conveniente. Foi desta forma - que conformou o ser humano, da natureza do espírito e do corpo, isto é do eterno e do mortal, para que o vivente formado dessa forma pudesse satisfazer à sua dupla origem, admirar e adorar as coisas celestes, tomar conta das coisas terrestres e governá-las.

Agora, por coisas mortais não entendo a terra e a água, esses dois elementos que, entre os quatro, a natureza colocou à disposição do ser humano, mas tudo o que o ser humano produz, seja nesses elementos, seja tirando desses elementos, por exemplo a cultura do solo, as pastagens, as construções, os portos, a navegação, as relações sociais, as trocas mútuas, as obras que constituem o liame mais sólido de ser humano a ser humano e entre o ser humano e esta parte do mundo que é feita de terra a água. Esta parte terrestre do mundo é mantida pelo conhecimento a prática das artes e das ciências, sem as quais Deus não quis que o mundo pudesse passar a ser perfeito. Pois o que Deus decretou deve ser necessário e cumprido, quer uma coisa e ela está feita e não se pode acredïtar que Deus volte atrás alguma vez acerca do que decretou um dia, pois sabia muito antes que esta coisa se produziria e que o agradaria.

9 Mas percebo bem, ó Asclépios, com qual impaciente desejo de alma queres compreender como o ser humano pode fazer, do céu e dos seres que aí se encontram, o objeto de seu amor e de seus cuidados. Escuta, ó Asclépios.

Amar o deus do céu e todos os seres celestes é unicamente prestar-lhes uma contínua reverência. Ora, de todos os viventes, divinos e mortais, nenhum outro a prestou, senão o homem. Esses testemunhos humanos de admiração, de adoração, de louvor, de reverência, fazem a delícia do céu e dos seres celestes. E é justo que a divindade suprema tenha enviado cá para baixo o coro das Musas entre os homens para que o mundo terrestre não pareça muito selvagem, privado da doçura da música, mas que contrariamente, pelos seus cantos inspirados pelas Musas, os homens possam oferecer seus louvores àquele que sozinho é o Todo e o pai de todos, e que desta forma, aos louvores celestes responda sempre, na terra também, uma suave harmonia. Alguns humanos, em muito pequeno número, dotados de uma alma pura, receberam como parte a augusta função de elevar seus olhos para o céu. Mas todos aqueles que, em virtude da mistura de sua dupla natureza, deixaram-se restar, pelo peso do corpo, a um nível inferior de conhecimento, destinam-se ao cuidado dos elementos ou, ainda, dos inferiores. O ser humano é portanto um vivente, e não digo que é inferior, pelo fato que seja em parte mortal: ao contrário, pode ser que tenha sido enriquecido pela mortalidade por ter, assim composto, mais habilidade e eficácia em vista de um propósito determinado. Pois não teria podido cumprir sua dupla função se não fosse composto das duas substâncias, é preciso ser de uma e de outra, para ser capaz ao mesmo tempo de cuidar das coisas terrestres e amar a divindade.

10 Quanto ao assunto que vou tratar agora, ó Asclépios, desejo que mantenhas com uma atenção penetrante todo o ardor de teu espírito. Com efeito, se a maior parte não acredita nessa doutrina, não deve ser, entretanto, recebida como menos sã e verdadeira pelas almas mais santas. Começo então.

Deus, mestre da eternidade, é o primeiro; o mundo o segundo; o ser humano é o terceiro. Deus é o criador do mundo e de todos os seres que aí se encontram, governando ao mesmo tempo as coisas, em conjunção com o ser humano que governa também o mundo formado por Deus. Se o ser humano assume esse ofício em tudo que comporta, entendo que esse governo é sua função própria, faz de forma que seja para o mundo, aquilo que o mundo é para si: um ornamento, se bem que, por essa divina estrutura do homem, concorda-se em chamá-lo um mundo, o grego o diz mais justamente uma ordem (kosmos). O ser humano se conhece, conhece também o mundo, este conhecimento faz com que ele lembre o que convém a seu papel e reconheça quais coisas servem para seu uso, e serviço de que e de quem deve se colocar, oferecendo a Deus seus louvores e suas ações de graça as mais vivas, reverenciando a imagem de Deus sem esquecer que é também a segunda imagem: pois Deus possui duas imagens, o mundo e o ser humano. De onde resulta que o ser humano constitui apenas uma única liga, por aquela parte pela qual, sendo feito, com elementos superiores, da alma e do intelecto, do espírito e da razão, é divino, parece possuir os meios de subir até aos céus, enquanto que pela parte material,

composta de fogo e de terra, de água e de ar, é mortal e permanece preso à terra, com medo que possa deixá-la vazia e abandonar as coisas confiadas à sua guarda. É desta forma que a natureza humana, em parte divina, foi criada também em parte mortal pois foi estabelecida em um corpo.

11 A regra desse ser duplo, quero dizer, o ser humano, é antes de tudo a piedade, que tem por conseqüência a bondade. Mas esta bondade não se mostra em sua perfeição, se não foi fortificada contra o desejo de tudo o que é estranho ao ser humano, pela virtude do desprezo. É necessário tomar por estrangeiras, e tudo no ser humano é parente do divino, as coisas terrestres que se possuem para satisfazer aos desejos do corpo, são chamadas, muito bem, possessões, pois não nasceram conosco, mas foram adquiridas por nós após o nascimento: e é daí que lhes advém o nome de possessões. As coisas deste tipo são estranhas ao ser humano, mesmo o corpo: por conseqüência, devemos desprezar não somente os objetos de nossos apetites, mas a fonte de onde decorre em nós esse vício do apetite. Pois, segundo a direção mesmo que me faz seguir o rigor do raciocínio, o ser humano não deveria ser humano senão na medida em que, pela contemplação da divindade, despreza e desdenha a parte mortal que lhe foi unida pela necessidade que tem de cuidar do mundo inferior.

Com efeito, para que o ser humano seja completo em cada uma de suas partes, observa que foi dotado em cada uma delas quatro elementos principais: as mãos e os pés que fazem respectivamente dois pares e que, com os outros membros corporais, lhe permitem estar ao serviço da parte inferior, isto é, terrestre, do mundo; e da outra parte estas quatro faculdades, o espírito, o intelecto, a memória e a previdência, graças às quais conhece as coisas divinas e as contempla. Daí advém o fato do ser humano escrutar com uma inquieta curiosidade as diferenças das coisas, suas qualidades, suas operações e suas grandezas, e que todavia, entravado pelo peso e maligna influência de um corpo muito forte para ele, não possa penetrar as verdadeiras causas da natureza.

Assim, este ser humano feito desta forma, que recebeu do Deus supremo o encargo desse serviço a esse culto, se vela pela ordem do mundo através de um trabalho bem ordenado, se honra a Deus piedosamente, se obedece de maneira digna e conveniente à vontade de Deus nas tarefas que lhe foram confiadas, um humano assim, que recompensa deverá receber? - Pois, por ser o mundo obra de Deus, o que com diligência conserva e aumenta a beleza do mundo coopera com a vontade de Deus, posto que emprega seu corpo e consagra todo dia, seu trabalho e seus desvelos a adornar a beleza que Deus criou com uma intenção divina. - Oue recompensa deverá receber, à não ser aquela que receberam nossos pais maiores e que, em nossas mais ferventes súplicas, desejamos receber um dia de maneira análoga, se assim o quiser a vontade divina, isto é, uma vez concluído nosso serviço, exonerados da vigilância do mundo material e livres dos laços da natureza mortal, Deus nos reconduza, puros e santos, à condição normal da parte superior de nós mesmos que é divina?

12 - O que dizes é justo e verdadeiro, ó Trismegistos!

- Tal é com efeito a recompensa que aguarda aos que levam uma vida de piedade para com Deus e de atento cuidado com o mundo. Em contrapartida, os que tenham vivido no mal e na impiedade, além de sentir que o retorno ao céu lhes é negado são condenados a passar a corpos de outra espécie em virtude de uma migração vergonhosa, indigna da santidade do espírito.

- Segundo a marcha que segue teu discurso, ó Trismegistos, relativamente à esperança da imortalidade futura, as almas correm grande perigo nesta vida terrestre.

- Certamente, porém isto para uns parece algo inacreditável, para outros algo fabuloso, para outros inclusive, algo ridículo. Pois, que coisa doce é com efeito, nesta vida corporal, o gozo proveniente dos bens possuídos! Este prazer, como se pode dizer, prende a alma pelo cólon para que o ser humano se prenda a esta parte dele pela que é mortal, e além do mais o vício, invejoso da imortalidade, não suporta que alguém reconheça a sua parte divina.

Posso afirmar-te, como profecia: depois de nós, já não haverá amor sincero à filosofia, a qual consiste no único desejo de melhor conhecer a divindade por meio de uma contemplação habitual e uma santa piedade. Pois muitos já a estão corrompendo de inúmeras maneiras.

- De qualquer maneira a fazem incompreensível e de que forma a corrompem de inúmeras maneiras?

13 - Da seguinte maneira, ó Asclépios, através de um trabaIho cheio de astúcia, misturam-na com diversas ciências ininteligíveis, a aritmética, a música, e a geometria. Porém a filosofia pura, aquela que depende apenas da piedade relativa a Deus, não deve se preocupar com as outras ciências, a não ser para admirar o retorno dos astros à sua posição primitiva, suas posições pré-determinadas e o curso de suas revoluções obedecendo à lei dos números para, por meio do conhecimento das dimensões, das qualidades, das quantidades da terra, das profundezas do mar, da força do fogo, das operações e da natureza dessas coisas, sentir-se levada a admirar, adorar e bendizer a arte e a inteligência de Deus. A formação musical confere apenas o conhecimento de como se ordena este conjunto do universo a que plano divino distribuiu as coisas: pois esta ordem, em que as coisas foram reunidas em um mesmo todo por uma razão de artistas, produzirá uma espécie de concerto infinitamente suave e verdadeiro, com uma música divina. 14 Desta forma, os humanos que virão depois de nós, enganados pela astúcia dos sofistas, deixar-se-ão apartar da verdadeira, pura e santa filosofia. Adorar a divindade com um coração e uma alma simples, venerar as obras de Deus, louvar a vontade divina que, é a única a estar infinitamente plena de bem, tal é a filosofia não maculada por nenhuma maligna curiosidade do espírito.

Mas isto é o suficiente quanto a esse tratado. Comecemos a falar do sopro ou pneuma e de outros temas semelhantes. (NT. - um pequeno problema se nos apresenta: ‘pneuma’ em grego não é perfeitamente equivalente ao ‘espírito’, em latim; `pneuma' tem um sentido material, que `espírito' não consegue transmitir. É conveniente ter isto em mente no decurso deste tratado.)

No princípio existia Deus e ‘Hyle’ - que é a forma pela qual os gregos designam a matéria - (NT. - Observe-se que aqui vale a advertência anterior ao `pneuma', mas com os pés voltados para cima, isto é, `hyle' tem um sentido abstrato que `matéria' não consegue transmitir.) O sopro estava com a matéria, ou melhor estava na matéria, porém não da mesma maneira que estava em Deus ou que estavam em Deus os princípios de onde o mundo tirou suas origens. Pois se as coisas não possuíam ainda existência, posto que não haviam sido produzidas, nem por isso existiam menos naquilo de que deveriam nascer. - Pois ‘carente de geração' não se diz somente das coisas que ainda não foram produzidas, mas também das coisas que não possuem o poder de engendrar, de modo que delas nada pode nascer. Destarte, todos os seres que possuem em si a faculade natural de engendrar são, por este mesmo fato, capazes de engendrar: e deles pode nascer alguma coisa, mesmo no caso de terem nascido de si mesmos, pois ninguém duvida do fato de que dos seres que nascem de si mesmos, possam nascer facilmente os principios de onde as coisas tiram sua origem. Conseqüentemente, Deus, que existe sempre, Deus eterno, não pode ser engendrado nem o poderia ter sido, é, foi e sempre será. Esta é, portanto a natureza de Deus, que saiu de si mesmo completamente.

Enquanto a natureza material e o sopro, por mais evidentemente que sejam não-engendrados desde o princípio, têm em si o poder e a faculdade natural de nascer e de engendrar. Pois o princípio da geração é uma das propriedades da matéria: esta possui em si mesma o poder e a capacidade fundamental de conceber e dar à luz. É pois capaz de engendrar por si só, sem o concurso de nenhum elemento estranho.

15 Contrariamente, aqueles seres que não possuem a faculdade de conceber a não ser através da cópula com outro ser, devem ser considerados como seres limitados, de forma que o espaço, que contém o mundo e tudo que se encontra nele, é evidentemente não engendrado, possuindo como possui em si mesmo um poder de geração universal. Por 'espaço' entendo aquilo em que o conjunto das coisas está contido. Pois todo esse conjunto não teria podido existir se não houvesse espaço para conter o ser das coisas - pois nenhuma coisa pode existir sem que se lhe tenha preparado um lugar. E também não poderiam ser discernidas nem as qualidades, nem as magnitudes, nem as posições, nem as operações das coisas que estivessem em parte alguma.

Portanto, também a matéria, quando ainda não havia sido engendrada, continha, entretanto, em si mesma, o princípio de toda geração, pois oferece às coisas um seio

inesgotavelmente fecundo e adequado para sua concepção. Eis então no que se resume toda a qualidade da matéria: é capaz de engendrar embora não seja engendrada. Bem, se toma parte da natureza da matéria o ser capaz de engendrar, disto resulta que esta mesma matéria é absolutamente capaz de gerar o mal.

16 Não disse então, ó Asclépios e Hammon! o que muitos repetem: "Não poderia ser afastado e abolido o mal da Natureza, por Deus?" Essas pessoas não merecem absolutamente resposta. Todavia, em vossa atenção, quero prosseguir explicando este fato. Dizem, com efeito, que Deus deveria libertar o mundo do mal; porém o mal está fixado no mundo que parece ser um membro deste. No entanto, o Deus supremo tomou de antemão suas precauções contra o mal, da maneira mais racional que foi possível, ao se dignar dar gratuitamente às almas humanas o intelecto, a ciência e o entendimento. Por meio destas faculdades, graças às quais nos elevamos acima de todos os seres viventes e somente por elas, podemos escapar às armadilhas, aos ardis e às corrupções do mal. Se um ser humano pode evitar tudo isto ao primeiro olhar, antes de ter se envolvido totalmente, deve-o a estas muralhas ou defesas que lhe foram previstas pela sabedoria e prudência divina: pois toda ciência humana tem seu fundamento na soberana vontade de Deus.

Relativamente ao sopro é ele que procura e mantém a vida em todos os seres do mundo, o qual obedece, como um órgão ou máquina ou instrumento, à vontade do Deus Supremo. Estas explicações são suficientes para nosso intento.

Inteligível somente para o pensamento, o Deus chamado Sumo rege e governa este deus perceptível pelos sentidos que compreende em si mesmo todo lugar, toda substância das coisas, toda natureza dos seres que nascem e engendram, a toda classe possível de qualidade e de grandeza ou magnitude.

17 O sopro é que move e dirige todas as formas sensíveis contidas no mundo, cada uma segundo a natureza própria que Deus lhe haja conferido. Enquanto a matéria é o receptáculo das coisas, em que todos os seres estão em movimento, formando uma massa compacta. Estes são governados por Deus, que dispensa a cada um dos seres o que lhe é necessário. E Deus preenche as coisas de sopro, inalando-o em cada um deles segundo a medida de sua capacidade natural.

Esta bola oca semelhante a uma esfera que é o mundo, devido à sua qualidade e à sua forma, não pode ser vista em sua totalidade; escolhe um ponto qualquer da esfera para olhar de cima para baixo: nunca poderás, deste ponto, ver o que há no fundo. Por essa razão muitos lhe atribuem a mesma natureza que o espaço e as mesmas propriedades. Somente devido às formas sensíveis nela impressas como cópias das formas ideais, atribui-se a ela mesma uma espécie de visibilidade, já que aparece à vista como um quadro pintado; porém, na realidade, é em si mesma sempre invisível. Daí resulta que o fundo da esfera, se é uma parte ou um lugar da esfera, se chame em grego Hades (`idein' em grego significa ver) - já que não é possível ver o fundo da esfera. E também por esta razão que as formas sensíveis são chamadas "ideai" ou idéias, porque podem ser vistas. Assim pois, o mundo dos infernos é chamado em grego `Hades' porque não é visível e em latim `Inferi' porque se encontra na parte mais baixa da esfera.

Essas são, pois, as causas originárias e, por assim dizer, capitais das coisas, pois nelas ou por meio delas ou a partir delas existem as coisas.

18 - De que natureza são estas coisas, ó Trismegistos!

- Material, por assim dizer, é a substância de cada uma das formas sensíveis que há no mundo, seja qual for a sua forma; por isto a matéria nutre os corpos, e o sopro as almas. Porém o intelecto, esse dom celestial da humanidade do qual apenas a humanidade possui o afortunado gozo - e assim mesmo nem todos os seus membros, apenas um reduzido número, o daqueles cuja alma está disposta de tal forma que está apta a receber um benefício tão grande; o intelecto é a luz da alma humana da mesma maneira que o sol o é do mundo, e a ilumina mais ainda: pois tudo o que é iluminado pelo sol se vê privado de tempo em tempo desta luz pela interposição da terra e da lua quando chega a noite, o intelecto uma vez tendo se mesclado e fundido com a alma humana se faz uma única e mesma substância com ela por meio de uma íntima fusão, de forma que as almas assim mescladas nunca mais são obscurecidas pelas trevas do erro. Por esta razão diz-se com acerto que a alma dos deuses em sua totalidade são formadas pelo intelecto. Eu não

afirmo que assim sejam as almas de todos os deuses, mas tão-somente a dos grandes deuses, dos deuses superiores.

- Quais são os deuses aos quais chamamos chefes das coisas ou princípios das causas absolutamente primeiras, ó Trismegistos?

- Vou desvelar-te grandes segredos, vou desvelar-te mistérios divinos e antes de começar, imploro o favor celestial.

Há muitos gêneros de deuses, dentre esse número, uns são inteligíveis, outros sensíveis. Ao chamar alguns de inteligíveis não se quer dizer que permaneçam à margem de nosso conhecimento: longe disto, conhecemo-los melhor que àqueles que chamamos visíveis; esta exposição o fará ver e o verás por ti mesmo se prestares atenção. Pois esta doutrina sublime e por isto mesmo demasiado divina para não superar as forças da inteligência humana, se não a recebes ouvindo com todos os teus ouvidos as palavras do mestre, não farás mais que voar e fluir através do espírito, ou melhor ainda virá a refluir sobre si mesmo e a confundir-se em sua fonte.

Existem pois os deuses chefes das espécies em primeiro lugar. Depois deles vêm os deuses cuja essência tem um chefe: são estes deuses sensíveis e feitos à semelhança de sua dupla origem, os que, de um lado e outro do mundo sensível, produzem todos os seres, um por meio do outro, iluminando cada um dele; a obra que criou ou cria.

O Ousiarca do céu é Júpiter, através do céu dispensando a vida e todos os seres. O Ousiarca do sol é a luz; depois por mediação do círculo solar se difunde sobre nós o bem da luz. Os Trinta e Seis chamados Horóscopos, isto é, os astros que sempre se encontram fixos no mesmo lugar, têm como Ousiarca o chefe ou deus chamado Pantomorfos ou Omniforme, que impõe suas diversas formas aos diversos indivíduos de cada espécie. As chamadas Sete Esferas têm como Ousiarcas, isto é, como seus chefes, às chamadas Fortuna e Heimarmene, pelos quais as coisas se transformam segundo a lei da natureza a uma ordem absolutamente determinada, que permanece contudo diversificada por um momento perpétuo. O ar é o órgão, isto é, o instrumento de todos os deuses por mediação do qual se produzem as coisas; e o Ousiarca do ar é o segundo às coisas imortais as mortais e a estas suas semelhantes. Nestas condições, as coisas possuem entre si uma conexão através de mútuas relações em uma cadeia que abarca da mais baixa à mais alta. Porém, as coisas mortais estão ligadas às imortais, as sensíveis às que não são percebidas pelos sentidos. Enquanto o conjunto da criação obedece a este governador supremo que é o senhor, de forma que compõem não uma multiplicidade mas uma unidade. Pois, como todos os seres dependem do Um e são provenientes do Uno, ainda que vistos separadamente pareçam constituir uma infinidade em número, quando se os considera reunidos formam apenas uma unidade, ou melhor ainda, uma parelha, aquilo de que tudo procede e pelo que tudo é produzido, isto é, a matéria com que as coisas são feitas e a vontade de Deus cujo decreto as faz existir em sua diversidade.

20 - E qual é esta doutrina, ó Trismegistos?

- A seguinte, Asclépios. Deus, ou o Pai, ou o Senhor das coisas, ou qualquer nome que os humanos de uma maneira mais santa ou mais repleta de reverência o designem; nome que a necessidade em que nos vemos de nos comunicar uns aos outros faz com que consideremos sagrado; de forma que se consideramos a majestade de um Ser tão grande, nenhum destes nomes tem o poder de defini-lo com exatidão. Pois se o nome não é mais do que isto, um som que provém do choque de nosso alento com o ar, para declarar toda vontade ou pensamento que o ser humano tenha podido conceber em seu espírito a partir das impressões sensíveis, um nome cuja substância, composta de um pequeno número de sílabas está inteiramente delimitada e circunscrita a fim de fazer possível entre os humanos o intercâmbio indispensável entre o que fala e o que escuta, se o nome, digo, é mais que isto, a totalidade do nome de Deus inclui ao mesmo tempo a impressão sensível, o alento, o ar e tudo aquilo que existe nestas três coisas ou por seu intermédio ou como resultado das três: bem, não há nenhuma esperança de que o Criador da majestade do Todo, o pai e o senhor de todos os seres, possa ser designado por meio de um único nome, nem sequer composto de uma pluraridade de nomes; Deus não tem nome ou melhor ainda, possui todos, posto que é ao mesmo tempo Um e Todo, de modo que é preciso ou designar

as coisas com seu nome ou então dar-lhe o nome das coisas; Deus, portanto, que é as coisas por si só, infinitamente repleto da fecundidade dos dois sexos, prenhe pela sua própria vontade, sempre, dá à luz e tudo que tenha planejado ou decidido procriar. A sua vontade é, inteiramente, bondade. E essa bondade que existe também em todos os seres saiu naturalmente da divindade de Deus, para que os seres sejam como são e como têm sido e para que todos os seres que tenham que existir na seqüência procurem, de maneira adequada, a faculdade de reproduzir-se. Seja-te, pois, desvelada nestes termos, ó Asclépios, a doutrina acerca das causas e o modo de produção dos seres.

21 - Dizes então, ó Trismegistos, que Deus possui os dois sexos?

- Sim, Asclépios, e não somente Deus, mas todos os seres animados e inanimados. Não é possível que nenhum dos seres que exista seja infecundo pois caso se retire a fecundidade de todos os seres que existem neste momento, as raças atuais não poderão durar para sempre. De minha parte declaro que também está na natureza dos seres o sentir e o engendrar e digo que o mundo possui em si mesmo a capacidade de engendrar e que conserva todas as raças que uma vez tenham vindo a ser. Porque um e outros sexos estão cheios de força procriadora e a união destes dois sexos ou melhor, sua unificação, que pode ser denominada corretamente Eros ou Vênus ou as duas coisas ao mesmo tempo, é algo incompreensível para o entendimento.

Grava pois em teu espírito, como uma verdade mais certa e evidente que nenhuma, que este grande soberano de toda a natureza, Deus, inventou para todos os seres e concedeu a todos este mistério de reprodução eterna, com tudo o que traz consigo de afeto, felicidade, alegria, desejo e amor, dom de Deus. E este seria o lugar de dizer quanta força tem esse mistério para prender-nos, se cada um de nós, examinando a si mesmo, não soubesse pelos seus sentimentos mais íntimos. Pois se consideras este momento supremo em que, graças a um roçar continuado, chegamos ao resultado que as duas naturezas derramam uma na outra sua semente, de que uma das duas se apopera avidamente para encerrá-la em si mesma, nesse ponto comprovas que, por uma fusão das duas naturezas, a mulher adquire o vigor do varão; o varão se relaxa ou se abandona em um langor feminino. Por isto o ato desse mistério, por muito doce e necessário que pareça, se realiza em segredo para que as zombarias do vulgo ignorante não fizessem corar à divindade, que se manifesta em uma e outra natureza nessa fusão dos sexos, particularmente quando se o expõe aos olhos dos ímpios.

22 Pois os homens piedosos não são numerosos: tão pouco numerosos que seria possível contá-los em todo universo. Bem, se na grande maioria persiste a malícia, é porque carece de sabedoria e conhecimento do conjunto das coisas. Pois é preciso ter compreendido o plano divino, de acordo com o qual foi constituído o universo, para menosprezar os vícios de tudo o que é matéria e remediá-los. Porém, quando a ignorância e a imperícia se alargam, todos esses vícios, adquirindo cada vez mais força, ferem a alma com pecados incuráveis; e a alma, infectada e corrompida por eles, se encontra como que inchada por venenos exceto naqueles que tenham encontrado o remédio soberano da ciência e do conhecimento.

lsto posto, ainda que não tivesse que servir a outros homens que não estes, que representam um número reduzido, vale a pena prosseguir e concluir o tema que estamos tratando: porque tão-somente ao ser humano a divindade dignou-se conceder o conhecimento a ciência que lhe pertencem. Escuta, pois.

Quando Deus, o Pai, e o Senhor, criou, depois dos deuses, os humanos, combinando neles em proporções iguais o elemento corruptível da natureza e o elemento divino, sucedeu que os vícios da matéria, uma vez mesclados aos corpos, se arraigaram nestes, bem como outros vícios procedentes dos alimentos e o alimento que nos vemos forçados a tomar como todo ser vivente, de onde se segue necessariamente que os desejos da concupiscência e todos os demais vícios da alma encontram lugar no coração humano. Enquanto que os deuses que foram formados da parte mais pura da natureza e não têm nenhuma necessidade da ajuda da razão e da ciência, embora a imortalidade e o vigor de uma juventude eterna lhes façam às vezes de sabedoria a ciência para salvaguardar e unidade de seu plano, como ciência a inteligência, a fim de que não ficassem desprovidos desses bens, Deus, por um decreto eterno, constituiu para eles e prescreveu-lhes em

forma de lei e ordem da necessidade, enquanto distinguia o ser humano dentre todos os viventes e o reconhecia como seu pelo privilégio único da razão e da ciência, graças às quais a humanidade pode apartar e rechaçar para longe de si os vícios inerentes ao corpo e se dirigir à esperança da imortalidade e tender a ela. Em uma palavra, a fim de que o ser humano pudesse ser bom e capaz da imortalidade, Deus o compôs de duas naturezas, a divina e a mortal: e deste modo a vontade divina decretou que o ser humano fosse melhor constituído que os deuses, que foram conformados exclusivamente da natureza imortal que todo o resto dos mortais. Por isto, enquanto o ser humano unido aos deuses por um vínculo de parentesco, os adora piedosamente na santidade do espírito, os deuses por sua vez velam do alto, com um terno amor, sobre os assuntos humanos, tomando-os sob sua custódia.

23 Porém falo tão somente deste reduzido número que recebeu o dom de uma alma piedosa; dos maus mais vale nada dizer, pois temo que, pensando neles possa resultar maculada a sublime santidade deste raciocínio.

E como foi anunciado o tema do parentesco e o consórcio que liga homens e deuses, convém, Asclépios, que conheças o poder e a força do homem. Do mesmo modo que o Senhor ou o Pai ou, para dar-lhe seu nome mais alto, Deus, é o criador dos deuses, do céu, também o ser humano é o autor dos deuses que residem nos templos e que encontram satisfação na vizinhança dos humanos: não somente recebe a luz, como a dá por sua vez, não somente avança para Deus, mas também cria deuses. Sentes admiração, ó Asclépios, ou to sentes sem fé, como a maioria?

- Sinto-me confuso, ó Trismegistos, porém me rendo gostosamente a tuas proposições e considero o ser humano infinitamente ditoso, pois conseguiu uma felicidade de tal índole.

- Certamente, merece que se o admire, ele, o maior de todos os seres. É uma crença universal que a raça dos deuses saiu da parte mais pura da natureza, e que seus signos visíveis não são, por assim dizer, mais que cabeças no lugar de corpos inteiros. Por outro lado, as imagens dos deuces que o ser humano modela foram formadas das duas naturezas, da divina que é a mais pura e muito mais divina e da que está abaixo do homem, isto é, da matéria que serviu para fabricá-las, ademais, suas figuras não se limitam somente à cabeça, mas possui um corpo inteiro com todos os membros. Assim a humanidade que sempre recorda sua natureza e sua origem, avança até nisto a imitação da divindade e, assim como o Pai e o Senhor dotou aos deuses de eternidade para que fossem semelhantes a Ele, da mesma maneira o ser humano modela os seus próprios deuses à semelhança de seu rosto.

24 - Referes-te, ó Trismegistos, às estátuas?

- Sim, às estátuas, Asclépios. Vês como careces de fé? Trata-se de estátuas dotadas de uma alma, conscientes, cheias de sopro vital, e que realizam um número incalculável de prodígios; estátuas que conhecem o futuro e o predizem pelas sortes, a inspiração profética, os sonhos e muitos outros métodos, que enviam aos homens as enfermidades e as curam, que concedem, segundo nossos méritos, a dor ou a fortuna.

Desconheces então, ó Asclépios, que o Egito é a cópia do céu ou, para melhor dizer, o lugar em que se transferem e projetam cá embaixo todas as operações que dirigem e põem em obra as forças celestes? Mais ainda, tem que se dizer toda verdade, nossa terra é o templo do mundo inteiro.

E, no entanto, como aos sábios convém conhecer de antemão às coisas futuras, há uma que é preciso que conheças. Virá um tempo em que parecerá que os egípcios honraram em vão a seus deuses, na piedade de seu coração, através de um culto assíduo: toda sua santa adoração fracassará por ineficaz, será privada de seu fruto. Os deuses abandonando a terra, volver-se-ão para o céu, abandonarão o Egito; este país que foi em outro tempo o domicílio das liturgias santas, viúvo agora de seus deuses, não gozará mais de sua presença. Estrangeiros virão a habitar este país, esta terra, e não ela somente, se deixará de prestar atenção às observâncias, mas, coisa ainda mais penosa, mandar-se-á, por meio de presumidas leis, sob castigos prescritos, abster-se de toda prática religiosa, de todo ato de piedade ou de culto para com os deuces. Então, esta terra santíssima, pátria dos santuários dos templos, permanecerá totalmente coberta de sepulcros e de mortos. Oh! Egito, Egito! de teus cultos restarão apenas mitos e nem sequer teus filhos, mais

tarde, crerão neles, nada sobreviverá, a não ser as palavras gravadas sobre as pedras que contam tuas piedosas façanhas. O cita, ou o hindu, ou qualquer outro semelhante a eles, isto é, um vizinho bárbaro se estabelecerá no Egito. Porque eis que daqui a divindade sobe aos céus de novo, os homens abandonados, morrerão todos e então, sem deus e sem humano, o Egito não será mais que um deserto. Dirijo-me a ti, rio santíssimo, e a ti predigo as coisas do futuro: torrentes de sangue to encherão até as margens e transbordarás, e não somente tuas águas divinas serão manchadas por este sangue, mas também este fará com que saiam de seu leito e haverá muito mais mortos que vivos; enquanto que aquele que haja sobrevivido só será reconhecido como egípcio pela sua língua: na sua forma de agir parecerá um ser humano de outra raça.

25 Por que chorar, ó Asclépios? O mesmo Egito se deixará arrastar e muito mais que isto, e a algo muito pior: será maculado com crimes muito mais graves. Ele, noutro tempo o santo, que tanto amava aos deuses, único país da terra em que os deuses haviam assentado moradia para corresponder à sua devoção, ele, que ensinava aos homens e santidade e a piedade, dará exemplo da mais atroz crueldade. Nessa hora, cansados de viver, os humanos não olharão o mundo como objeto de sua admiração e reverência. Este Todo, que é uma coisa boa, a melhor que se pode ver no passado, no presente e no futuro, estará em perigo de perecer, os humanos o considerarão como um peso duro e, por ele mesmo, se menosprezará e não se amará mais a este conjunto do universo, obra incomparável de Deus, construção gloriosa, criação, toda ela boa, feita de uma infinita diversidade de formas, instrumento da vontade de Deus que, sem ciúme, prodigaliza seus favores em toda sua obra, onde se reúne em um mesmo todo, numa harmoniosa disparidade, tudo o que pode oferecer-se à vista que seja digno de reverência, louvor e amor. Porque as trevas serão preferidas à luz, se achará mais útil morrer que viver, ninguém mais levantará seus olhos para o céu; o ser humano piedoso será olhado como um louco, o ímpio como um sábio; o louco frenético será olhado como um valente, o pior criminoso como um ser humano de bem. A alma e todas as crenças que a ela se referem, segundo as quais a alma é imortal por natureza, ou que haverá de obter a imortalidade, conforme ensinei, serão apenas motivo de riso, mais ainda serão vistas como pura vanidade. Inclusive, creia-me, será um crime capital, segundo os textos da lei, o estar dedicado à religião do espírito. Será criado um novo direito, novas leis. Nada santo, nada piedoso, digno do céu e dos deuses que o habitam se fará ouvir jamais nem se achará fé em parte alguma da alma.

Produz-se uma dolorosa separação entre homens e deuses; restam apenas os anjos nocivos que se mesclam aos humanos e os constrangem pela violência, desventurados, e todos os excessos de uma audácia criminosa, comprometendo-os em guerras, piratarias, más ações e em tudo o que é contrário à natureza da alma. A terra perderá então seu equilíbrio, o mar deixará de ser navegável, o céu não estará manchado de estrelas, os astros deterão sua marcha pelo céu; toda voz divina será forçada ao silêncio e se calará; os frutos da terra apodrecerão, o solo deixará de ser fértil, o próprio ar se intumescerá num lúgubre torpor.

26 Isto, pois, será a velhice do mundo: irreligião, desordem, irracional confusão de todos os bens. Quando essas coisas tiverem sucedido, ó Asclépios, estão o Senhor, e o Pai, o Deus primeiro em potência e demiurgo do deus uno, depois de haver considerado estes costumes e estes crimes voluntários, oferecendo resistência com sua vontade, que é a bondade divina, aos vícios e à corrupção universal, e corrigindo o erro, aniquilará toda a malícia, apagando-a através de um dilúvio, consumindo-a através do fogo, destruindo-a através de enfermidades pestilenciais estendidas a diversos lugares; logo conduzirá o mundo à sua beleza primeva, para que este mesmo mundo pareça novamente digno de reverência e admiração e para que também Deus, criador e restaurador de uma obra tão grande, seja glorificado pelos homens que vivam, então, com contínuos hinos de louvor e bênção. Aqui se dará na realidade o nascimento do mundo: uma renovação das coisas boas, uma restauração santa e soleníssima da própria natureza, imposta pela força com o correr do tempo (porém por vontade divina) que é aquilo que foi sem começo nem fim. Pois a vontade de Deus não teve começo, é sempre a mesma e o que é hoje segue sendo eternamente. Pois o conselho da vontade de Deus nada mais é que sua essência.

- Este conselho é, pois, o Bem supremo, oh! Trismegistos?

- É o conselho, Asclépios, o que dá nascimento à vontade, do mesmo modo que esta por sua vez faz nascer o próprio ato do querer. Pois o que possui as coisas nada quer ao acaso, mas quer tudo o que possui. Agora bem, quer tudo o que é bom, e é tudo o que possui. Tudo o que propõe e quer, é, pois, bom. Assim é Deus: e o mundo é sua imagem, obra de um Deus bom, e portanto, bom.

27 - Bom, Tismegistos?

Sim, bom, Asclépios, e vou demonstrar-te. Da mesma maneira que Deus dispensa e distribui a todos os indivíduos e gêneros que existem no mundo seus benefícios, isto é, o intelecto, a alma e a vida, também o mundo produz e dá as coisas que os mortais consideram boas, isto é, a sucessão dos nascimentos no seu tempo, a formação, crescimento a maturação dos frutos da terra e outros bens semelhantes.

Estabelecido na maior altitude do céu supremo, Deus está em todas as partes e passeia seu olhar sobre as coisas - pois existe um lugar além do próprio céu, lugar sem estrelas, muito afastado das coisas corporais. O que dispensa a vida ao que chamamos de Júpiter ocupa o lugar intermediário entre o céu e a terra. A terra e o mar estão sob o poder de Júpiter Plutônio: é o que nutre a todos os viventes mortais e aos que dão fruto. Assim, graças às virtudes ativas de todos estes deuses os produtos do solo, as árvores e a própria terra devem subsistir. Porém existem ainda outros deuses cujas virtudes ativas e cujas operações vão distribuir-se através de tudo o que existe. Esses deuses cujo domínio se exerce sobre a terra serão restaurados qualquer dia e instalados numa cidade no limite extremo do Egito, uma cidade que será fundada do lado do sol poente e à qual afluirão, por terra e por mar, as raças dos mortais.

- Diga-me, todavia, ó Trismegistos, onde se encontram no momento estes deuses da terra? - Instalaram-se numa magnífica cidade, sobre a montanha da Líbia. Porém isto é o suficiente quanto a este tema.

Precisa-se tratar agora do mortal e do imortal. Porque a espera e o temor da morte são um suplício para a maior parte dos homens por ignorarem a verdadeira doutrina.

A morte é o resultado da dissolução do corpo gasto pelo trabalho, uma vez cumprido o número de anos durante o qual os membros do corpo se mantém ajustados para perfazer um todo único, instrumento bem disposto para as funções da vida: o corpo morre quando deixa de ter força para suportar as cargas da vida humana. A morte é isto: dissolução do corpo a desaparição da sensibilidade corporal; e é desnecessário inquietar-se por isso. Porém existe um outro motivo de inquietude, este necessário, que os homens menosprezam porque o ignoram ou porque não crêem nele.

- Que é isto, ó Trismegistos, que os homens ignoram ou cuja possibilidade põem em dúvida?

28 - Escuta pois, Asclépios. Assim que a alma tenha se retirado do corpo, passará ao domínio do Daimon supremo que a submeterá a juízo a fim de avaliar seus méritos. Se uma vez examinada a fundo este comprova que ela sempre se mostrou piedosa e justa, a autoriza a estabelecer-se na morada que lhe corresponde; contrariamente, se a vê manchada das impurezas do pecado e suja pelos vícios, precipita-a às profundezas, abandonando-a às tormentas e aos turbilhões que os ares enfrentam sem cessar, e também o fogo e a água, a fim de que por castigo eterno, seja sacudida e arrastada em sentidos contrários pelas vagas sucessivas da matéria entre a terra e o céu: mais ainda, a própria eternidade da alma não faz mais que danála, pois se encontra condenada a um suplício eterno em virtude de uma sentença que não tem fim. Saiba, pois, que temos de temer, assustarmo-nos, e evitar chegar a ser presas de uma tal sorte: pois os incrédulos, depois de terem pecado, ver-se-ão forçados a crer, não pelas palavras, mas pelos fatos, não pelas ameaças, mas pelo próprio sofrimento do castigo.

- Então, ó Trismegistos, não é apenas a lei humana que castiga os pecados dos humanos?

- Em primeiro lugar, Asclépios, tudo o que é terrestre é mortal; e também o são os seres que estão dotados de vida segundo a condição corpórea e que por isso mesmo deixam de viver nessa condição. Todos esses seres, pois, ao estarem submetidos a castigos proporcionados pelo que sua vida e suas faltas merecem, são castigados depois da morte, com penas tanto mais

severas quanto suas faltas, durante a vida puderam ser mantidas ocultas. Porque a divindade conhece nossas ações, de forma que os castigos corresponderão exatamente à qualidade das faltas.

29 - Quais são os que merecem as maiores penas, ó Trismegistos?

- São aqueles que, tendo sido condenados pelas leis humanas, perecem de morte violenta, de forma que parecem ter entregado a vida não como uma dívida paga à natureza, mas o preço de seus crimes. O ser humano justo, contrariamente, encontra sua defesa no culto de Deus e na piedade mais elevada: porque Deus protege tais homens contra toda espécie de mal. Efetivamente, o Pai ou Senhor das coisas, aquele que por si só é tudo, se desvela com prazer a todos. Não se dá a conhecer como algo situado num lugar, nem dotado de uma determinada qualidade ou magnitude, apenas ilumina o ser humano com esse conhecimento que pertence apenas ao intelecto; e então o ser humano, depois de ter expulsado da alma as trevas do erro e haver adquirido a luz da verdade, se une com todo seu intelecto à inteligência divina, cujo amor o libertou desta parte de sua natureza pela qual é mortal e o fez conceber uma firme esperança na imortalidade futura. Esta a distância que haverá entre bons e maus. Todo ser humano bom é iluminado pela piedade, pela religião, sabedoria, o culto e a adoração de Deus; penetra, como se o fizesse com os olhos, a verdadeira razão das coisas, firmemente seguro de sua fé, supera aos demais humanos tanto quanto o sol supera em luminosidade aos outros astros do céu. Ademais, o mesmo sol, se ilumina o resto das estrelas não é tanto pela potência de sua luz como pela sua divindade e santidade. E é a ele que em verdade deves considerar como o segundo Deus que governa as coisas, que difunde sua luz sobre os viventes da terra, os que possuem uma alma e os que não a têm.

Bem, se o mundo é um vivente que sempre está em vida, no passado, no presente, no futuro, nada no mundo pode morrer. Como cada uma das partes do mundo está sempre em vida, tal qual é, segundo seu próprio ser, como, por outro lado, se encontra num mundo que é sempre uno e que é vivente a um vivente sempre em vida, não permanece no mundo um lugar para a morte. É preciso portanto que o mundo esteja repleto, infinitamente, de vida e de eternidade, posto que deve sempre, necessariamente, viver. O sol, por conseguinte, posto que o mundo é eterno, governa também eternamente as coisas capazes de viver, isto é, a vitalidade inteira, que distribui através de uma contínua doação. - Deus governa, pois, eternamente as coisas viventes, isto é, capazes de viver, que existem no mundo e dispensa eternamente a vida. Bem dispensou-a, em verdade, de uma vez por todas, a vida é conferida às coisas que são capazes de viver por uma lei eterna, da maneira que vou dizer.

30 O mundo se move na própria vida da eternidade, e seu lugar está nesta eternidade própria da vida. Por esta razão o mundo nunca encontrará repouso nem será jamais destruído, posto que esta eternidade de vida o protege como com um muro fortificado e, por assim dizer, o encerra. Este mundo, mesmo, por seu lado, dispensa a vida e todos os seres que contém, e é o locus de todos os seres submetidos ao governo divino sob o sol. O movimento do mundo é resultado de uma operação dupla: por úm lado o mundo é vivificado a partir do exterior pela eternidade, por outro lado vivifica a todos os seres que contém, diversificando as coisas segundo números e tempo estabelecidos e determinados graças à ação do sol e ao curso dos astros, sendo prescrito o ciclo regular do tempo por uma lei divina. O tempo da terra se dá a conhecer pelo estado da atmosfera, pela sucessão das estações quentes e frias, e o tempo do céu pelo retorno dos astros à sua posição primeira no transcurso de sua revolução periódica. O mundo é o receptáculo do tempo e o curso e o movimento do tempo são os nutridores da vida do mundo. O tempo se mantém segundo uma norma fixa e esta ordem do tempo é o que produz a renovação das coisas no mundo, mediante o retorno alternado das estações. E como as coisas estão submetidas a estas leis não há nada estável, nada fixo, nada imóvel no que vem a ser, no céu ou sobre a terra. Somente Deus possui estas qualidades e com razão: porque é em si, é por si, está concentrado inteiramente em si mesmo, pleno e perfeito; é por si mesmo a estabilidade imóvel, e nenhuma influência procedente do exterior pode movê-lo para fora de seu lugar, porque as coisas em sua totalidade estão nele e ele está nas coisas, apenas ele, a não ser que alguém se atreva a

dizer que ele tem um movimento na eternidade, porém, pelo contrário, é melhor dizer que a eternidade é também imóvel já que o movimento de todos os tempos volve a ela e nela nasce o movimento de todos os tempos.

31 Deus, pois, sempre esteve em repouso e bem como a eternidade, da mesma forma que Deus, permanece imóvel encerrado dentro de si, antes de nascer, este mundo que com razão chamamos mundo sensível. Deste Deus, o mundo sensível foi feito imagem, posto que o mundo imita a eternidade. Pois o tempo, por muito que sempre esteja em movimento possui a força e a natureza da estabilidade sob uma modalidade que lhe é própria, em virtude dessa própria necessidade que o força voltar a seu princípio. Por isto, ainda que a eternidade seja estável, imóvel e fixa, supondo que o curso do tempo, que é móvel, sempre é devolvido à eternidade e supondo que esse movimento segundo a própria lei do tempo, é uma revolução cíclica, segue-se que a própria eternidade, que, tomada independentemente, e imóvel, parece por sua vez estar em movimento devido ao tempo, pois ela mesma entra no tempo, neste tempo em que encontra lugar todo movimento. De onde se deduz que a estabilidade da eternidade comporta movimento e a mobilidade do tempo se torna estável graças à imutabilidade da lei que rege seu curso. Pois o movimento de sua estabilidade é imóvel devido à sua magnitude: porque a lei da imensidade implica a imobilidade. Assim, e este ser que é tal, que escapa ao domínio dos sentidos, não tem limites, ninguém pode abarcá-to ou medi-lo; não pode ser sustentado, nem levado, nem seguido ou perquirido; onde está, para onde vem, como se conduz, de que natureza é: tudo isto nos édesconhecido; move-se na sua estabilidade soberana e sua estabilidade move-se nele, seja esta Deus, ou a eternidade, ou ambos, ou um na outra, ou ambos em um e na outra. Por esta razão a eternidade não conhece os limites do tempo: por outro lado, ainda que seja possível delimitá-lo, seja através do número, ou pela mudança das estações ou pelo retorno periódico dos astros em sua revolução, o tempo é eterno. Assim os vemos a ambos, um e outro, igualmente infinitos, analogamente eternos: pois, sendo a estabilidade fixa a fim de poder servir de base a todos movimentos dos móveis, por esta mesma solidez ocupa com razão o primeiro posto.

32 Assim, as causas primeiras de tudo que existe são Deus e a eternidade. O mundo, supondo-se que seja móvel, não ocupa o primeiro lugar pois, nele, a mobilidade supera a estabilidade, enquanto possui por lei própria de seu movimento eterno, uma fixidez inalterável.

- O intelecto total que se assemelha à divindade, imóvel por si mesma, move-se em sua estabilidade: é santo, incorruptível, eterno e qualquer outra coisa melhor que ainda possa ser dita, se é que existe algum atributo melhor, posto que é a eternidade do Deus supremo a qual subsiste na verdade absoluta, infinitamente cheio de todas as formas sensíveis e da ordem universal, subsistindo, por assim dizer, com Deus. O intelecto do mundo, por sua vez, é o receptáculo de todas formas sensíveis e de todas as ordens particulares. Finalmente, o intelecto humano depende do poder de retenção próprio da memória, graças ao qual conserva a lembrança de suas experiências passadas. A divindade do intelecto se detém, em sua descida, no animal humano: pois o Deus supremo não quis que o intelecto divino fosse mesclar-se com todas as espécies viventes, por medo de ter que lamentar-se desta mescla com os viventes inferiores. O conhecimento que se pode adquirir do intelecto humano, de seu caráter, de seu poder, consiste inteiramente na lembrança de acontecimentos passados: pois graças a esta tenacidade da memória o ser humano foi capaz de governar também ele, a terra. A inteligência da Natureza e o caráter do intelecto do mundo podem ser vistos a fundo mediante a observação de todas formas sensiveis que existem no mundo. O intelecto da eternidade que está em segundo lugar, se dá a conhecer e seu caráter pode ser discernido pela observação do mundo sensível. Porém o conhecimento que se pode obter do caráter do intelecto do Deus supremo e o próprio caráter desse intelecto são a verdade completamente pura e desta não se pode discernir no mundo, ainda que de modo confuso, nenhuma sombra. Pois onde nada se dá a conhecer que sob a medida do tempo, há uma mentira, onde há começo no tempo, há erro. Vês, pois, Asclépios, como instalados em tão profunda profundidade, tratamos temas tão elevados e a que sublimidades desejamos chegar. Porém é a ti, Deus Altíssimo, a quem dou graças, a ti que me iluminastes com a luz que consiste na visão da divindade. Quanto a vós, ó Tat, Asclépios e Hammon; guardai

estes mistérios divinos no segredo de vossos corações, cobrindo-o de silêncio e mantendo-os ocultos.

Existe esta diferença entre a inteligência humana e o intelecto do mundo, que nossa inteligência chega à força de aplicação, a captar e a discernir o caráter do intelecto do mundo, enquanto que o intelecto do mundo se eleva ao conhecimento da eternidade e dos deuses que estão, acima dele. Desta maneira indireta se dá a conhecer a nós, os homens, o poder ver, como através da névoa, as coisas do céu, tanto quanto o permite a condição do espírito humano. Indubitavelmente, quando se trata de contemplar objetos tão altos, nossa capacidade de visão possui limites bem estreitos: porém uma vez tenha visto, a felicidade da alma que conhece é imensa.

33 - Acerca do vazio ao qual a maior parte atribui tanta importância, eis aqui minha opinão: não há vazio de classe alguma, não pode ter existido e não existirá jamais. Porque todas as partes do mundo estão completamente cheias, de modo que o próprio mundo está cheio e totalmente acabado graças a corpos que diferem em qualidade e forma e que possuem cada um sua figura e magnitude próprias: um maior, outro menor, um mais denso, outro menos denso. Desses corpos, os que são mais densos são visíveis ao primeiro golpe de vista, bem como os que são maiores; os corpos menores ou mais tênues são apenas visíveis ou não o são em absoluto e só se conhece a sua existência por meio do tato. De onde decorre freqüentemente não sejam tomados como corpos mas como espaços vazios, o que é impossível. Pois, da mesma maneira que o que se chama espaço fora do mundo, se é que realmente existe algo assim (o que não creio), deve estar, em minha opinião, cheio de seres inteligíveis, isto é, semelhantes à divindade deste espaço, também este mundo que se chama sensível está absolutamente repleto de corpos e de viventes em relação com sua natureza e qualidade; porém as verdadeiras formas destes corpos nem sempre nos são evidentes: vemos algumas maiores do que são efetivamente, as outras realmente muito pequenas, de modo que pela extrema distância que nos separa delas ou pela debilidade de nossa vista nos parecem assim, ou ainda, seu excessivamente diminuto tamanho induz a maioria a negar de forma absoluta a existência delas. Refiro-me neste momento aos daimons que, estou seguro, habitam conosco e aos heróis, que moram, em minha opinião, entre a parte mais pura do ar, acima de nós e esses lugares em que não se acham nem bruma nem nuvens e cuja paz não é perturbada pelo movimento de nenhum corpo celeste. Guarda-to pois, ó Asclépios, de chamar "vazio" a algum objeto, a menos que digas também, de que está vazio o que chamas vazio, como "vazio de" fogo, ou de água, ou de qualquer outra coisa semelhante, pois ainda quando chega a ocasião de ver um objeto que possa estar vazio destas coisas, por muito pequeno ou grande que seja o que parece vazio, não é possível todavia, que esteja vazio de ar.

34 Outro tanto tem que ser dito de `locus': esta palavra absolutamente desprovida de sentido, se a tomarmos absolutamente. Pois não se vê o lugar (locus) e o que é, a menos que se observe de que é o lugar. Abandonando-se o elemento capital, a significação da palavra fica incompleta. Por isto diremos, com razão: o lugar da água, o lugar do fogo, ou de outras coisas semelhantes. Como é impossível que haja algo vazio, também não se pode reconhecer o que seja o lugar tomado por si só. Pois se supõe um lugar sem o objeto de que é lugar, este lugar parecerá vazio: bem, segundo digo, não existe lugar vazio no mundo. Se nada está vazio, não se pode ver que coisa poderá ser o lugar em si, a não ser que se lhe acrescente, como ao corpo humano, as determinações de comprimento, largura e altura.

- Nestas condições, ó Asclépios e vós que estais presente, sabei que o mundo inteligível, isto é, o que não é percebido a não ser pelos olhos da inteligência é incorpóreo e que nada corporal pode mesclar-se a sua natureza, nada que possa ser definido pela qualidade, pela quantidade ou pelo número: por que nele não há nada semelhante a isto.

Este mundo dito sensível é o receptáculo de todas qualidades ou substâncias das formas sensíveis e todo esse conjunto não pode ter vida sem Deus. Porque Deus é as coisas, vem de si e dependem de sua vontade. Este Todo é bom, belo, sábio, inimitável, não é perceptível e inteligível a não ser para si mesmo e sem ele nada foi, nada é, nada será. Pois tudo vem dele,

tudo está nele, tudo é por ele, e as qualidades de todas classes e de toda figura, e as magnitudes enormes, e as dimensões que superam, e toda medida e as formas de toda espécie, compreende estas coisas, Asclépios, e darás graças a Deus. Porém se chegas a alcançar conhecimento acerca deste Todo compreenderás que em verdade o próprio mundo sensível, com tudo o que contém, está rodeado como por uma vestimenta pelo mundo superior.

35 Em cada gênero de viventes, Asclépios, seja qual for o vivente, mortal ou imortal, racional ou irracional, dotado de alma ou não, cada indivíduo, segundo o gênero a que pertence, leva a marca de seu gênero. E ainda que todo gênero de seres viventes possua inteiramente a forma própria de seu gênero, nem por isso deixam de diferir entre si os indivíduos dentro da mesma forma: por exemplo, ainda que o gênero humano não possua mais que uma forma comum, de modo e se reconhecer e um ser humano com o simples olhar, todavia, os indivíduos diferem entre si dentro da mesma forma. Pois o tipo ideal que vem de Deus é incorpóréo e também tudo o que é apreendido pelo espírito. Assim, supondo-se que os dois elementos de que estão constituídas as formas são corpos e não corpos, não é possível que uma forma individual nasça inteiramente semelhante a outra em diferentes pontos do tempo e em distintas latitudes, pelo contrário, estas formas mudam tantas vezes quantos momentos tem uma hora durante a revolução do círculo em cujo interior reside o grande deus que chamamos Omniforme. Assim, o tipo genérico permanece imutável por mais que engendre fora de si tantas cópias de si mesmo, em tão grande número e tão diversas, como momentos suporta a revolução do mundo, pois o mundo muda no curso da sua revolução, enquanto que o tipo não muda e não está submetido à revolução. Assim, portanto, as formas de cada gênero permanecem imutáveis apesar de implicar diferenças do mesmo tipo que lhes é próprio.

36 - O mundo muda também de aparência, ó Trismegistos?

- Já o vês, Asclépios, estas indicações que acabo de dar é como se as tivesse dado a uma pessoa que dorme. Que é o mundo e de que se compõe senão das coisas que vieram a ser? Tua pergunta se refere ao céu, à terra e aos elementos, não é? Pois bem, que existe que mais continuamente mude de aparência? O céu está frio ou quente, úmido ou seco, claro ou nublado - todas estas mudanças se dão num mesmo tipo uniforme. A terra passa continuamente por múltiplas mudanças de aspecto, quando está gerando seus meses, quando nutre o que fez nascer, quando varia e diversifica as qualidades e tamanhos de seus produtos, os momentos de parada ou avanço de seu crescimento, e antes de tudo, as qualidades, odores, sabores e formas das árvores, das flores e dos frutos. O fogo conhece muitas transformações divinas. As figuras do sol e da lua se revestem também de toda classe de aspectos: parecem-se de certo modo a nossos espelhos que devolvem as cópias das imagens com um brilho que rivaliza com a realidade.

37 Porém já falamos o suficiente acerca deste tema.

- Voltemos ao ser humano e à razão, dom divino pelo qual o ser humano recebeu a designação de animal racional. O que já dissemos do ser humano já é maravilhoso, porém essas maravilhas não valem a seguinte: o que move ou impõe sobretudo a admiração é que o ser humano foi capaz de descobrir a natureza dos deuses e de produzi-la Nossos primeiros antepassados depois de terem se equivocado seriamente a respeito da verdadeira doutrina acerca dos deuses - não acreditavam, nem se preocupavam com o culto ou religião, de uma forma absoluta, inventaram a arte de fazer deuses, logo, assim que os fizeram, vincularam a eles uma virtude adequada, que inferiam da natureza material, e misturando esta virtude com a substância das estátuas, dado que não podiam criar almas propriamente ditas, depois de terem invocado almas de daimons, as introduziram em seus ídolos por meio de rituais santos e divinos, de modo que estes ídolos tiveram o poder de fazer o bem e o mal.

Este é o caso, ó Asclépios, de teu avô, o primeiro inventor da arte de curar, e quem se dedicou sobre o monte da Líbia, perto do rio dos crocodilos, um templo em que jaz o que nele foi o ser humano terrestre, isto é, o corpo - pois o resto, ou melhor, o todo dele, se é verdade que o todo do ser humano consiste no que possui o sentimento da vida, regressou, feliz, ao céu - e que, todavia, na atualidade, em virtude de seu poder divino dá aos homens, em suas enfermidades, todas as classes de remédios que lhe dava já em outro tempo por meio do exercício de sua arte de

médico. Assim também, meu antepassado Hermes, cujo nome levo, não é, por acaso, verdade que reside na cidade natal chamada pelo seu nome, de onde concede ajuda e salvação a todos mortais que, de todas as partes procuram-no? Isis, finalmente, a esposa de Osíris, quantos benefícios concede, bem o sabemos, quando está propícia e quantos homens dana quando está irritada! Pois todos os deuses terrestres e materiais encolerizam-se facilmente, pois os homens compuseram-nos de uma e outra natureza. Eis portanto a razão de os egípcios reconhecerem oficialmente a estes animais sagrados que vemos e que adorem em cada cidade as almas daqueles que foram deificados em vida, até o ponto de existirem cidades que levam seus nomes e vivem sob suas leis. E como os animais adorados numa cidade não são reconhecidos em outra, as cidades do Egito vivem provocando, umas às outras, guerras.

38 - E de que ordem é a qualidade destes deuses que se chamam terrestres, ó Trismegistos?

- Resulta, Asclépios, de uma composição de ervas, pedras e perfumes que contêm em si mesmos uma virtude oculta de eficácia divina. E se alguém busca a maneira de agradá-los através de numerosos sacrifícios, hinos, cantos de louvor, concertos de som dulcíssimos que recordem a harmonia celestial, é para que este elemento celestial que foi introduzido no ídolo por meio da prática repetida de ritos celestiais possa suportar alegremente esta larga permanência entre os humanos. Esta é a maneira pela qual o ser humano fabrica deuses.

- Porém, não creias, Asclépios, que os deuses terrestres exercem sua influência ao acaso. Entre os deuses celestes que habitam nas alturas do céu, cada um possui e conserva o lugar que lhe foi destinado por sua vez, nossos deuses terrestres oferecem sua ajuda ao ser humano como por um parentesco, velando sobre os detalhes das coisas, anunciando o futuro por meio das sortes ou adivinhações, provendo a certas necessidades, e por meio disso nos assistem cada um à sua maneira.

39 - Mas então, ó Trismegistos, que parte do plano divino é administrada por Heimarmene, isto é, o destino? Por acaso não possuem os deuses celestiais todo o governo da universalidade das coisas e os deuses terrestres a administração de todos seus detalhes?

O que chamamos Heimarmene, Asclépios, é esta necessidade que domina o curso total dos acontecimentos, ligando-os uns aos outros por meio de uma cadeia contínua. É, pois, o bem e causa que produz as coisas, ou o Deus supremo, ou a ordem universal das coisas celestiais e terrestres fixadas por leis divinas. Assim, esta Heimarmene e a Necessidade estão inseparavelmente unidas entre si por uma espécie de aglutinante sólido: e Heimarmene se acha em primeiro lugar, gerando o começo das coisas, enquanto que a Necessidade faz com que cheguem, por força, e seu efeito, estas coisas que começaram a ser graças à ação da Heimarmene. Uma e outra tem como conseqüência a Ordem, isto é, a contextura e a sucessão temporal de tudo o que deve realizar-se. Nada com efeito escapa às disposições da Ordem, e esta bela ordenação se cumpre nas coisas, pois o próprio mundo segue a Ordem em seu movimento; mais ainda, não se mantém em sua totalidade se não receber o concurso da Ordem.

40 Portanto, estes três princípios, e Heimarmene, a Necessidade e a Ordem, ocupam o mais alto grau nas criações da vontade divina, que governa o mundo por meio de sua lei segundo seus divinos desígnios. Por isto Deus deixou-lhes toda a vontade de obrar ou não obrar. Sem que nunca sejam turbados pela cólera, sem que o favoritismo os persuada, obedecem à coação da lei eterna que não é outra que a própria eternidade, inevitável, imóvel, indissolúvel. Em primeiro lugar, pois, está a Heimarmene que, tendo deitado, por assim dizer, a semente, faz que sc produza, uma após as outras, toda série de coisas futuras; segue-se a Necessidade, que é a força que obriga as coisas a chegar a seu término efetivo; e a terceira é a Ordem, a qual mantém a conexão de todos os acontecimentos que foram determinados pela Heimarmene a Necessidade. É, pois, a eternidade, que não tem começo nem fim, e que determina na lei imutável de seu curso, realiza sua revolução por meio de um movimento perpétuo, que nasce incessantemente e deve morrer em alguma de suas partes, de forma que, graças à mudança dos instantes, e parte que nela tenha morrido é a mesma em que renasce: tal é com efeito o movimento circular, princípio de rotação, que tudo nele está tão bem ligado que já não se sabe onde começa a

rotação, se é que começa, porque os pontos parecem preceder-se é seguir-se. Todavia, há no mundo acidente e acaso, mesclados como estão e tudo o que procede da matéria.

- Falei de cada uma das coisas, na medida que pude segundo minhas humanas forças e na medida que a divindade o quis e permitiu. Resta-nos apenas bendizer a Deus em nossas preces, e voltar ao cuidado do corpo: nossas almas tiveram, se podemos assim falar, sua plena ração no decorrer desta conversação acerca das coisas divinas.

41 Tendo saído então, do fundo do santuário, puseram-se a adorar a Deus, olhando para o Sul - pois quando alguém quer dirigir-se a Deus ao pôr do sol é para ali que deve olhar, do mesmo modo que ao nascer do sol deve olhar para o Leste e começavam já a pronunciar a fórmula quando Asclépios disse em voz baixa:

- Oh! Tat! Queres que proponhamos a teu pai que faça acompanhar nossas preces com incenso a perfumes?

Porém Trismegistos ouviu-o e muito comovido o atalhou:

- Silêncio, silêncio, Asclépios! É uma espécie de sacrilégio quando se faz oração a Deus queimar incenso e tudo o mais. Pois nada falta a ele que é as coisas e em quem são as coisas. De nossa parte, pois, adoremo-te por meio de ações de graças: este é, em verdade, o mais belo incenso que se pode oferecer a Deus, a ação de graças dos mortais.

- Damos-te graças, Altíssimo, que ultrapassas infinitamente as coisas, pois por teu favor obtivemos esta luz tão grande que permite conhecer-te, Nome santo e digno de reverência, Nome único pelo qual Deus somente deve ser bendito segundo a religião de nossos maiores, posto que dignas outorgar a todos os seres teu afeto paternal, teus cuidados solícitos, teu amor e tudo aquilo que pode existir de virtude benfeitora mais doce ainda, fazendo-nos dom do intelecto, da razão, do conhecimento: do intelecto, para que possamos conhecer-te; e da razão, para que, por meio de nossas instituições, alcancemos o fim de nossas investigações; do conhecimento, para que conhecendo-te, gozemos. Regozijamo-nos, pois, salvos por teu poder, de que te hajas manifestado, a nós, inteiramente, regozijamo-nos de que, ainda encontrando-nos nesta carne tenhas to dignado consagrar-nos à eternidade. O único meio que o ser humano possui de te dar graças e conhecer tua majestade. Nós te conhecemos, a ti e a esta luz imensa que somente o espírito capta; o compreendemos, oh! verdadeira vida da vida, o seio que porta tudo o que vem a ser! Conhecemos a ti, permanência eterna de toda natureza infinitamente repleta de tua obra procriadora. Nesta prece, em que adoramos o bem de tua bondade, pedimos apenas uma coisa: fazei com que nos conservemos perseverantes no amor de teu conhecimento e que não nos afastemos nunca deste gênero de vida.

Com estes desejos, fomos ceiar, uma ceia pura, que não foi manchada por nenhum alimento que tivesse tido vida.

Rota da Imortalidade

"Providência e Alma sejam-me favoráveis, a mim que escrevo estes mistérios que me foram transmitidos! Só peço a imortalidade para meu filho, mestre desta poderosa arte que praticamos e que o poderoso e grande deus Hélio Mithra ordenou que me fosse comunicada por seu daimon a fim de que apenas eu, em minha peregrinação, alcance os céus e contemple todas as coisas."

Invocação

"Geração primeira de minha geração. Princípio primeiro de meu princípio, Sopro do sopro, do sopro em meu Sopro primeiro, Fogo que, dentre as misturas que existem em mim foi dado por Deus para minha mistura, fogo em meu Fogo primeiro, Água da água, da minha Água primeira, Substância terrosa que está em mim, Corpo Perfeito de mim, trabalhado por um braço glorioso e por mão imortal no mundo sombrio e luminoso, no animado e inanimado - se quiserdes transmitir-me e comunicar o nascimento da imortalidade, a mim que ainda estou na

condição natural eu poderia após a violenta contrariedade da iminente Fatalidade, contemplar o Princípio imortal graças ao sopro imortal, à água imortal, ao ar sólido, poderia ser regenerado em espírito e que sopra em mim o fogo sagrado, poderia admirar o fogo sagrado, poderia ser o abismo do Oriente, a água terrível, e que me ouça o éter que dá a vida e que se propaga em torno das coisas pois, devo contemplar hoje, com meus olhos imortais nascido mortal de matriz mortal, mas exaltado por uma força poderosa e por uma destra imperecível, graças ao sopro imortal, imortal Aíòn, o soberano dos diademas de fogo, santamente sacrificado pelas purificações santas, enquanto um pouco de minha natureza humana, por um pouco de tempo, foge de mim e que novamente terei, não diminuída, após a prova dolorosa da iminente Fatalidade, eu . . . . filho de . . . . , segundo o decreto imutável de Deus. Já que não me é possível, nasci mortal, elevar-me com os raios de ouro da claridade inextinguível, fica tranqüila. Natureza perecível dos mortais e toma-me no campo são e salvo, após a prova da impiedosa Fatalidade. Pois eu sou o filho."

Tira dos raios o sopro, ao aspirar com toda a força verás que te tornarás leve e que ascenderás no espaço de modo que ficarás no ar. Nada ouvirás nem ser humano nem animal, porém muito menos verás, nessa hora, as coisas mortais da terra, só verás a imortalidade. Pois verás a posição divina dos astros desse dia e da hora, os deuses que presidem a esse dia, uns subindo aos céus, outros descendo. A viagem dos deuses visíveis através do disco solar te será manifesta, o mesmo quanto ao que se chama 'a flauta' de onde sai o vento que está em movimento. Pois verás suspensa no disco, como que uma flauta dirigida para o lado oeste, no infinito com vento do leste, se a direção assinalada for o leste, nesse caso o vento oposto possivelmente se dirigirá para esta região, verás o movimento giratório da imagem. Os deuses te fixarão e te hostilizarão. Nesse momento coloca imediatamente o teu dedo indicador sobre os lábios e dize: "Silêncio, Silêncio, símbolo do deus vivo imortal, protege-me, Silêncio! "Em seguida dá dois longos assobios, depois estala a língua e dize: `Tu que lanças teus raios de esplendor, Deus da Luz" e então verás os deuses olharem benevolamente; não mais investirão; um e um, cada deus voltará a seu lugar, onde deve agir. Quando por fim vires que o mundo lá de cima se fecha em círculos, que nenhum dos deuses nem dos daimons está contra ti, prepara-te para ouvir um formidável roncar de trovão que te deixará estupefato. Então dize: "Silêncio, silêncio... sou um astro que leva consigo seu rumo, se bem que provenha das profundidades." Dá dois assobios, estala a língua duas vezes e verás imediatamente os astros deslocarem-se do disco e virem até ti, grandes como a palma da mão; haverá muitos deles e encherão o ar à tua volta. Dize: "Silêncio, Silêncio." E quando o disco se abrir verás um círculo no fogo e as portas de fogo fechadas. Então pronuncia o que segue, de olhos fechados.

"Ouve-me, escuta minha prece, eu . . . . , filho de . . . . , Senhor que pelo sopro fechou as portas de fogo da quarta zona, Guardião do fogo, Criador da Luz, deus do sopro de fogo, deus de coração de fogo, Espírito da Luz, tu que o fogo alegra, esplendor da luz, Aíòn, soberano da luz, deus com corpo de Fogo, espírito da luz, alegrado pelo fogo, doador do fogo, semeador do fogo, manipulador do fogo, intenso como a luz, tu que impeles o fogo como cascata rumorejante e turbilhonante, tu que moves a luz, manipulador do raio, glória da luz, gerador da luz, mantenedor da luz através do fogo, domador dos astros. Abre-me, assim o invoco, em virtude da cruel e impiedosa Fatalidade iminente, os nomes que nunca tiveram um lugar na natureza, que jamais articulou a língua humana, som ou voz de um mortal, os nomes eternamente vivos e gloriosos."

Pronuncia todos esses nomes com o fogo e o sopro, dizendo uma vez a série completa e depois recomeçando uma segunda vez até que tenhas designado os sete deuses imortais do mundo. Quando acabares de designar estes nomes escutarás os furores do trovão e o ribombar no ar que te envolve; ao mesmo tempo sentirás um forte abalo. Dize então novamente `Silêncio' e o mais, abre em seguida os olhos e verás as grandes portas abertas e o mundo dos deuses por trás daquelas portas e em virtude da alegria e voluptuosidade que essa visão proporciona, teu espírito desejará subir até ali. Permanece onde estás e olhando fixamente para este mundo divino acalma-te. Quando tua alma estiver em calma dize: "Vem a mim, Senhor". Quando tiveres assim falado

os raios se voltarão contra ti. Olha para o meio deles, verás um deus muito jovem e de bela aparência, com cabelos de fogo, com túnica branca e clâmide purpúrea, tendo na cabeça uma coroa ígnea.

Quando então se erguerem de ambos os lados em fileiras, como uma guarda ameaçadora, olha fixamente para o ar à tua frente e verás caírem raios, brilhar uma luz corruscante, a terra tremer, e descerá um deus gigantesco, com rosto lumífero, muito jovem, com os cabelos de ouro, tendo na mão direita a espádua de um bezerro de ouro, isto é, a Ursa que move o céu e o faz girar em sentido contrário, que de momento em momento sobe e torna a descer o pólo. Na seqüência verás sair dos olhos do deus: raios e de seu corpo: estrelas. Solta então um longo gemido apertando as ilhargas para acordar de uma só vez, longamente até o esgotamento beija de novo os filactérios e dize: "Vida de (Osíris (?)) . . . ., permaneça comigo em minha alma, não me abandones pois esta é a ordem de (Ra (?)) . . . ." Fixa o deus, emitindo um longo gemido e o saúda nestes termos: "Salve, Senhor, Mestre da água, salve, Criador da terra, salve Príncipe do alento, deus de brilho resplandescente. Dá-me um oráculo, Senhor, acerca da presente conjuntura. Senhor, Mestre da água, renascido, eis que me vou, cresci e já morro, nascido de um nascimento que dá vida, eu morro para dissolvido entrar na morte, segundo o que estabelecestes, segundo o que instituíste ao fundar o mistério. E então ser-te-á dado o oráculo. Será separado de tua alma, não mais estarás em ti mesmo quando ele responder. O oráculo te será dado em versos e o deus, após ter-te dito, irá embora. E tu permanecerás em silêncio pois compreenderás tudo por ti mesmo e então reterás na íntegra as palavras do grande deus, mesmo que o oráculo contenha mil versos."

TÁBUA DE ESMERALDA

Figura 1 - Alegoria alquímica da Tábua de Esmeralda do século 17

"É verdadeiro, completo, claro e certo. O que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é igual ao que está embaixo, para realizar os milagres de uma única coisa. Ao mesmo tempo, as coisas foram e vieram do Um, desse modo as coisas nasceram dessa coisa única por adoção. O Sol é o pai, a Lua a mãe, o vento o embalou em seu ventre, a Terra é sua ama; o Thelema do mundo está aqui. Seu poder não tem limites na Terra. Separarás a Terra do Fogo, o sutil do espesso, docemente com grande perícia. Sobe da Terra para o céu e desce novamente à Terra e recolhe a força das coisas superiores e inferiores. Desse modo obterás a glória do mundo e as trevas se afastarão. É a força de toda força, pois vencerá a coisa sutil e penetrará na coisa espessa. Assim o mundo foi criado."

Esta é a fonte das admiráveis adaptações aqui indicadas. Por esta razão fui chamado de Hermes Trismegistos, pois possuo as três partes da filosofia universal. O que eu disse da Obra Solar é completo.